



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Tarso Germany Dornelles

**“Você está indo para onde?”:**  
relações afetivas do corpo-paisagem de pessoas cegas na cidade

Florianópolis  
2021

Tarso Germany Dornelles

**“Você está indo para onde?”: relações afetivas do corpo-paisagem de pessoas cegas na cidade**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre em Geografia.  
Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ruth Emília Nogueira.  
Coorientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leila Christina Duarte Dias.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dornelles, Tarso Germany

"Você está indo para onde?" : relações afetivas do corpo  
paisagem de pessoas cegas na cidade / Tarso Germany  
Dornelles ; orientador, Ruth Emília Nogueira,  
coorientador, Leila Christina Duarte Dias, 2021.  
161 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Teoria não-representacional. 3. Corpo  
paisagem. 4. Modelo social de deficiência. I. Nogueira,  
Ruth Emília . II. Dias, Leila Christina Duarte . III.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em Geografia. IV. Título.

Tarso Germany Dornelles

**“Você está indo para onde?”: relações afetivas do corpo-paisagem de pessoas cegas na cidade**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof<sup>ª</sup>. Marivete Gesser, Dr<sup>ª</sup>.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup>. Rosemy da Silva Nascimento, Dr<sup>ª</sup>.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup>. Gabriela Alexandre Custódio Rocco, Dr<sup>ª</sup>.

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Geografia.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ruth Emília Nogueira

Orientadora

Florianópolis, 2021.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço minha mãe, Marcia Regina Germany Dornelles pela vida e por confiar em mim incondicionalmente. Meu pai, Luis Antonio Toscani Dornelles, por ter me feito um ser político e convicto. A ambos, obrigado por nunca me deixarem faltar uma oportunidade e por sempre acreditarem que eu era capaz.

Meus irmãos e meus avós, agradeço pelo amor incondicional.

Obrigado à professora Ruth E. Nogueira pelos seis anos de orientação, aprendizado e pela oportunidade para que eu pudesse concluir minha pesquisa. À professora Leila Dias por me mostrar que a Geografia é múltipla e tem inúmeras possibilidades. Às duas por não desistirem de minha pesquisa e sempre tentarem me incentivar.

Agradeço a professora Marivete Gesser e o professor Adriano Henrique Nuernberg, que colaboraram com uma nova compreensão de deficiência em minha vida.

Sou grato também aos caminhantes que me acompanharam nesta pesquisa pelos aprendizados e pelas paisagens que me apresentaram. A todos os amigos com deficiência que construí por causa do modelo social, obrigado, vocês mudaram minha vida.

Agradeço a Maíra Abreu Guimarães pelo amor, segurança e cumplicidade; também a Carol Volkart pela amizade e pelo empurrão na reta final da pesquisa.

Agradeço todos que me receberam em Florianópolis e tornaram esta cidade incrível abrindo um espaço em suas casas para eu morar: Rodrigo Mineiro, Cleison Pará, Tiago Guapo, Lorena, Pedro, Carla, Dara e Gabi.

Aos companheiros de AGB que me mostraram qual Geografia eu gostaria de construir, meu agradecimento.

Agradeço a Bianca Proença, que sempre acompanhou meus passos e a quem sempre acompanhei também.

Tamara e Geisa, obrigado por serem colegas incríveis.

Todos os amigos que fiz para vida toda nesta nova cidade que escolhi para viver: muito obrigado.

## RESUMO

Este trabalho busca compreender como se dá a relação corpo-paisagem de pessoas cegas em caminhadas na cidade. Por isso, tem como objetivo geral investigar como acontece a relação corpo-paisagem na realização de caminhadas urbanas por pessoas cegas. Realizaram-se caminhadas acompanhadas com três pessoas na cidade de Florianópolis em rotas escolhidas pelos caminhantes. A metodologia que baseou a análise está calcada na teoria não-representacional e fez-se uso de métodos de caminhada para que fosse possível perceber quais afetos estão presentes no deslocamento dessas pessoas. As rotas foram transcritas e classificadas em conceitos; três destes vieram à tona nas análises: barreiras, corpo e ajuda. A partir dessas análises percebeu-se que essas pessoas são envolvidas por muitos afetos transmitidos pelas paisagens que impactam em seu deslocamento e que não é possível criar generalizações de como se dá essa relação.

**Palavras-chave:** Teoria não-representacional. Corpo-paisagem. Modelo social de deficiência.

## **ABSTRACT**

This work seeks to understand how occurs the body-landscape relationship of blind people on walks in the city. Its general objective is to investigate how the body-landscape relationship takes place in urban walking by blind people. Accompanied walks were carried out with three people in the city of Florianópolis on routes chosen by hikers. The methodology's analysis is based on the non-representational theory so that it was possible to perceive which affects are present in the displacement of these people. The routes were transcribed and classified into concepts; three of these surfaced in the analyzes: barriers, body and help. It was possible to notice that these people are involved by many affections transmitted by the landscapes that impact their displacement.

**Keywords:** Non-representational theory. Body-landscape. Social model of disability.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da cidade de Florianópolis indicando em quais partes as rotas ocorreram.....	68
Figura 2 - Planta baixa do Terminal de Integração do Centro (TICICEN).....	71



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

LBI Lei Brasileira de Inclusão

TICEN Terminal de Integração do Centro

TILAG Terminal de Integração da Lagoa

TITRI Terminal de integração da Trindade

TNR Teoria não representacional

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>19</b>
2.1	TEORIAS NÃO REPRESENTACIONAIS .....	19
<b>2.1.1</b>	<b>Teoria não representacional: conceitos importantes.....</b>	<b>21</b>
2.2	PAISAGEM E o corpo deficiente.....	24
<b>2.2.1</b>	<b>Evolução do conceito geográfico de paisagem.....</b>	<b>24</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Paisagem neste trabalho.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Corpo .....</b>	<b>34</b>
<b>2.2.4</b>	<b>Como a cidade e o corpo se relacionam? .....</b>	<b>36</b>
2.3	MODELOS DE DEFICIÊNCIA .....	48
2.4	CONSEQUÊNCIAS DAS TEORIAS NÃO REPRESENTACIONAIS PARA AS METODOLOGIAS .....	57
2.5	OS MÉTODOS DE CAMINHADA.....	59
<b>2.5.1</b>	<b>Observações sobre o método da caminhada.....</b>	<b>61</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>63</b>
3.1	O MÉTODO DE CAMINHADAS .....	63
<b>3.1.1</b>	<b>Explicando escolhas .....</b>	<b>64</b>
3.2	OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	65
3.3	CARACTERIZANDO FLORIANÓPOLIS .....	66
3.4	AS ROTAS EFETUADAS NAS CAMINHADAS.....	67
<b>3.4.1</b>	<b>ROTA de caminhada com A.....</b>	<b>69</b>
<b>3.4.2</b>	<b>ROTA de caminhada com S .....</b>	<b>72</b>
<b>3.4.3</b>	<b>ROTA de caminhada com G.....</b>	<b>74</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISES E RESULTADOS .....</b>	<b>77</b>
4.1	REFLEXÕES SOBRE A PAISAGEM E O CORPO CEGO NA CIDADE .....	77

<b>4.1.1</b>	<b>Barreiras.....</b>	<b>77</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Corpo .....</b>	<b>85</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Ajuda.....</b>	<b>96</b>
<b>4.2</b>	<b>MAIS ALGUMAS PALAVRAS .....</b>	<b>108</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>113</b>
	<b>APÊNDICE A – Transcrição de caminhada – A.....</b>	<b>118</b>
	<b>APÊNDICE B – transcrição de caminhada – S.....</b>	<b>129</b>
	<b>APÊNDICE C – transcrição de caminhada – G.....</b>	<b>143</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Diariamente a maior parte das pessoas se desloca pela cidade para executar diversas tarefas, como trabalhar, estudar, se divertir etc. Para isso, essas pessoas seguem caminhos predefinidos ou não que as levam aos seus objetivos. Tais rotas que são feitas no dia a dia são carregadas de subjetividades que colaboram com a definição de realizar determinado caminho ou outro. Entre estas subjetividades, podemos encontrar fatores de segurança, distância, quantidade de pessoas, entre outros, mas um dos principais pontos é o reconhecimento da rota. Para realizarmos uma rota, construímos diversos pontos de referência, como o prédio branco na esquina, ou o restaurante que tem bom preço no meio da quadra, isso é perceptível quando pensamos que, para sabermos a rua na qual estamos, não precisamos contar esquina por esquina para definir onde deveríamos virar.

Cabe ainda pontuar que essas referências se dão de forma automatizada, ou seja, não é necessário pensar a cada momento sobre elas: eu estou na rua X por que aqui tem o prédio branco e o restaurante. Ao mesmo tempo que executamos nossas rotas, fazemos inúmeras diferentes tarefas, pensamos em uma grande variedade de coisas e, mesmo assim, é muito raro entrarmos em uma rua equivocada ou passar do lugar onde vamos todos os dias. Esses apontamentos também são verdadeiros quando falamos em pessoas cegas, pois com a inclusão dessas pessoas no mercado de trabalho e na vida funcional da cidade elas também tem a necessidade de se deslocar regularmente para trabalhar e cumprir seus afazeres.

Entretanto, diferentemente de quem vê, os cegos não se utilizam de referências visuais para reconhecer as rotas que fazem e já fizeram um dia. Por exemplo, o prédio branco da esquina para quem não vê talvez não faça sentido, mas o restaurante pode servir como referência, não apenas por ele ter bom preço ou estar no meio da quadra, mas sim porque a maior parte dos restaurantes possui um cheiro característico de comida, o qual pode servir de referência para a pessoa cega se orientar e reconhecer o caminho que está fazendo. A referência pode ser olfativa, como no caso apresentado, mas também pode ser tátil, como uma loja que mantenha o ar-condicionado forte, ou ainda um calçamento que muda da frente de uma casa para outra. Pode ser auditiva, como uma rua que se caracteriza por grande movimento de carros, ou um cachorro que sempre vai latir no momento que uma pessoa passar. Todas essas referências não existem apenas para pessoas cegas, elas, junto das referências visuais mencionadas no princípio, são partes constituintes da paisagem de uma

cidade; essa paisagem é constantemente modificada, mas, ao mesmo tempo, ela preserva características que continuam a servir de indicativo para todas as pessoas.

O conceito de Paisagem, bem como os de Espaço, Território, Lugar, Região e Ambiente, protagonizam os debates da ciência geográfica. Segundo Suertegaray (2001), essa ciência, desde seu princípio, busca estudar a relação do ser humano com o meio, compreendido primeiramente como o entorno natural.

Com a evolução dos debates, essa perspectiva se modificou, e o conceito de paisagem também tomou outras formas, nas quais diferentes maneiras de compreender o mundo e a Geografia são contempladas. Para compreender melhor as rotas e as escolhas que as pessoas cegas realizam, utilizo os conceitos de paisagem e corpo, buscando perceber de que forma a cidade e suas organizações interferem ou não no deslocamento dessas pessoas.

Esta pesquisa surge da necessidade de discussões referentes a conceitos geográficos a partir de discursos não hegemônicos, neste caso, o autor que propõe o debate é cego, geógrafo e sentiu a necessidade de um debate não visiocentrista referente ao conceito de paisagem, o qual, na Geografia e em outras ciências, é relacionado à visão.

Corpo e paisagem, nesta pesquisa, são compreendidos como conceitos que se relacionam: corpo será um conceito que fala sobre aprendizagem, e paisagem um conceito sobre a relação do corpo com o mundo. Com isso posto, chego à questão que orienta esta pesquisa: como se dá a relação corpo-paisagem de pessoas cegas em caminhadas na cidade?

Algumas pesquisas já buscaram relacionar as paisagens urbanas e as pessoas cegas. Ao procurar no Google os termos “paisagem geográfica cegos”, “paisagem urbana deficientes visuais” e variações, encontrei artigos, dissertações e teses que tiveram temas, problemáticas e/ou objetos de pesquisa que se relacionam com esta dissertação. Um resultado recorrente são artigos com pesquisas que buscam compreender como ocorre a construção de conceitos geográficos por estudantes cegos. Exemplos desse tipo de pesquisa estão em: Silva, Alencar e Ribeiro (2013), Custódio (2013), Sousa e Araújo (2015) e Ventorine e Silva (2018). Outro ponto comum nesses artigos é que todos foram realizados dentro de instituições para alunos cegos. Ao pesquisar “paisagens geográficas e estudantes cegos”, muitas outras pesquisas foram encontradas, mas, como meu trabalho não diz respeito à geografia escolar, optei por apontar apenas os resultados mais significativos para a problemática aqui proposta.

Outras ciências também se preocupam com a relação das pessoas cegas com o meio urbano. Uma importante contribuição vem da Antropologia, como nos trabalhos de Toledo e Eckert (2000), Von Der Weid (2015) e Lopes e Monteiro (2018). Esses estudos etnográficos

analisam de que forma as pessoas cegas vivem nas cidades e suas percepções sobre elas. A arquitetura também traz uma inestimável contribuição para estudar a relação de pessoas cegas e cidade; um ótimo exemplo é o trabalho de Valentini (2012), em que a autora estudou a percepção de paisagens urbanas das pessoas cegas, proposta esta que se aproxima muito da nossa e será tratada em vários momentos ao longo do trabalho.

A partir disso, apresento o objetivo geral desta pesquisa: investigar como acontece a relação corpo-paisagem na realização de caminhadas urbanas por pessoas cegas. Para atingir esse objetivo, parto da ideia de que corpo e paisagem são conceitos relacionais que o tempo todo se refazem, afetam e são afetados durante a caminhada de pessoas cegas. Então, investigar como esse processo se dá é o objetivo principal desta pesquisa.

O primeiro objetivo específico é buscar um método que permita refletir sobre a relação corpo-paisagem. Isso é importante porque foi necessário encontrar um método que contemplasse uma outra forma de se perceber paisagem dentro da Geografia e que compreendesse a especificidade dos corpos, no caso dessa pesquisa, corpos cegos.

O segundo objetivo específico é investigar como as caminhadas constituem as paisagens e os corpos com deficiência. Isso é importante porque, se corpo e paisagem são um processo, as caminhadas das pessoas cegas têm influência nele. Por isso, entender como as caminhadas participam desse processo colabora para responder a problemática.

O último objetivo específico é explorar as implicações do modelo social na compreensão de deficiência em um estudo prático por e com pessoas cegas; importante por este trabalho ser feito por um pesquisador cego, que realizou seu campo apenas acompanhando outras pessoas cegas em suas caminhadas. Então, o modelo social da deficiência e a proposta de se pensar o corpo com deficiência são muito significativos para esta pesquisa, pois pensar o corpo como possibilidade e não como limite permite muitas outras alternativas até mesmo para se fazer ciência.

Buscarei, nesta dissertação, não me referir à percepção de pessoas cegas como “ver com o corpo” ou “enxergar de outra maneira”, acredito que essas palavras, por mais que se discuta sua origem e sua conceituação, carregam consigo significados muito próximos à visão. Alguns trabalhos que utilizo nesta pesquisa como referência fazem uso desse recurso, mas eu utilizo o termo “percepção”, pois penso que este é mais universal e pode ser utilizado também para a visão.

Outra questão relativa à linguagem é a escolha de escrever este trabalho em primeira pessoa. Essa escolha aconteceu por ser um trabalho feito e escrito por um autor cego que fala

de situações relacionadas a ser corpo cego no mundo. A primeira pessoa do singular permite, pois, uma aproximação maior com o autor e os relatos que serão escritos. Apesar disso, reconheço que este trabalho, na verdade, foi construído em muitas mãos e pés. Menciono pés porque os caminhantes que dispuseram de seu tempo para me ensinar suas rotas são coautores desta pesquisa, junto a mim e minhas orientadoras.

Quanto à estrutura desta dissertação, a divido em cinco partes: INTRODUÇÃO, REFERENCIAL TEÓRICO, METODOLOGIA, ANÁLISES E RESULTADOS, CONSIDERAÇÕES FINAIS. No referencial teórico, apresento as bases teóricas que constroem esta pesquisa, inclusive o método, a Teoria não Representacional, que é o que aglutina os conceitos de Paisagem e Corpo, a partir de uma visão histórica e do que propõe Latour (1999), respectivamente. Em seguida, escrevo sobre a relação do corpo com a cidade em diferentes momentos da história, para compreender como evoluiu essa relação. Também trago um debate sobre os modelos de deficiência e sua evolução ao longo do tempo. Nessa parte, busco apresentar como compreendo deficiência e corpo com deficiência para realizar as análises dessa pesquisa. Para concluir a primeira parte, apresento os métodos de caminhada e a forma que esse novo método impacta nas formas de se realizar pesquisas.

Em Metodologia, trago os caminhos metodológicos percorridos. Primeiro falo sobre como realizei a pesquisa; em seguida, apresento os caminhantes e trago uma breve descrição de Florianópolis; apresento então as rotas que realizei junto aos caminhantes.

Em Análises e Resultados, trago as análises das caminhadas realizadas. Esse capítulo foi organizado a partir de três conceitos, Barreiras, Corpo e Ajuda, pois foram os que se mostraram mais relevantes ao analisar os dados.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, exponho o referencial teórico que embasa este trabalho. Apresento, pois, a teoria não representacional, pois esta é que traz sentido para os outros conceitos que vêm a seguir e para a forma que escolhi utilizá-los. Trago, além disso, o conceito de paisagem e a sua evolução ao longo do tempo, principalmente como conceito geográfico. Também apresento o conceito de corpo que utilizo ao longo da pesquisa junto a uma breve retomada da relação do corpo com a cidade ao longo do tempo. Discuto a evolução do conceito de deficiência e delimito a forma que penso esse conceito para ser possível discutir como as teorias não representacionais influenciam em metodologias e nos métodos de caminhadas, os quais eu utilizei para realizar esta pesquisa.

Julgo importante explicar o porquê de esses conceitos estarem reunidos nesta parte do trabalho. Para a teoria não representacional, corpo e paisagem se constituem no processo. O corpo, para Latour (1999), é aprender a ser afetado; como busquei neste trabalho compreender como o corpo de pessoas cegas se relaciona com a paisagem, foi necessário operar com um conceito de paisagem que permitisse falar sobre essa relação.

A partir dessas perspectivas e relações, fez-se interessante utilizar o modelo social da deficiência, a partir do qual se entende o corpo com deficiência não como um corpo incapaz, mas sim como um corpo com possibilidades, isso para compreender como essas possibilidades se dão dentro das paisagens urbanas. Afastei-me, portanto, do corpo biomédico, que aponta apenas as ausências. Então, escolhi os métodos de caminhada, que permitem buscar essas relações dos corpos ao andar pelas paisagens, diretamente no processo, e não na representação que cada um construiria posteriormente.

Utilizarei a caminhada como método a partir da perspectiva não representacional (MACPHERSON, 2007, 2010, 2016; ANDERSON; HARRISON, 2010; PAIVA, 2017, 2018; LORIMER, 2005; MIDDLETON, 2011), porque esta possibilita compreender o corpo e a paisagem como relacionais. Será necessário, por isso, começar apresentando brevemente os conceitos principais dessa teoria.

### 2.1 TEORIAS NÃO REPRESENTACIONAIS

As teorias não representacionais são uma linha de pensamento ligada à geografia cultural. Essas teorias buscam perceber e explicar os aspectos processuais e performativos da vida “comum”; Paiva (2017) as define como geografia do que acontece. Conforme o autor (PAIVA, 2017, p. 160) “[...] as teorias não-representacionais têm como foco a experiência e a prática da vida quotidiana, mas pretendem analisar mais do que aquilo que é conscientemente percebido pelos sujeitos”. Essa definição vai ao encontro de Lorimer (2005, p. 83), que afirma que o direcionamento dos estudos se volta para a compreensão de como os eventos ocorrem no cotidiano, ou seja, como a vida acontece, compreendendo assim o que o autor chama de “os aspectos excepcionais e transitórios da vida.”.

Anderson e Harrison (2010) indicam que é muito complexo definir um ponto de partida para essa linha teórica, mas afirmam que, sim, houve várias influências para que essa forma de se fazer Geografia emergisse. Os autores retomam as décadas de oitenta e noventa do século XX, período caracterizado pela hegemonia do construtivismo social na geografia humana e em outras ciências sociais.

O construtivismo social é definido por eles não como um corpo teórico, mas sim como uma forma de apreender o social, e essa forma se preocupa com a representação, com o significado simbólico ou representação cultural. As ações, nessa perspectiva, não estão nos corpos e nos sujeitos, mas nas ideias que são projetadas neles: “[...] a ordem simbólica coletiva é aquela pela qual seus membros dão sentido ao mundo, dentro da qual organizam sua experiência e justificam suas ações.” (ANDERSON; HARRISON, 2010, p. 4)

Paiva (2017) se utiliza de Anderson e Harrison (2010) para explicar que, entretanto, a teoria não representacional rompe com o construtivismo quando quebra a divisão entre o mundo e os significados que lhe são atribuídos: “[...] as teorias não-representacionais vêm contestar essa divisão, afirmando que o conhecimento não é divisível da realidade no qual emerge, contrariando a clássica divisão cartesiana entre representação e realidade, entre mente e corpo.” (PAIVA, 2017, p. 161) Assim, a produção de conhecimento passa a não ter apenas como preocupação as representações mentais da realidade, mas também como essas são construídas e praticadas corporalmente.

Sobre isso, se faz importante lembrar Lorimer (2005), que propõe a nomenclatura da área como Geografia mais do que Representacional, já que o que lhe é cara são as múltiplas possibilidades e buscar a expansão na compreensão do social, o que, para o autor, caracteriza-se como a maior unidade do campo teórico. Ao encontro dessa posição sobre o campo em questão, Anderson e Harrison (2010, p. 6) apontam quais foram as contribuições teóricas

herdadas do construtivismo social: a importância da representação, a não mutabilidade da ordem social e a relação da significação com forças extralinguísticas.

### **2.1.1 Teoria não representacional: conceitos importantes**

Por propor uma maneira diferente de compreender o mundo e suas relações, as teorias não representacionais, como dito, ressignificam alguns conceitos e absorvem ideias de outras teorias. Por isso, nesta seção, apresentarei brevemente os conceitos mais significativos para esta pesquisa na perspectiva não representacional para que haja um melhor entendimento da escolha metodológica que fiz.

Um ponto de partida desse campo teórico é a compreensão do social afastado de uma ideia de indivíduo. Assim, a sociedade, para essas teorias, toma forma relacionalmente, o que torna importante “como” ocorrem as práticas da sociedade no mundo. Com isso, o social deve ser explicado a partir da análise dos fenômenos e não invocado para explicar determinada forma de organização. Buscando em Latour uma explicação, Anderson e Harrison (2010) apontam que a sociedade é constituída por animais, máquinas e objetos, e esses não existem quando separados uns dos outros, eles existem ao mesmo tempo na realidade material, e essa materialidade se dá de muitas formas.

Essa noção de social leva os autores a afirmarem que as teorias não representacionais são completamente materialistas, já que elas não definem inicialmente que tipo de seres fazem parte do social, ou seja, tudo participa dessa construção; para eles, tudo age e toma parte, inclusive palavras, imagens e textos. Isso é importante porque a abordagem relacional materialista não pensa o social a partir de símbolos e conceitos preestabelecidos, e esse social não determina antecipadamente como os objetos aparecem, ou ainda que uma força oculta venha a determinar as práticas.

A partir disso, as representações são compreendidas como “[...] apresentações; como coisas e eventos elas encenam mundos, ao invés de serem intermediárias simples encarregadas de rerepresentar alguma ordem ou força pré-existente. Na sua tomada elas têm um poder expressivo como intervenções ativas na co-fabricação de mundos.” (ANDERSON; HARRISON, 2010, p. 14) Essa ideia reforça o que escrevi anteriormente, que alguns autores como Lorimer (2005) preferem denominar a área como Teoria mais do que Representacional, pois as representações também participam da explicação do social.

Se a sociedade toma forma relacionalmente, é importante saber o que a Geografia e as Teorias não Representacionais entendem por relacional. Anderson e Harrison (2010, p. 15) indicam que “[...] a ênfase nas relações ressoa com um amplo interesse em toda a geografia humana como um todo, de lugares a identidades, tudo é ‘relacionalmente constituído’”. Mas, é importante compreender as relações como plurais, pois não existe nenhuma conceituação simples desse termo, e compreender isso é central para essa teoria:

A consequência é que não basta simplesmente afirmar que os fenômenos são "relacionalmente constituídos" ou invocar a forma da rede, mas se torna necessário pensar a especificidade e a eficácia performativa de diferentes relações e diferentes configurações relacionais (ANDERSON; HARRISON, 2010, p. 16).

Nesta configuração, os atores e actantes participam o tempo todo dessas relações de muitas formas e, para compreender isso, se faz necessário destacar que as teorias não representacionais se utilizam da teoria ator-rede. Nela, actantes, que são objetos, também agem e se relacionam com os atores. A teoria ator-rede, por sua vez, modifica o conceito de agência, descentralizando-a do ser humano e colocando-a como um fluxo que perpassa todos os seres vivos, actantes, objetos, tecnologia e morfologia da terra:

[...] estas três correntes (filosofia pós-estruturalista, filosofia pós-fenomenológica, e teoria ator-rede) têm em comum a desestabilização de noções fundamentais como a de estrutura, sujeito, corpo, ou agência, passando a entendê-los de uma maneira fluida e processual, e é por esse motivo que se tornaram instrumentais para o objetivo de focar os aspetos performativos da experiência do mundo (PAIVA, 2017, p. 162).

Essa desestabilização se dá principalmente na não divisão entre mente e corpo. Para isso, foi importante que a área em questão revisse os conceitos de sujeito e de subjetividade. É necessário pensar que não é possível separar a noção de sujeito e seu exterior, ou do corpo e da mente. O que articula esses conceitos é o conceito de afeto, sendo este a capacidade de um organismo afetar outros organismos e, na mesma medida, ser afetado por eles.

Pensar a partir da noção de afeto implica perceber que a ação humana não é apenas determinada pelo pensamento consciente. Ela é também determinada por vários processos não-representacionais, como sensações ou sentidos, sentimentos, pulsões, hábitos, reflexos fisiológicos automáticos, entre outros (PAIVA, 2017, p. 162).

O conceito de afeto expõe, na teoria não representacional, a principal maneira que os atores e actantes são influenciados uns pelos outros e entre si, o que colabora com a compreensão de corpo-paisagem que apresentaremos mais adiante. Afeto é um conceito para

falar sobre a experiência dos corpos no mundo, sendo estes constantemente afetados, modificados e afetando, modificando o social a partir disso.

Para Anderson e Harrison (2010), o conceito de afeto leva à importante questão que as teorias não representacionais apresentam à Geografia: afirmam que o sujeito não pode ser resumido ao seu corpo deixando de lado o ambiente onde ele vive.

Levando em consideração essas questões, o conceito de atmosfera afetiva vem sendo utilizado para estudos empíricos. Atmosfera afetiva é definida como o que está entre/no espaço urbano, o terreno onde os afetos são transmitidos. Entretanto, Paiva (2017) se utiliza de Anderson (2014) e Thrift (2008) para contextualizar que os afetos não são transmitidos só entre corpos, pois espaços, quando envolvidos por afetos, também os transmitem. Isso reforça a importância das materialidades, pois, como Paiva (2017) diz, os indivíduos precisam se adaptar à atmosfera do lugar onde estão, pois esta tem impacto em seu corpo. Esse conceito me será caro, pois acredito que o espaço urbano/paisagem urbana afeta o corpo das pessoas cegas, então, essas atmosferas ressignificam os corpos podendo modificar a rota dessas pessoas.

Como disse anteriormente, tudo age e constrói o social de maneira relacional, então, junto às atmosferas afetivas, que são os conjuntos de afetos que modificam o social, é importante falar no conceito de *assemblage*, que diz respeito a uma maior importância na influência das materialidades na ação social. Essa noção também vem da teoria ator-rede, ela não considera o social como algo dado, mas, sim, como formações ou associações de sujeitos e actantes. “[...] Assemblage, portanto, refere-se à mobilização, ou encontro, de vários atores e actantes na ação social. Todas as formações sociais são vistas como uma montagem de elementos específicos que determinam a ação social através do seu relacionamento.” (PAIVA, 2017, p. 163)

Espero ter demonstrado que os conceitos apresentados, de social como relação, de representação, de agência, de ator e actante, de afeto, de atmosfera afetiva e de *assemblage*, são importantes na forma como as teorias não representacionais buscam explicar o mundo. Como pretendo basear minha metodologia e a análise de minha pesquisa nesses conceitos, eles retornarão muitas vezes durante este trabalho, principalmente porque as desestabilizações implicadas nesses conceitos trouxeram muitas mudanças nas metodologias utilizadas para estudar o social e as relações entre corpo e paisagem.

## 2.2 PAISAGEM E O CORPO DEFICIENTE

### 2.2.1 Evolução do conceito geográfico de paisagem

Ao longo da história, o conceito de paisagem passou por muitas modificações, inclusive no âmbito da ciência geográfica. Dentro dessa área, há convergência em entender paisagem como um recorte do espaço geográfico e como algo que envolve a percepção de um ser humano. Isso não significa que haja consenso, porque a compreensão de paisagem sempre dependerá da concepção de Espaço Geográfico e de Percepção, que mudam a depender da linha teórica da Geografia. Além dessas, há outras diferenças conceituais entre as compreensões de paisagem de uma linha teórica e outra, mas, antes de apontá-las tendo em vista o momento presente, opto por explorar a emergência e funcionamento do conceito ao longo da história.

O conceito de Paisagem está ligado, em sua emergência, à expressão artística. Carvalho (2002) escreve que na Antiguidade o ser humano era a figura central das artes, enquanto tudo que era seu entorno ficava em segundo plano. Já na Idade Média, essas expressões artísticas se tratavam principalmente de pinturas sacras, nas quais o homem não poderia mais ser figura central, pois Deus era o único ser perfeito e qualquer artista que pretendesse reproduzir sua obra estaria querendo igualar-se a ele, por isso a paisagem é representada como um lugar idealizado. O resultado é que essas paisagens eram representadas por símbolos cristãos, que em sua maior parte não eram condizentes com a realidade.

Carvalho (2002) escreve que, na Renascença, o Racionalismo trouxe para as representações de paisagens mais semelhanças com a realidade, enquanto se esvaziou de sentido espacial e territorial. As paisagens nesse período se afirmam como um determinado momento onde elementos naturais e não naturais podem ser percebidos, em um determinado local. Segundo Barros e Padua (2014) e Ferraz (2013), por causa da influência da igreja católica e da importância da nobreza na sociedade italiana, a maior parte das pinturas representavam o clero e nobres, com a paisagem sendo apenas pano de fundo, se tornando assim um elemento estético de equilíbrio.

Paralelo a isso, surge, onde hoje são Holanda e Itália, uma escola de pintura que buscava representar um recorte espacial em sua maior parte natural da realidade para, dessa forma, segundo Barros e Padua (2014) colocar em quadros aquilo que o olho podia observar.

Junto a isso, segundo Ferraz (2013), em países nórdicos, o termo “Landschaft” passa a ser associado à pintura de paisagens.

Outra importante contribuição na maneira de se representar o mundo foi o uso da perspectiva, pois passou a ser possível materializar, em um plano 2D, uma representação 3D com um reposicionamento dos planos, fato que estava conectado com a racionalização do mundo no século XVIII:

O desenvolvimento da perspectiva está relacionado com a nova forma racional de ver o mundo. No século XVIII com as mudanças sociais os artistas passaram a ter mais liberdade e a paisagem começou a dominar as pinturas. O sujeito e as ações tornaram-se menos significantes (FERRAZ, 2013, p. 8).

O racionalismo cartesiano, segundo Carvalho (2002), também influenciou a maneira de se compreender paisagem. Fazia-se necessário subdividir os objetos para que se fizesse uma ordenação e uma categorização, para assim se compreender suas leis e seus funcionamentos. Por isso, o conceito de paisagem, segundo o autor, perdeu seu senso estético, assim sendo relacionado cada vez mais ao conceito de natureza.

A autora mostra que essa forma de classificar paisagem se confirma com o desenvolvimento da cartografia moderna, principalmente de caráter militar. Os autores indicam que essa representação da paisagem na cartografia estava ligada, principalmente, à necessidade de reconhecimento do terreno, para elaboração de estratégias militares. Entretanto, segundo Carvalho (2002), esse conhecimento deixa de ser apenas militar e adentra em uma esfera mais ampla da sociedade, funcionando a partir disso, como uma ferramenta de intervenção no território, também fazendo parte das ciências, em específico a ciência geográfica.

A paisagem está presente na Geografia desde seu início. Por haver uma herança naturalista vinda do Romantismo, esse conceito ganha importância no surgimento da Ciência Geográfica. Segundo Salgueiro (2001), isso é perceptível pelos trabalhos de Humboldt; ele é o primeiro cientista que traz para a Geografia a discussão referente à paisagem. Carvalho (2002) aponta que, por Humboldt ter convivido no meio literário e artístico, ele acreditava que a paisagem derivava de um conjunto de ideias e sentimentos suscitados no observador. Essa forma de pensar a paisagem, segundo a autora se deu principalmente por que Humboldt estudou durante muitos anos na França e, assim, buscou conciliar as distintas formas de se pensar paisagem. Por influência de Goethe, entretanto, passou a realizar análises da morfologia das paisagens, com interesse em vegetação, o que tornou sua análise principalmente focada em uma paisagem natural. Seus principais trabalhos referentes às

paisagens, como aponta Claval (2004), são suas pranchas com pinturas e descrições de sua viagem à América do Sul, nas quais suas descrições são carregadas de observações pessoais, característica também provinda de Goethe. Barros e Padua (2014) apontam que Humboldt trabalhava o conceito de “landshaft”, o qual busca apontar peculiaridades em uma paisagem natural para que possa ser reconhecida:

As missões exploradoras dos países europeus permitiram retratar o “Novo Mundo” através dessas novas técnicas realistas e com o decorrer do tempo essas novas formas de reproduzir a paisagem foram sendo desenvolvidas, baseadas principalmente no romantismo e naturalismo (FERRAZ, 2013, p. 8).

Humboldt foi um dos exploradores mais importantes nesse momento. Segundo Ferraz (2013), em suas viagens, outros artistas lhe acompanhavam para registrar as paisagens, para que o seu registro fosse fiel e para que pudessem colaborar na síntese científica.

Dentre as maneiras de se compreender paisagem neste período, Carvalho (2002) traz as diferenças existentes nas escolas artísticas francesas e alemã. A primeira dividia o conceito de duas maneiras, uma que tratava a paisagem como natureza, em uma perspectiva científica, outra utilizando o simbolismo estético, mais relacionado à sensibilidade artística. Já a escola alemã propunha não separar as duas formas de se reconhecer a paisagem, assim constituindo-se em uma terceira maneira de se compreender paisagem, baseada na ideia de totalidade, na qual não se reconheciam divisões entre arte, ciência, religião, público e privado. Esse Romantismo foi que resgatou a necessidade da reaproximação entre o homem e a natureza e do subjetivismo nas concepções de paisagem, o que se chocava com a proposta de uma paisagem observada de forma global e distante.

Com isso, a Geografia clássica passou a considerar a paisagem como a expressão materializada no espaço como resultado da interação entre o ser humano e o meio. Essa perspectiva se fixava principalmente no sentido da visão, pois a paisagem se dava em um espaço limitado por este sentido, ou seja, a paisagem era considerada a área visual onde a vista alcançava e se podia, a partir disso, observar o ser humano e sua relação com o meio natural.

As construções e definições desse conceito ocorreram no final do século XIX, acompanhadas pela urbanização e industrialização da Europa. Segundo Salgueiro (2001), os estudos de paisagem que antes eram focados em aspectos naturais agora passam a trazer também as alterações do homem na superfície ao longo do tempo, a ação do ser humano passa a ser decisiva nas análises das paisagens. Segundo a autora, a paisagem continua sendo um conceito que parte da visualidade, mas, por haver o estudo das alterações do ser humano ao



longo do tempo, fatores não visuais passam a ter importância, dentre eles a política, a cultura, a economia etc.

Seguindo o desenvolvimento do conceito, um salto importante nas interpretações de paisagem foi dado por um geólogo, Suess. Segundo Claval (2004) foi ele quem trouxe a ideia da superfície da terra, a paisagem, não ser apenas algo que se oferece ao observador, mas sim uma interface que permite que a vida se aloje. Assim, a paisagem deixa de ser um quadro sem vida, pois passa a reconhecer mudanças possíveis a partir desta interface. Dessa forma, os geógrafos buscam interpretar a paisagem como a interface entre o ser humano e a natureza, por isso no fim do século XIX a principal preocupação passa a ser a distribuição de população e as atividades humanas na superfície terrestre.

Outra importante contribuição foi a de Ratzel. Ainda segundo Claval (2004), ele propõe o campo da Antropogeografia, em que não buscava oposição com a geografia física realizada até o momento. A pretensão era estudar as influências que o meio físico possuía sobre os seres humanos e suas atividades. Isso criou um antagonismo entre "natureza" e "cultura", sendo a primeira o meio natural e a segunda tudo que fosse construído pela sociedade. Por isso, segundo Claval (2004), muitos geógrafos definiam sua disciplina como o estudo das paisagens, pois a observação era privilegiada para reconhecer os limites e as interfaces entre o ser humano e a natureza.

No mesmo período, na França, Paul Vidal de La Blache, diferentemente de Ratzel, acreditava que a diversidade dos meios explica a diversidade de modos de vida. Segundo Barros e Padua (2014), o conceito de região é intrínseco a essa forma de se pensar Geografia. Assim, o conceito de região ganha evidência e a paisagem fica apenas como conceito de análise visual para a diferenciação de regiões. Salgueiro (2001) afirma que esta forma de se pensar geografia, articulando paisagem com os estudos regionais, tornou-se hegemônica após a Primeira Guerra Mundial, tanto que, segundo a autora, havia seções especiais para se discutir paisagem nos congressos mundiais de geografia. Uma das propostas para se conceituar paisagem no congresso de Amsterdã em 1938 era a seguinte: “[...] mais do que uma entidade fisionômica e estética, a paisagem geográfica engloba todas as relações genéticas dinâmicas e funcionais que ligam as componentes de cada parte da superfície do globo” (SALGUEIRO, 2001, p. 43) Segundo a autora, essa proposta demonstra que a visualidade e a estética seguiam impregnando a maneira de se pensar paisagem, mesmo enquanto já se pensavam relações não visíveis que ocorriam nesse recorte da superfície.

Seguindo o desenvolvimento do conceito e mapeando outros significados, no início do século XX, nos Estados Unidos, inicia-se um movimento que inclui a cultura nas análises das paisagens. Isso, segundo Barros e Padua (2014), trouxe a paisagem para a centralidade dos estudos geográficos mais uma vez. Carl Sauer é o principal pensador desta corrente que considerava a paisagem como uma área em que se associavam formas diversas, ao mesmo tempo físicas e culturais (SAUER, 1998, p. 22):

Ao observar os elementos de uma paisagem, Sauer acreditava que era possível saber qual a civilização que vivia ali e suas características. Assim para o autor a cultura deixa sua marca na paisagem, e por isso “ao apreendermos uma paisagem humanizada com o olhar, é possível distinguir e reconhecer a cultura que a produziu (BARROS e PADUA, 2014, p. 7).

Com o conceito de paisagem cultural, Sauer conseguiu retomar os estudos referentes a paisagem na geografia e abriu portas para a geografia cultural, pois o autor acreditava que a geografia deveria se preocupar com o estudo das paisagens culturais.

A paisagem cultural é a área geográfica em seu último significado. Suas formas são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem. Com base nessa definição, em geografia não nos preocupamos com a energia, costumes ou crenças do homem, mas com as marcas do homem na paisagem (SAUER, 1998, p. 52).

A seguir, uma mudança importante que ocorreu na forma de se observar paisagens diz respeito ao ponto de vista. Por haver a necessidade de um geógrafo buscar diferentes pontos de observação para ter uma análise diferenciada de uma paisagem, passa-se a representar as paisagens de um ponto de vista vertical, usando assim a cartografia para expor o que existe em determinada área. Segundo Claval (2004), essa maneira de se observar as paisagens se deu mais ou menos ao mesmo tempo na, França, Alemanha e Estados Unidos. Segundo o autor, o que diferenciava as maneiras de se estudar as paisagens era o que cada uma das escolas se propunha a buscar. Na França, os geógrafos estudavam o que eles denominavam cultura nas paisagens, diferenciando os lugares pelos tipos de construção e tipo de organização do espaço que determinada população se propunha. A geografia norte-americana derivou-se para estudos de relevos, que, depois, foi absorvido pela geomorfologia; enquanto isso, na Alemanha, o estudo de paisagem é mais biológico e ecológico. Esta ideia esvaziou os debates que já haviam sido construídos no século XVIII na Alemanha, onde muitos geógrafos já compreendiam que a paisagem não poderia ser observada como um objeto (SCHMITHÜSEN 2004, p. 45-46, apud CLAVAL, 2004, p. 39):

Os geógrafos alemães da metade do século XX não vão tão longe. Isso porque foram bloqueados pela ideia de que a paisagem é um objeto, quando deveriam olhá-la como a obra de um sujeito, o povo, que persegue seu destino e marca o espaço segundo modalidades que variam com sua divisão em grandes linhagens, com os diversos status de seus membros e com as oposições sociais e políticas que ali se desenvolveram.

Neste trecho do ano de 1954, é possível observar que já se reconhecia a necessidade da superação de observações apenas positivistas das paisagens, o que já começa a ocorrer na segunda metade do século XX, com variadas formas de se fazer Geografia e de se compreender paisagem.

A década de setenta do século XX trouxe mudanças significativas para todas as ciências humanas e na Geografia não foi diferente. A perspectiva que se propunha para observar as paisagens se modifica, passa-se a acreditar que a paisagem não é apenas algo externo ao pesquisador. Segundo Claval (2004), é o momento quando a paisagem deve ser analisada a partir da compreensão e subjetividades do observador, buscando compreender o enquadramento que é dado para sua observação. Como Brunet (apud CLAVAL, 2004, p. 48) nos mostra:

Aquilo que o olho abarca [...] de uma só olhadela, o campo do olhar. A paisagem é, portanto, uma aparência e uma representação [...]. Só é paisagem quando *percebida*. Alguns de seus elementos não aguardaram a humanidade para existir, mas, se compõem uma paisagem, é sob a condição de serem olhados. Somente a representação os faz paisagem.

Assim, a paisagem modifica o seu status de objeto de análise, de algo a ser lido, passa a ter status de percepção, pois apenas o que se vê não é mais suficiente para explicá-la, mas o que parte do observador também tem significado. Os geógrafos, segundo Claval (2004), passam a compreender a paisagem a partir dos sentidos que ela carrega e das representações de afetividade. O autor utiliza para representar isso, o exemplo das pessoas que sonham com praias ensolaradas ou com picos nevados, que trazem algum significado para si.

Os novos paradigmas predominantes na ciência geográfica no final do século XX trouxeram diferentes significados e classificações para a conceituação de paisagem. Enquanto a Geografia Crítica mantinha esse conceito como "subordinado" do espaço geográfico, a Geografia Cultural retomou com força a significação da paisagem principalmente no que diz respeito à subjetividade do sujeito que observa.

Segundo Melo (2005), geógrafos humanistas, insatisfeitos com as maneiras de estudar geografia propostas pela Geografia Teórica-quantitativa iniciaram um movimento de se

voltar para as humanidades. Esses geógrafos passaram, então, a estudar o comportamento humano e suas subjetividades.

Junto a isso, existe uma retomada do conceito de paisagem. Segundo Salgueiro (2001), a ideia de que a paisagem é o que a vista alcança passa a ser pensada a partir do fenômeno da relação entre sujeito e objeto.

Aqui, é importante apontar que a geografia humanista traz uma nova maneira de se pensar paisagem, apreendendo-a em sua totalidade, como nos mostra Melo (2005, p. 9150):

[...] todo o ambiente que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, influencia a sua conduta. A realidade é interpretada e os fenômenos são observados como parte de um fenômeno maior, integral, sendo a paisagem percebida pelo indivíduo não como uma soma de objetos próximos uns dos outros, mas de forma simultânea.

Outra mudança importante que Melo (2005) aponta é na perspectiva de cultura. Enquanto na paisagem cultural de Sauer a cultura era vista como o resultado das ações do homem no espaço, assim constituindo a paisagem, aqui a cultura passa a ser antropocêntrica, ou seja, o ser humano é a medida das coisas. Assim, a cultura passou a ser analisada a partir de aspectos individuais e subjetivos, sendo observada para além da materialidade como resultado de uma cultura coletiva.

As críticas que essa abordagem recebeu diziam respeito à maneira que a paisagem era trazida na perspectiva cultural, na qual, segundo Salgueiro (2001) e Melo (2005), a paisagem era uma produção da mente dos grupos e indivíduos, não sendo considerados o contexto histórico e o das relações de produção em que estes estavam inseridos.

Essas críticas partiram, principalmente, dos geógrafos da nova geografia cultural, a qual, segundo Melo (2005), passou a focar seus estudos na análise da simbologia da paisagem. Essa corrente busca renovar a geografia cultural saueriana com a seguinte percepção:

[...] o que os novos geógrafos culturais descobriram é que os homens, os grupos e as paisagens variam e que são construídos em um momento e de forma específica. A cultura não é uma realidade global, ela é diversificada e está em constante evolução (MELO, 2005, p. 9153).

Essa perspectiva, segundo a autora, é o que rompe com a geografia de Sauer, pois esses autores passam a se dedicar aos detalhes, então a abordagem de paisagem passa a ser extremamente diversificada. O que se acredita ser a unidade dessa abordagem é o estudo da influência do processo cultural na constituição das paisagens. Importante apontar que os autores desse período acreditavam que paisagens não são neutras, elas refletem formas de ver

o mundo e as perspectivas dominantes, Melo (2005) se utiliza de Cosgrove, Duncan e Berger para demonstrar que a nossa maneira de perceber a paisagem está culturalmente e historicamente posicionada, por isso, cada pesquisador tem seu modo “cultural” de percebê-la.

Neste mesmo período, na França, muitos geógrafos também se propuseram à nova geografia cultural. Salgueiro (2001) nos mostra que essas perspectivas partiam do conceito de espaço vivido, desenvolvido por A. Frémont, que tem de semelhança com as outras perspectivas de ser antropocêntricas, mas não parte de uma perspectiva fenomenológica e existencialista. Essa corrente denominou-se de geografia das percepções, ou das representações, ou, ainda, do comportamento. Salgueiro (2001) indica que, inicialmente, essa corrente pretendia estudar a inter-relação dos processos cognitivos com as escolhas espaciais.

Um dos principais autores apontado por Melo (2005) e Ferraz (2013) é Berque, que acreditava que a geografia cultural estudaria:

[...] a geografia cultural seria o estudo do sentido, tanto unitário como global, que a sociedade faz de sua relação com o espaço e a natureza, que concretamente é vista como paisagem. Sendo a manifestação concreta dessa relação, pode ser objetivada analiticamente através de sua relação com o sujeito coletivo (BERQUE, 2005, p. 9161, apud MELO, 2005).

Melo (2005) e Ferraz (2013) apontam também a partir de Berque, que a paisagem é marca e matriz:

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação[...] O ser humano, ao agir, molda e constrói o ambiente e essa construção resulta em símbolos que dão significado para a paisagem (BERQUE, 2005, p. 14, apud FERRAZ, 2013).

Berque apontava que a análise da paisagem não poderia ser feita apenas no seu aspecto visível e tão somente nos aspectos psicológicos.

Apesar da paisagem ter sua especificidade na forma de ser observada, através da sua subjetividade, ela é mais do que um ponto de vista ótico e um “espelho da alma”. Sendo assim ela também se refere aos objetos concretos, tendo um suporte objetivo. A paisagem é dada pela integração do sujeito com o objeto (BERQUE, 2005, p. 9161, apud MELO, 2005).

Salgueiro (2001) mostra que as correntes da geografia que atualmente são hegemônicas trabalham com a paisagem de modo distinto. Salgueiro (2001, p. 49) faz uso de Rimbart para explicar que a distinção envolve o conceito de espaço: “[...] do conceito

fenomenológico do espaço corporal decorrerá a geografia da percepção e do comportamento, enquanto a geografia do espaço objeto radica no conceito de espaço cartesiano”.

Na primeira forma de se fazer geografia, o principal foco de estudo são as relações humanas a partir da cultura e seus resultados no espaço como paisagem. Já na segunda forma, o espaço é pensado como realidade material objetiva pensada a partir dos sistemas que Santos (2006) propõe. Segundo Salgueiro (2001) torna-se difícil pensar em paisagem nessa proposta de conceituação de espaço, então ele se utiliza de Beroutchachvili, que escreveu que “[..] a teoria dos sistemas matou a paisagem ao retirar-lhe tudo o que não é material” (SALGUEIRO, 2001, p. 50).

Um exemplo claro trata-se da proposta de paisagem de Santos, que afirma ser o recorte de um momento que não pode representar a totalidade do espaço, pois não possui conteúdo, apenas é constituída pelas formas.

No momento que se faz um recorte no tempo, não existe movimentação, a ação não se constitui. Por isso, a paisagem chega a ser um pedaço do espaço que não é o espaço, pois ela pode representar a atualidade de um acúmulo histórico, mas não pode mostrar a constituição dos objetos, seus significados e significantes.

Para Santos (2006), o espaço é a paisagem mais a vida que a anima, ou seja, as ações. A paisagem, por sua vez, aparece como estática, capaz de dar a ver os sentidos construídos no decorrer da história: “[...] a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS 2006, p. 66).

É importante pontuar que, nessa perspectiva, paisagem não existiria para pessoas que não veem. Porque a paisagem estática, como um recorte do espaço-tempo, só existe visualmente, não há movimento de vida, não há nada para cheirar, tocar, nem ninguém para fazer isso.

### **2.2.2 Paisagem neste trabalho**

A proposta de paisagem que trago neste trabalho é incompatível com essa paisagem sem vida, pois ela existiria apenas pra quem vê, quem não enxerga ficaria desprovido da capacidade de reconhecê-la. Quem traz sonoridade para paisagem são os seres vivos, muito dos cheiros que a paisagem carrega também são decorrentes dos seres vivos, então apenas existiria um vazio, os objetos sem ninguém para significá-los.

Outro apontamento que autores de base marxista fazem referente ao conceito de paisagem diz respeito à contradição existente entre aparência e essência, Souza (2013) se utiliza de Wylie e Berger para explicar que, para estes autores, a paisagem serve antes como "cortina" para esconder as lutas sociais, do que realmente um cenário onde as coisas acontecem. O autor complementa mostrando que os estudiosos da paisagem já apontavam a necessidade de não se fixar nas aparências; para isso, Souza (2013) se utiliza de Richard Hartshorne, o qual afirmava que a paisagem de uma mina está muito além de sua entrada, existe a necessidade de se reconhecer as relações existentes dentro desta mina. Por isso, Souza (2013, p. 48 49) afirma: “[...] O fato de ser uma forma, uma aparência, significa que é saudável "desconfiar" da paisagem. E conveniente sempre buscar interpretá-la ou decodificá-la à luz das relações entre forma e conteúdo, aparência e essência.”

Ou seja, a paisagem está para muito além de um vazio de pessoas onde apenas objetos significam, todas as relações existentes através dessa camada sensorial que é a paisagem podem e devem ser reconhecidas e se possível interpretadas.

Souza, mais adiante na mesma obra, comenta sobre as contradições existentes nos debates sobre paisagem. O autor menciona que “[...] é verdade que é praticamente consensual que a paisagem tem a ver com visualidade” (SOUZA, 2013 p. 65) e no mesmo parágrafo ele se utiliza de Otto Schlüter, citado por Richard Hartshorne para mostrar que Milton Santos se enganava ao dizer que as paisagens não possuíam pessoas, fazendo uso do argumento de que as pessoas são "entes" perceptíveis também. Fazendo uso desse mesmo argumento, questiono: a única maneira de perceber as paisagens e os seus elementos, entre eles os outros seres humanos, seria a visão? Acredito que não, pois a paisagem possui muitas relações que produzem som, cheiros texturas e sabores, que lhes dão significados diversos.

Dessa forma, se faz importante apontar que a escolha de uma proposta de paisagem em detrimento de outra cabe apenas aos objetivos do estudo realizado aqui. Minha escolha pretende ser a conceituação mais suficiente para que entenda de que maneira corpo e paisagem se relacionam para significar, a partir dos sentidos, essa paisagem urbana e como essa paisagem influencia as rotas escolhidas pelas pessoas cegas.

Cosgrove (1999), mencionado por Castro (2005), retoma a importância do simbolismo na paisagem, a importância dos sentimentos nessa análise, o que, segundo o autor, a geografia humana tem deixado de lado constantemente. É importante, entretanto, perceber que esse autor busca trazer as relações de poder em seus estudos para, a partir de uma análise simbólica, também se buscar a compreensão do que não é perceptível "sobre a cortina". A

busca pela compreensão de simbolismo e de análise do que é subjetivo nas paisagens são as características que a Geografia Cultural trouxe no seu método de perceber as paisagens. Duncan evidencia isso neste trecho:

A paisagem, eu afirmaria, é um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado (DUNCAN, 2004, p. 102).

O autor trata a paisagem como um texto no qual os símbolos, de maneira organizada, transmitem uma maneira de se viver que influencia a sociedade que a habita.

Até conhecer as teorias não representacionais, minha revisão sobre o conceito de paisagem chegava até aqui, mas, com a minha descoberta de novas formas de se fazer Geografia, encontrei uma forma de pensar paisagem que acredito contribuirá mais para as análises que pretendo neste trabalho. Essa nova forma de se pensar Geografia já foi trabalhada de forma mais aprofundada durante a primeira parte deste capítulo, e apresentarei mais adiante como as teorias não representacionais compreendem o conceito de paisagem, então, a partir daqui, aprofundarei o debate de conceitos que se relacionam para que haja uma continuidade no que apresentei como evolução do conceito.

### **2.2.3 Corpo**

Já que a busca desta pesquisa é por compreender como a paisagem e o corpo das pessoas cegas se relacionam na cidade, é necessário encontrar uma forma de pesquisar essa relação. Nesse percurso, esses dois conceitos precisam ser pensados relacionalmente: a paisagem se dá quando há a percepção do corpo e o corpo ressignifica e é ressignificado pela paisagem. Para que haja um entendimento de como eu pretendo relacionar esses dois conceitos, apresento, nesta seção, o corpo como aprendizado conforme escrito por Latour (1999) e o conceito de corpo-paisagem por Macpherson (2010).

As teorias não representacionais na Geografia trazem a proposta de pensar o corpo e a paisagem como relação e aprendizado, pois o corpo só é corpo a partir de seu contato com o mundo, esse só é significado e ressignificado através dos afetos. A paisagem é o contato principal nesse corpo, a relação de um com o outro é o corpo-paisagem.

Para essa compreensão, como disse anteriormente, é necessário desfazer o binarismo entre mente e corpo. Corpo, nesta pesquisa, parte do princípio do aprender a ser afetado, ou



seja, enquanto aprendemos o mundo a nossa volta através de nossos sentidos estamos sendo corpo. Essa ideia trago de Latour (1999), que, em uma conferência, se propôs a repensar o conceito de corpo para discutir as maneiras que se pensa ciência atualmente.

Nessa conferência, ele iniciou questionando aos participantes qual era o antônimo de corpo, e a maior parte das respostas foram “insensível” e “morte”. Para explicar essas respostas, o autor se utiliza de Vinciane Despret, que, por sua vez, se inspirou em William James. Como explica Latour (1999, p. 1): “[...] ter um corpo é aprender a ser afetado, ou seja, «efectuado», movido, posto em movimento por outras entidades, humanas ou não-humanas. Quem não se envolve nesta aprendizagem fica insensível, mudo, morto.”

Para explicar o sentido de aprender a ser afetado, o autor se utilizou do exemplo de treino de narizes com a utilização do quite de odores. O quite de odores é um conjunto de fragrâncias diferentes entre si, organizadas de forma que se inicie do maior contraste até o mais suave, o que se dá em uma semana de treino.

Latour aponta que, partindo de um nariz sem treino, em uma semana temos um corpo treinado para identificar fragrâncias, ou seja, o corpo aprendeu a identificar substâncias químicas com seu nariz, o que faz com que esteja presente em um mundo odorífero de horizontes mais amplos. Latour (1999), para exemplificar o corpo como aprendizagem, demonstra que, ao mesmo tempo que uma pessoa necessita treinar seu nariz durante uma semana para distinguir fragrâncias, um químico necessita de suas ferramentas. Assim, os químicos também adquirem um “nariz”, um órgão, um corpo, através de seus laboratórios, literatura etc. que os fazem reconhecer as diferenças dos cheiros.

Deste pequeno exemplo podemos concluir que os corpos são o nosso destino comum, pois não faz sentido dizer que sem o meu corpo eu conseguiria cheirar melhor, que sem o kit me podia tornar um nariz melhor, que sem o laboratório os analistas químicos seriam capazes de fazer uma química melhor, ou que sem as fábricas seria possível produzir industrialmente melhores fragrâncias... só um nariz sem corpo poderia detectar um acesso direto e não mediado às qualidades primárias dos odores. Mas o contrário de incorporado é morto, não é omnisciente (LATOURE, 1999, p. 3).

A ideia de corpos afetando e sendo afetados também necessita da compreensão do social como relacional e da não separação entre mente e corpo, pois corpo, para a teoria não representacional, não pode estar ligado a um modelo médico, construído apenas socialmente ou individualizado: “[...] A TNR (Teoria não Representacional) exige uma mudança dos modelos médicos do corpo, socialmente construídos ou individualizados (incluindo o corpo

deficiente), para uma compreensão mais complexa do corpo, em constante processo.” (MACPHERSON, 2010, p. 3)

A partir disso, o corpo passa a ser entendido como um acúmulo de impulsos biológicos, é o que Macpherson chama de hábitos cultural-neurológicos, que se constroem na sua relação com o mundo. A autora chama a atenção para a importante mudança da compreensão do conceito, pois o que se torna necessário compreender é o que um corpo é capaz de fazer e os processos de incorporação. Como Macpherson (2010) chama a atenção, pensar o corpo desta maneira possibilita relacioná-lo com o modelo social da deficiência e a maneira que a paisagem influencia na vida das pessoas, pois, se o corpo é um processo, cada barreira na paisagem faz com que esse corpo com deficiência emergja, retirando assim do corpo médico a responsabilidade da deficiência.

Como essas relações se dão no cotidiano, se faz importante um apontamento de Macpherson (2010) que escreve que intuições, hábitos e reflexos também são importantes para o corpo não representacional, pois existe um atraso de meio segundo entre a ação do cérebro e a sensação consciente, então nem sempre existe um sujeito reflexivo no controle de tudo, por isso, as entrevistas com relatos pessoais não podem ser a única forma de se realizar uma pesquisa.

Isso significa que nossas ações e pensamentos conscientes em qualquer ambiente dado talvez resultem do pensamento pré-consciente moldado pelas tecnologias e objetos disponíveis; e os contextos e sugestões de uma paisagem particular. Assim, os objetos disponíveis e os contextos da paisagem física estão implicados no que o corpo é e no que o corpo provavelmente fará em um dado momento (MACPHERSON, 2010, p. 5).

#### **2.2.4 Como a cidade e o corpo se relacionam?**

A cidade se liga ao corpo desde sua origem, e isso é observado no nosso ordenamento urbano, na nossa arquitetura, nosso modo de agir na cidade, entre outros. Mas como Sennett (2003) aponta, nos dias atuais a cidade se tornou pouco atrativa aos outros sentidos que não a visão, pois projetos arquitetônicos nos tolhem de percebermos a cidade por outros caminhos. Esse problema, segundo o autor, tem origem histórica e por isso farei uso do livro “Carne e pedra o corpo e a cidade na civilização ocidental” para tentar compreender as origens dessa cidade não sensível.

O corpo em Atenas era considerado parte da cidade e isso era ensinado nos ginásios; a sexualidade era incentivada como um aspecto básico da cidadania “[...] no ginásio, ensinava-

se como usar o corpo de forma que ele pudesse desejar e ser desejado com honra.” (SENNETT, 2003, p. 40)

O autor nos mostra, apesar disso, que essa colocação só era válida para os cidadãos, ou seja, escravos e mulheres não possuíam essa mesma liberdade sexual, legalmente eles eram proibidos de irem até os ginásios. Isso se devia principalmente pela crença relativa ao calor corporal: para os atenienses, os homens livres possuíam mais calor corporal do que homens que se deixavam escravizar, e estes ainda possuíam mais calor corporal do que as mulheres.

Mesmo com essa crença de corpos frios, que vinha junto da ideia de que as mulheres eram imperfeitas psicologicamente e por isso deveriam se manter em casa, alguns rituais rurais, trazidos para o meio urbano, faziam com que esse corpo considerado inferior subvertesse a lógica da cidade. Segundo Sennett (2003), um desses festivais adaptados para a vida urbana era a Adonia, o qual celebrava o apetite sexual das mulheres, fazendo uso, principalmente, de aromas considerados afrodisíacos. Esse ritual se dava nos telhados das casas e, como nos mostra o autor, além de ervas aromáticas, as mulheres se embriagavam e faziam festa durante toda a noite.

[...] as mulheres de Atenas realizavam um funeral *suigeneris*. Ao invés de vestir luto, permaneciam acordadas a noite inteira, dançando, bebendo e cantando. Para estimular a própria lascívia, atiravam bolas de mirra e outras ervas em queimadores de incenso (Adônis era o filho da ninfa Mirra). O festival adquiriu reputação de pilhéria indecente, voltado para o sexo ilícito. Um texto romano de ficção, datado de vários séculos depois, reproduz a correspondência entre duas cortesãs: "Estamos preparando um banquete para celebrar [Adonia] na casa do amante de Tessala (...) lembre-se de trazer um pequeno jardim e uma estatueta. E não esqueça o seu Adônis [evidentemente, um consolo], para sufocá-lo de beijos. Vamos nos embriagar com todos os nossos amantes (SENNETT, 2003, p. 62).

Atenas não reconhecia o festival da Adonia, os outros eventos urbanos em sua maior parte eram financiados pela cidade, já este não. Os homens, mesmo sabendo do evento, ficavam incomodados. Sennett (2003) traz trechos de Aristófanes e Platão, as críticas se davam principalmente por as mulheres abandonarem seu silêncio habitual, durante a noite e com a cobertura do anonimato, pois elas vagavam no escuro sobre os telhados, indo ao encontro de desconhecidos. Esse festival demonstra um ponto importante deste trabalho: os corpos, quando oprimidos na cidade, buscam formas de que seus desejos e reivindicações sejam realizados, seja de maneira oficial ou de maneira subversiva. Essas mulheres atenienses, por terem, durante o ano, sua voz silenciada, seu corpo trancado, se faziam perceber em um festival como a Adonia para que suas crenças rurais, que se reinventaram no espaço urbano, continuassem a dar a correção para continuidade da vida.

O classicista John Winkler, numa frase memorável, chama a Adonia de "o riso dos oprimidos".<sup>20</sup> Porque nem de longe as mulheres cogitavam de dizer "não" aos homens, durante o ritual elas não se preparavam para sitiar, por uma noite, a ágora, a Pnice, ou qualquer dos outros bastiões masculinos. O teto das casas não as alavancava para a rebelião. Ao contrário, era um espaço que permitia a fuga momentânea de seus corpos para além da ordem dominante em Atenas. Os maridos, ou os guardiães da pólis, bem que poderiam ter suprimido esse rito, sem maiores dificuldades; apesar disso, nenhum poder cívico tentou proibir as mulheres de observá-lo. Talvez porque, no contexto de um festival de resistência tão peculiar, a metáfora tivesse o condão de criar obstáculos à retaliação. Se a Tesmoforia legitimava corpos frios, nas pedras da cidade, a Adonia aliviava essa carga por algumas noites (SENNETT, 2003, p. 67).

Já na Roma antiga acreditava-se no corpo geometricamente perfeito, que os braços eram ligados às pernas pelo umbigo, considerado a fonte da vida. Os templos, as cidades e a totalidade da arquitetura romana era pensada a partir desta perspectiva.

Conforme assinalamos, Vitruvius imaginara as pernas e braços do corpo humano conectados entre si pelo umbigo. Em seu pensamento arquitetônico, dado que o cordão umbilical tinha uma importância simbólica maior do que a genitália, o *umbilicus* da cidade servia como ponto de partida para o cálculo da geometria urbana, um marco altamente emocional da sua fundação (SENNETT, 2003, p. 92).

Imaginemos uma pessoa com os braços e pernas bem abertos, dentro de um círculo as pontas das mãos e dos pés encostando o contorno. Se pensarmos a ponta dos dedos como interseção de retas, temos um quadrado dentro de um círculo. Segundo (SENNETT, 2003) o panteão e todas as outras estruturas romanas eram pensadas a partir deste formato idealizado por Vitruvius.

Os primeiros cristãos em Roma traziam uma compreensão nova para o corpo, diferentemente dos pagãos. Os adeptos do cristianismo acreditavam que o corpo deveria passar por sofrimento na terra para se assemelhar a seu profeta e, assim, suportar o sofrimento se tornou para os cristãos mais importante do que sentir prazer. Por isso, toda a estimulação sensorial tornou-se indesejada. “[...] na vida terrena, o dever do cristão revelava-se pela transcendência de toda estimulação física; indiferente ao corpo, crescia a sua expectativa de chegar mais perto de Deus.” (SENNETT, 2003, p. 106)

Segundo o autor, havia dois preceitos básicos para os cristãos. O primeiro dizia respeito a todos os corpos serem iguais perante deus, o que ia de encontro à celebração do corpo nu ateniense e do corpo geometricamente perfeito dos romanos. Então, as aparências não eram significativas, o “olhar e obedecer” da Roma de Adriano perdia significado, pois a geometria perfeita dos corpos, da arquitetura e das cidades, não era mais significativa como representação de poder.

O outro preceito dizia respeito ao que Sennet (2003) chama de “aliança ética”. Com os corpos vulneráveis, todos deveriam ser considerados iguais, desde a prostituta até a mulher “respeitável”, isso porque todos os corpos seriam frágeis independentemente de classe e gênero. A discussão que o autor traz referente a gênero se faz importante, pois os cristãos quebraram, inicialmente, a ordem referente à crença de homens e mulheres serem diferentes, todos eram considerados iguais e com a mesma necessidade de sacrificar o corpo para aproximar-se de Cristo.

De proporções diferentes dos rituais das mulheres na antiga Atenas, os rituais cristãos subvertiam a ordem. O *Ágape*, que se dava dentro das casas dos cristãos em Roma, funcionava de maneira diferente dos banquetes romanos. Segundo Sennett (2003), para se comparecer a um encontro romano, havia a necessidade de convite, já aos encontros cristãos, qualquer pessoa que trouxesse notícias seria recebida à mesa. Nas reuniões pagãs, o anfitrião dominava as conversas e sempre buscava ostentar sua importância e suas riquezas; no caso do *Ágape*, a mesa era compartilhada por todos de maneira igual.

O banho, que era uma atração popular para os romanos, para os cristãos tomou outro significado. Os cristãos se banhavam em uma sala separada para fazer o ritual do batismo; ao sair do banho, o novo cristão colocava novas roupas para representar que a nova pessoa estava surgindo. Diferentemente da circuncisão, o batismo cristão não permitia uma identificação corporal nas pessoas que passavam por ele e, segundo o autor, isso ajudou para o enraizamento do cristianismo nas cidades romanas durante esse período:

O batismo rompeu, com rigor, o preceito que regia a Roma pagã, de "olhar e acreditar". O cristão batizado era portador de um segredo incognoscível. Judeus do sexo masculino poderiam ser identificados e perseguidos, caso sua genitália fosse examinada, mas "a circuncisão corria constantes ataques de tribos, não de Cristo" não deixava sinais no corpo. De forma mais genérica, pode-se dizer que um cristão não ostentava o significado do cristianismo; sua aparência era irrelevante. O conjunto dessas celebrações domésticas é que permitiu o enraizamento dos cristãos nas cidades em que cumpriam suas obrigações litúrgicas (SENNETT, 2003, p. 120).

Com a decadência do império romano, as cidades se desfizeram e a maior parte da Europa retornou a agricultura. Pessoas comuns viviam no limite da fome, sofrendo ataques constantes de tribos guerreiras e, para se defenderem, essas pessoas recorriam a mosteiros e igrejas que possuíam muros para defesa. Essas características apenas se modificaram no século X, quando o feudalismo veio a se consolidar e nobres construía castelos no campo e traziam proteção para as pessoas em troca da servidão eterna.

A igreja católica, como reflexo da sua influência sobre o império romano, continuou sendo uma instituição muito poderosa, portanto, o corpo era pensado a partir de seus preceitos. Existia, segundo Barbosa (*et al.*, 2011) e Cassimiro (*et al.*, 2012) a busca pela separação do corpo e da alma. Tudo que dizia respeito ao culto do corpo era considerado errado, o corpo tinha de ser purificado com flagelos, dentre eles, o alto flagelo e jejuns. A igreja católica se utilizava do controle sobre o corpo para exercer seu controle social, o discurso utilizado para isso dizia que, para que a alma fosse salva, o indivíduo deveria seguir todos os ensinamentos da igreja.

Um ponto significativo referente a esse controle é a santa inquisição, quando, inicialmente, se propunha a salvar a alma aos hereges, mas, posteriormente, passou a utilizar-se de tortura e mortes na fogueira. Como esses eventos eram públicos, funcionavam também como método de controle dos corpos, pois todos viam a punição à qual eram submetidos aqueles que não seguiam os preceitos católicos.

Nesse período, pequenas aglomerações urbanas começaram a se formar. Nessas aglomerações, segundo Sennett (2003), o trabalho manual passa a ser valorizado e a pequena população urbana passa a possuir duas liberdades distintas: a primeira referente a não aprisionamento do trabalho feudal e a segunda ao direito de propriedade sobre o uso dos bens. Junto a isso, temos o surgimento da economia, o que, segundo o autor, é o terceiro poder que passa a influenciar a sociedade, junto ao estado e a igreja. O comércio entre as aglomerações urbanas europeias começou a se expandir e o centro deste era Veneza. Esta centralidade se dava por sua localização geográfica, que servia como entreposto entre Europa, África e Ásia. Muitos povos viviam em Veneza segundo Sennett (2003), dentre esses, os judeus que viviam segregados em guetos na periferia da cidade, de onde só podiam sair durante o dia.

Esse isolamento ocorria pela crença de que os judeus eram corpos impuros, o autor até se utiliza do exemplo que os cristãos selavam contratos com aperto de mãos, já os contratos com judeus eram selados com uma curvatura. Acreditava-se que os judeus eram impuros e transmissores de doenças. Mas, ao mesmo tempo, os judeus podiam executar contratos com a mesma liberdade dos cristãos, assim, o gueto cumpria a necessidade de isolamento dos impuros e permitia que os impuros estivessem suficientemente próximos a cidade para participar da economia.

Segundo o autor, os venezianos eram reconhecidos em toda a Europa por sua sensualidade, isso poderia ser observado nas fachadas dos prédios e nas gôndolas, todos ricamente ornamentados. As críticas cristãs referentes aos prazeres do corpo não eram muito

consideradas nesse período de abundância. Algumas práticas subvertiam esses valores, dentre elas a de homossexuais que navegavam pelos canais utilizando apenas joias femininas para que seu corpo fosse admirado. Para além disso, a prostituição era prática no porto, a qual colaborou para a disseminação da sífilis, doença que, segundo Sennett (2003), era colocada como mais um dos males trazidos pelos judeus. Outra doença que era “culpa” dos judeus era a lepra, então, para a sociedade da época, apenas o contato com um judeu poderia infectar os outros.

Em 1512, um decreto passou a regulamentar as vestimentas e uso de joias em Veneza. As mulheres não poderiam mais utilizar roupas transparentes e bordado, e os homens não poderiam mais utilizar roupas que mostrassem a parte superior do corpo. Segundo Sennett (2003), isso se deu pois acreditava-se que a ira de deus recaía sobre a cidade, pois, nesse período, Veneza passou a perder força como ponto de articulação comercial na Europa, já que os portugueses já haviam descoberto a rota para as Índias pelo do sul da África e os turcos limitaram o controle da cidade somente ao mar Adriático. A decadência comercial começara e a culpa passou a ser dos corpos impuros. Acreditava-se que, ao regulamentar as atividades corporais, a ira de deus não seria mais posta sobre a cidade. Segundo o autor, os principais corpos impuros de Veneza eram considerados os judeus, mesmo sendo cerca de dois mil em um universo populacional de cento e vinte mil, sua presença e sua suposta impureza incomodava e levou à sua segregação dentro do próprio espaço urbano.

Importante apontar que os venezianos também isolavam outras etnias. Segundo Sennett (2003), alemães, gregos, turcos e outros eram isolados, inicialmente para um melhor controle do comércio, mas, principalmente no que diz respeito aos alemães, após a reforma protestante, o controle passou a ser cultural. Como sempre, os corpos oprimidos encontravam uma forma de resistência. Os alemães, que eram confinados em um prédio trancado à noite e que só podiam fazer negócio com os moradores de Veneza com um intermediário, passaram a utilizar o período noturno como principal momento de comércio, no qual as transações eram realizadas sem impostos e fiscalização.

A ideia de isolar os judeus em um gueto surgiu em 1515. Esses foram colocados em uma ilha cujo único acesso à cidade se dava por duas pontes, que, quando fechadas, isolariam os impuros. A ideia era encerrar esta ilha com um muro e uma porta levadiça que seria o único acesso ao exterior. A administração da cidade garantiria a sua segurança, serviço que seria pago pelos próprios judeus. O autor nos mostra que o gueto não possuía nenhuma ideia de converter os judeus, como ocorreria nos guetos de Roma.

Outro dos corpos que Veneza segregava era o das prostitutas. Segundo Sennett (2003), buscou-se criar uma conexão entre judeus e prostitutas, os dois grupos, por determinação de lei, deveriam, sempre que em público, utilizar uma peça de roupa amarela. Um decreto proibiu o uso de joias e brincos para mulheres que não fossem virtuosas, o autor aponta que o único grupo de mulheres que utilizava brincos regularmente eram as judias. O estado buscou confinar as prostitutas em bordéis públicos para, assim, poder taxar as suas transações, mas as cortesãs, que também foram proibidas de morar próximo ao centro da cidade, resistiam a essas imposições, se utilizando de artimanhas, como encontrando moradia em outros bairros nobres. Elas subvertiam tal ordenamento utilizando também seu corpo, pois não respeitavam as regras de vestimenta que lhes eram impostas.

Dois pontos se faziam importantes para os judeus ao viverem no gueto: o primeiro diz respeito à segurança. Como o autor aponta, a segurança era feita pelo estado, mas paga pelos próprios judeus. Essa segurança, segundo Sennett (2003), lhes foi útil em diversos momentos em que cristãos pensavam em vingar-se pela morte de Jesus. Mais que isso, o segundo ponto em que o gueto lhes trazia segurança era a possibilidade de prática de sua religião. Os judeus reuniam-se principalmente em casas e, nos guetos, eles tiveram a possibilidade de construir suas sinagogas, que, segundo o autor, era um espaço onde os corpos oprimidos pela cidade podiam desfilarem sua beleza e sensualidade. As judias faziam uso de suas melhores roupas e joias, que, na rua, não poderiam utilizar.

Os guetos em Veneza favoreceram a construção de uma identidade do povo judeu, pois, como eram de diferentes origens, seus costumes eram diferentes, O gueto fez com que essa nova identidade favorecesse a possibilidade de exigir e de fazer coisas como judeus.

Não resta dúvida que os judeus plantaram raízes e incorporaram a paisagem que os humilhava. Não podemos recriminá-los por construir uma comunidade no espaço da tirania, mas, na melhor das hipóteses, sua forma de vida provou ser um escudo, mais do que uma espada (SENNETT, 2003, p. 205).

A título de curiosidade, cabe relatar que, por os cristãos relacionarem a circuncisão à castração, acreditavam que alguém se tornava judeu por um processo de “enfraquecimento”, o que levou a estudos científicos que vieram a “comprovar” que os homens judeus menstruavam.

Esse tipo de crença pode ser relacionada a algumas características que são trazidas para os corpos com deficiência, por exemplo, a crença de que pessoas cegas possuem “super poderes” que fazem com que elas ouçam melhor, cheirem melhor e sintam melhor que os



outros. Hoje, se sabe que a diferença parte da necessidade de cada corpo. Por exemplo, um especialista em cheiros provavelmente saberá distinguir mais fragrâncias do que uma pessoa cega sem treino; portanto, se nosso corpo aprende a ser corpo nessas situações, a percepção de um cego não é melhor ou pior do que uma pessoa que enxerga, mas sim ela é suficiente para suprir as necessidades daquele indivíduo.

Um outro momento importante para a maneira que se pensa e se pensou o conceito de corpo se deu a partir dos estudos de William Harvey, apresentados em livro em 1628, onde ele apresenta suas descobertas referentes à circulação do sangue. Como os gregos e romanos, Harvey pensou a cidade a partir do novo jeito que se pensava corpo. Segundo Sennett (2003), o novo ideal das cidades iluministas era a saúde e não mais a moralidade, então, para funcionar como o corpo, as pessoas deveriam poder circular com facilidade e poder respirar livremente, assim como o corpo. Esse movimento ocorreu contemporaneamente aos princípios do capitalismo moderno, quando a circulação de trabalho e mercadorias viria a trazer maior possibilidade de lucros. Sennett se utiliza de Adam Smith para mostrar que essa grande circulação, que ocorre até hoje em nossas cidades, necessitaria de uma mão de obra especializada, que circularia para levar seu trabalho a outras partes do “corpo”, iniciando assim uma forma de trabalho autônomo que, segundo Sennett, trouxe como consequência o individualismo: “[...] o movimento autônomo diminui a experiência sensorial, despertada por lugares ou pessoas que neles se encontrem. Qualquer forte conexão visceral com o meio ameaça tolher o indivíduo.” (SENNETT, 2003, p. 208).

Como as bases capitalistas se deram nessa época, o reflexo desse distanciamento a partir da circulação nós percebemos até os dias atuais, quando cada vez mais as cidades buscam a circulação rápida e eficiente.

Hoje, como o desejo de livre locomoção triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço através do qual o corpo se move, o indivíduo moderno sofre uma espécie de crise tátil: deslocar-se ajuda a dessensibilizar o corpo. Esse princípio geral vem sendo aplicado a cidades entregues às exigências do tráfego e ao movimento acelerado de pessoas, cidades cheias de espaços neutros, cidades que sucumbiram à força maior da circulação (SENNETT, 2003, p. 208).

Com o novo ideal da saúde, passou-se a reorganizar a cidade para que ela respirasse e circulasse melhor. No século XVIII, Londres e Paris modificaram seus calçamentos que, anteriormente, retinham excrementos e transformaram as valas em grandes veias de esgotos que levaria o que não era desejado para longe dessas áreas urbanizadas. Segundo Sennett (2003), as novas leis criadas nesse período demonstravam os novos pensamentos em vigor.

Por exemplo, Paris passou a obrigar os proprietários a limparem o estrume acumulado na frente de suas residências, enquanto o poder público se responsabilizaria pelos principais passeios e pontes públicas.

Paris, no final do século XVIII, era uma cidade que apresentava grandes desigualdades, principalmente por existir um poder burocrático; além disso, a economia e a circulação de mercadorias dependiam principalmente de portos próximos. Segundo Sennett (2003), o principal motivo de revolta antes e durante a revolução francesa era a variação do preço do pão, que, segundo o autor, era o alimento básico das famílias de trabalhadores, que gastavam algo próximo da metade de seus vencimentos com o produto. Em 1789, houve a grande revolta do pão, em um momento em que a mercadoria estava custando o dobro do valor cobrado normalmente, pois os tabelamentos impostos pelo governo não eram respeitados. Então, principalmente mulheres e crianças se reuniram para exigir que o valor voltasse a ser o cobrado anteriormente, mas a única resposta das autoridades foi que quem poderia responder aos seus questionamentos era o rei. O autor nos mostra que uma multidão se reuniu em frente do palácio de Versalhes até que o rei e a rainha viessem acudi-los e os encaminhassem para a cidade novamente, assim reconhecendo o problema e tomando medidas para minimizá-lo.

A rebelião produziu dois resultados: as autoridades procuraram fortalecer sua influência militar na cidade para controlar futuras manifestações, e o preço do pão foi fixado em *doz&sous*. Além disso, o governo franqueou seus estoques de boa aveia, garantindo os suprimentos necessários (SENNETT, 2003, p. 227).

Outros resultados vieram também dessa rebelião. Segundo o autor, foram uma maior participação de mulheres em movimentos urbanos e uma crença renovada na força do rei como agente importante para suprir as necessidades do povo.

Esses movimentos foram significativos para o que veio a ocorrer na revolução francesa. Um dos pontos importantes que Sennett (2003) trata diz respeito à escolha do revolucionário símbolo da revolução; havia uma crença corrente de que seria um homem escolhido para este papel, mas, dentre vários bustos de heróis historicamente reconhecidos, o que possuía mais apelo popular era o de Marianne.

A Revolução modelou o rosto de Marianne como o de uma jovem deusa grega, dotada de um nariz reto, testa alta e queixo bem-formado; seu corpo tendia mais às formas arredondadas de uma jovem mãe, vestido, às vezes, com túnicas justas, mas eventualmente com roupas contemporâneas e os seios nus (SENNETT, 2003, p. 231).

Mesmo com seios nus, à Marianne não era atribuída sensualidade, principalmente porque os seios nesse período eram sinal de virtude e não de algo que correspondesse à sexualidade. Os seios despídos de Marianne significavam nutrição do povo de maneira igual, pois todos possuíam acesso paritário à fonte de nutrição. No que diz respeito ao urbanismo, a revolução propôs-se a construir espaços para liberdade, nos quais tudo poderia ser visto de maneira transparente. Por isso, os jardins, anteriormente pensados como pulmões da cidade, foram transformados em grandes áreas pavimentadas sem prédios, calçadas ou árvores que os interrompesse. Esses preceitos, de uma nova perspectiva, mantinham a ideia de livre circulação e importância de se respirar livremente, consequência das teorias iluministas. Esses espaços, para além de um espaço de liberdade, eram um espaço de vigilância, os quais o regime vigente, com suas forças policiais, poderia controlar de melhor maneira a turba.

Sennett nos mostra que, no princípio da revolução, ocorriam manifestações populares em Paris. Uma dessas manifestações chamava-se “mascaradas”, na qual a população ironizava seus antigos senhores, desfilando em roupas de padres e aristocratas. Esse tipo de manifestação, segundo o autor, chegou ao ponto de ameaçar até mesmo os líderes do movimento. Por isso, o regime criou festivais com objetivo de neutralizar os corpos dos cidadãos, pois tinham como princípio ensinar ideias abstratas de como se comportaria um revolucionário. Outra mudança realizada pelo regime dizia respeito à figura de Marianne, que passou de uma representação de revolucionária forte e imponente para uma suavização de sua imagem até sua representação sentada. Sennett (2003) traz como motivo para isso a organização de mulheres que vinham ocorrendo; o regime achou necessário que essas organizações não se consolidassem, então, a imagem de Hércules passou a ser utilizada. Ainda assim, Marianne, por significar a segurança materna para os necessitados e mesmo por guardar uma semelhança com a virgem Maria, continuou sendo uma imagem muito representativa para a população.

A partir da segunda metade do século XIX, as cidades sofrem grandes transformações conhecidas como revolução urbana no período de 1848 a 1945. Na Europa e nos Estados Unidos, a população predominantemente rural se muda para as cidades, trazendo assim muitas mudanças na paisagem urbana e na maneira que o corpo agia nesse espaço.

Sennett (2003) mostra que, após a grande abertura para a construção de praças e de grandes avenidas, cada vez mais casas de pobres eram destruídas para serem substituídas por casas destinadas à classe média, levando os cidadãos marginalizados cada vez mais para longe dos centros das grandes metrópoles. Esse distanciamento levava a grandes deslocamentos pela

cidade, o que, para Sennett, explica a não ocorrência de revoltas em Londres, onde a concentração de renda era evidente: um por cento da população possuía setenta por cento do dinheiro.

Mas, no espaço urbano, o individualismo assumia um sentido particular. As cidades planejadas do século XIX pretendiam tanto facilitar a livre circulação das multidões quanto desencorajar os movimentos de grupos organizados. Corpos individuais que transitam pela cidade tornam-se gradualmente desligados dos lugares em que se movem e das pessoas com quem convivem nesses espaços, desvalorizando-os através da locomoção e perdendo a noção de destino compartilhado (SENNETT, 2003, p. 257).

Ao andar por espaços que não são os seus, ao cruzar com pessoas que não reconhece, o cidadão se sentia apartado das partes da cidade por onde precisava circular. Londres como teve o processo de reorganização do centro da cidade, enviando os pobres para cada vez mais longe, fez com que essa circulação tornasse as pessoas alheias às diferenças de classes e da necessidade de revolta. Não quero afirmar aqui que não existiam pessoas organizadas em torno de lutas de classe ao longo do século XIX, mas, sim, que Londres, ao contrário de Paris, conseguiu suprimir essas revoltas e a organização urbana contribuiu e muito com isso.

Dentre os projetos arquitetônicos que seguiam a ideia da cidade como um corpo e da necessidade de uma circulação rápida que favorecesse seu funcionamento está o metrô de Londres. Segundo Sennett (2003), havia muitos serviços da classe rica e burocratas do governo que, com o incentivo governamental conseguiram adquirir casa própria distantes do centro de Londres, então, o metrô vinha para suprir a necessidade de circulação rápida.

Como perspectiva desse modelo nos tempos mais atuais, o autor nos traz o exemplo de Nova York: suas quadras geométricas aparentemente não possuem fim, as quadras de tamanhos idênticos, os terrenos possuem o mesmo tamanho e, assim, era regulado no século XIX o preço da terra. Segundo Sennett (2003), NY ao contrário de Roma, que possuía também traçado quadriculado, não possui um centro. Essa neutralidade, a não existência de um centro definido, permite que os edifícios sejam construídos em quase qualquer lugar sem que exista real diferença. Por isso existe também a possibilidade de se destruir com indiferença, a favor de um urbanismo mais “moderno”. Sennett chega a afirmar que, em 100 anos, teremos mais resquícios da Roma de Adriano do que de NY dos dias atuais.

O autor aponta que NY é marcada por uma característica multicultural, iniciada principalmente nos grandes movimentos migratórios de europeus ao longo do século XIX. Ele aponta que inicialmente estes migrantes viviam em cortiços muito aglomerados, mas que, já

no início do século XX, os descendentes desses imigrantes, por possuírem condições de comprarem casas no subúrbio, passaram a fazer uso de metrô, assim como em Londres.

Segundo o autor, no período entre as duas grandes guerras, NY passou por um crescimento significativo, Robert Moses foi o principal idealizador das mudanças que a cidade passaria. “[...] dotada do sistema de transporte de massa mais extenso do mundo, a cidade acabou por realizar o ideal iluminista do corpo em movimento.” (SENNETT, 2003, p. 284). Seu projeto contribuía com a individualização do transporte, com construção de autoestradas que deslocariam a pessoa entre o subúrbio de moradia até o trabalho nas áreas mais centrais da cidade. Sennett (2003) defende que Moses pretendia “desfazer a diversidade” na qual somente quem possuía dinheiro para ter um carro e uma casa no subúrbio poderia escapar de uma cidade caótica, por causa da grande depressão de 1929.

O legado de Robert Moses trouxe duas consequências. A reestruturação de Nova Iorque colocou em primeiro plano as forças do movimento individual, geradas na Europa, dois séculos antes. Além disso, os que permaneceram no velho e diversificado centro urbano sentiram uma dificuldade muito mais aguda em lidar com suas próprias percepções e com as sensações alheias (SENNETT, 2003, p. 286).

O movimento em NY mudou de perspectiva. Enquanto a crença do movimento de Harvey era referente ao corpo, o corpo na nova cidade fica apenas sentado no carro andando em altas velocidades, realizando o mínimo possível de movimentos, o que aliena o corpo dos lugares onde ele passa, pois não existe contato.

## 2.3 MODELOS DE DEFICIÊNCIA

Nesta parte, pretendo fazer uma breve revisão dos modelos teóricos referentes à deficiência para definir o que assumo e utilizo neste trabalho. Para França (2015, p. 7) “[...] por modelo entende-se a associação entre uma conceptualização específica, as ações desenvolvidas sobre o tema e a construção do lugar da pessoa com deficiência na sociedade.” Busco, portanto, apresentar cada um desses pontos nos três modelos que considere mais significantes para os debates atuais: o modelo médico, o social e o biopsicossocial de deficiência.

Busco também expor as maneiras que cada um desses modelos pensa o corpo com deficiência, principalmente por até hoje o debate “normalidade vs. anormalidade” ser muito presente. Segundo França (2015, p. 7), “[...] a contraposição entre a forma e funcionamento esperados do corpo humano e o desvio, pauta a distinção entre o normal e o anormal. Nessa dinâmica, diferentes entendimentos e reações à deficiência podem ser observados”. Por isso, utilizarei a discussão sobre corpo e deficiência para chegar à compreensão do conceito que utilizo neste trabalho.

As pessoas com deficiência, durante muito tempo, foram percebidas em nossa sociedade como doentes. Essas pessoas, até metade do século XX, no Brasil, eram afastadas das pessoas “normais”, portanto, sua participação na sociedade passou a tomar força mais para o fim do século passado.

A crença de que pessoas deficientes são doentes provem de um paradigma nomeado como modelo biomédico da deficiência. Esse modelo caracteriza-se pela busca constante da “normalização” de todas as pessoas que não seguem um padrão proposto socialmente, além disso, a cura dessa “diferença” é um de seus objetivos, seja via tratamentos psicológicos ou intervenções cirúrgicas. Para França (2015) essa forma de se pensar deficiência evoluiu a partir da racionalização do mundo no século XVI, junto da evolução da medicina. Para o autor, esse paradigma ainda é hegemônico.

Como demonstra Martins *et al.* (2012), nesse modelo as pessoas com deficiência eram definidas como passivas e necessitavam de cuidados constantes; com isso, o foco da reabilitação era na pessoa, pois a deficiência era um fator do indivíduo. Ainda se acreditava que o processo de decisão dessas pessoas deveria partir dos profissionais da área, retirando o poder decisório de suas mãos, o que, segundo o autor, levou às desigualdades sociais que as

peças com deficiência sofrem hoje. Essas desigualdades são centrais porque a relação de poder existente entre pessoas com deficiência e esses profissionais ocasionou uma desqualificação das perspectivas desses indivíduos.

O documento “Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens”, parte complementar do “catálogo internacional de doenças” evidencia a influência desse modelo para a sociedade. Elaborado pela Organização Mundial de Saúde em 1980, o documento propunha uma classificação em três partes, que, segundo Diniz (2003), eram: em primeiro plano a lesão, em segundo a deficiência e por fim as limitações sociais impostas ao indivíduo. Esse documento, desde seu princípio, foi duramente criticado, pois como Diniz (2003), Martins *et al.* (2012) e França (2015) apontam, existia a individualização da deficiência, entendendo-se que o “problema” provinha do corpo da pessoa. Esses autores também demonstram que, nessa classificação, existia uma comparação do corpo com deficiência a partir de uma perspectiva de normalidade, o que levava a acreditar que as pessoas deveriam ser mais adaptáveis que a sociedade e do que os ambientes.

A deficiência é a lesão no corpo, adquirida primariamente por meio de uma doença, ou como consequência dessa. Decorre da deficiência uma excepcional incapacidade física, ao passo que tal condição de saúde leva os indivíduos a uma série de desvantagens sociais (FRANÇA, 2015, p. 8).

Esse paradigma busca uma normalização das pessoas. Existiriam padrões sociais que deveriam ser seguidos para que esses indivíduos sejam parte da sociedade e os que não se encaixam teriam de sofrer intervenções, sejam estas médicas, sociais ou psicológicas. França (2015) afirma que, para “corrigir” a deficiência, o paradigma biomédico realizaria intervenções no corpo para que esse organismo possa realizar atividades sociais “normais” e, assim, estar incluído na sociedade.

Esses modos de intervenção podem ser observados ao longo da história em vários momentos. Segundo França (2015), os exemplos são muitos, podendo-se destacar, no plano da intervenção individual, o incentivo para surdos aprenderem a comunicar-se oralmente e fazerem leitura labial. No plano coletivo, houve diversos massacres do “corpo diferente”; entre eles, o assassinato em massa de pessoas com deficiência pelo governo nazista na Alemanha. Atualmente ainda estão presentes práticas que são baseadas no modelo biomédico, principalmente as que propõem reabilitação para alcançar uma normalidade não existente.

Esse paradigma ganha concorrência na década de 1970, quando alguns teóricos do Reino Unido mostram uma nova forma de se pensar a deficiência. Dentre eles, Diniz (2007)

aponta Paul Hunt, que escreveu uma carta ao jornal *The Guardian* na qual ele propunha a criação de um grupo para levar as reivindicações ao parlamento de pessoas com deficiência. Vários deficientes responderam a essa carta e um grupo foi concebido com esse fim, A Liga dos Lesados Físicos Contra a Segregação (Upias). O autor, Michael Oliver, que é considerado por Diniz (2007) um dos principais teóricos do modelo social, foi também um dos fundadores dessa, que seria a primeira instituição para deficientes feita por deficientes.

Esse novo paradigma é chamado de modelo social da deficiência e, a partir dele, o debate que era apenas de um campo biomédico, psicológico e de reabilitação, passa a fazer parte das Ciências Humanas, tendo um conceito complexo que debate as opressões da sociedade frente ao corpo do outro. “Denomina-se Modelo Social da Deficiência a corrente de pensamento que a define como um constructo social que marginaliza as pessoas que possuem lesões específicas ou limitações aparentes em seus corpos” (FRANÇA, 2015, p. 13).

A discussão desses pesquisadores partia do princípio de que a deficiência, ao invés de ser um problema do indivíduo, era uma forma de opressão social na qual deficientes constituíam uma minoria, assim como mulheres, negros, etc. Dois argumentos são trazidos por Diniz (2003) para contextualizar o que foi construído pelos autores do modelo social.

O primeiro aponta que a lesão corporal não determina nem explica os motivos da ocorrência de pessoas com deficiência serem subalternas socialmente e politicamente, ou seja, o modelo social da deficiência desvinculou a deficiência do corpo. Aqui uma questão conceitual se apresenta, pois para estes teóricos a lesão é uma expressão biológica no corpo do indivíduo, já a deficiência é uma expressão sociológica em que é definição social que torna a pessoa deficiente.

Por isso que uma limitação corporal do indivíduo não pode explicar qualquer forma de diferenciação social, assim como apontam os debates feministas, que, segundo a autora, retiraram a culpa de subalternidades da natureza com a criação dos conceitos de sexo e gênero, a partir do qual se baseia o modelo social. Lesão, nesse ínterim, se aproxima do conceito de sexo, ou seja, uma definição biológica “isenta de sentido.” (Diniz 2003, p. 2), e deficiência se aproxima de gênero, que se consiste apenas em construções da sociedade.

Lesão e deficiência foram definidas assim pela Fundamental *Principles of Disability*, publicado pela UPIAS em 1975:

[...] lesão como a falta completa ou parcial de um membro ou ter um membro, órgão ou uma função do corpo com defeito; e deficiência como a desvantagem ou restrição de atividade causada pela organização social contemporânea que não leva (ou pouco leva) em consideração as pessoas que possuem uma lesão, e assim as exclui da participação das atividades sociais (UPIAS, 2014, p. 14, apud FRANÇA, 2015).



O segundo argumento que Diniz apresenta é que, se a deficiência não é um problema biológico, mas sim social, as soluções não estão no indivíduo ou no tratamento, mas em ações políticas. Segundo França (2015), com essa nova perspectiva para acabar com a deficiência, ações individuais não seriam suficientes, seria necessária a eliminação de barreiras para que as pessoas com deficiência pudessem estar na sociedade sem que sua lesão viesse a intervir.

O que esses teóricos propunham os posicionava contra qualquer forma de direcionar o problema para o indivíduo, retirando a ideia de tragédia pessoal, principalmente porque a deficiência é resultado de construções sociais. Diniz reforça que os teóricos do modelo social não eram contra estudos médicos e tecnológicos relacionados à deficiência, mas sim não concordavam com essas serem as únicas medidas tomadas frente às desigualdades, pois, como visto, para eles, o indivíduo não é o deficiente, a sociedade é quem “deficientiza” as pessoas. “Opor-se à ideia de deficiência como algo anormal não significa ignorar que um corpo com lesão medular necessite de recursos médicos ou de reabilitação.” (DINIZ, 2007, p. 8)

Um debate que esse novo paradigma trouxe foi referente aos termos utilizados para denominar pessoas com deficiência, pois, segundo Diniz (2007), os termos utilizados carregavam uma violência em relação à lesão. Como exemplo, ela coloca “aleijado”, “manco”, “pessoas com necessidades especiais”, “pessoas especiais” etc. Segundo a autora, uma das poucas concordâncias nos debates da área da deficiência foram os novos termos a serem utilizados, “pessoa com deficiência”, “pessoa deficiente” e “deficiente”.

Esse modelo, mesmo com toda sua importância para a mudança de paradigma no campo de estudos sobre deficiência, sofreu muitas críticas; uma das mais significativas diz respeito aos termos utilizados. França (2015) mostra que os críticos desse modelo diziam que apenas a mudança de termos não mudaria efetivamente nada. O que os teóricos respondiam, explicando que as palavras têm implicação social, por exemplo o uso de “pessoa com deficiência” ou “incapacitado”. Ainda alguns críticos apontavam que a conservação dos termos, apenas ressignificando-os, serviria apenas para gerar confusão entorno dos conceitos.

Tanto essas críticas, que cresceram constantemente a partir da difusão do modelo social, quanto a importância que a forma de se compreender a deficiência tiveram na luta dessas pessoas levaram a OMS lançar um novo documento em 2001 modificando os parâmetros de compreensão do que seria deficiência. O próprio nome, Classificação Internacional de Funcionamento Deficiência e Saúde, já evidencia uma mudança, já que antes o ponto de partida era o indivíduo e seu corpo e agora existe a busca pela compreensão da

relação do que é a deficiência e quais as limitações e dificuldades que essa pessoa enfrenta no seu ambiente diário.

Essa nova classificação, portanto, permite uma maior compreensão entre lesão e funcionalidade. Diniz menciona que existe a possibilidade de se avaliar desde as limitações de idosos até crianças com paralisia cerebral, e isso só é permitido por uma mudança de paradigma da deficiência. Outra vitória importante é que a lesão pode estar separada da deficiência, o exemplo que a autora utiliza é o de que um cadeirante em um ambiente adaptado não será deficiente nesse ambiente. “[...] o conceito de deficiência passa a ser uma classificação neutra frente à diversidade corporal humana e, não mais um destino da natureza imposto pela lesão” (DINIZ, 2003, p. 3).

A partir desse documento, é constituído, segundo Martins *et al.* (2012) e Diniz (2007), um novo modelo de estudos da deficiência, denominado de biopsicossocial. Esse modelo acredita que as categorias utilizadas para análise da nova classificação são suficientes na explicação do que é a lesão, a deficiência e suas relações com a sociedade, as categorias são: funções do corpo, estruturas do corpo, atividades e participação, e fatores ambientais.

Ainda assim, teóricos do modelo social da deficiência continuam as críticas referentes à OMS, e agora o principal ponto de choque, segundo Diniz (2003), é o de que ainda é priorizado o modelo médico, pois os aspectos sociais são apontados apenas como ambientais, enquanto, para os autores que fazem a crítica, os aspectos sociais vão muito além.

O conceito de deficiência nesse documento é:

Deficiência: caracteriza-se pelo resultado de um relacionamento complexo entre as condições de saúde de um indivíduo e os fatores pessoais e externos. É um conceito guarda-chuva para lesões, limitações de atividades ou restrições de participação. Denota os aspectos negativos da interação entre o indivíduo e os fatores contextuais; a autora aponta diversos outros conceitos que são descritos pela CIF, que para esse trabalho não são de grande importância, portanto recomendo a leitura do livro “o que é deficiência” o qual explica de maneira completa este documento. A cif não é um instrumento para identificar as lesões nas pessoas, mas para descrever situações particulares em que as pessoas podem experimentar desvantagens, as quais, por sua vez, são passíveis de serem classificadas como deficiências em domínios relacionados à saúde. (DINIZ, 2007, p. 49-51)

Por isso não se pode desvincular um documento construído pela Organização Mundial de Saúde da perspectiva médica de deficiência, ainda que, conforme a autora, o documento mostre um esforço da organização em se aproximar dos debates do modelo social.

Um outro paradigma que, com suas críticas, trouxe evolução aos debates do modelo social da deficiência é a crítica feminista. Pois, como é sabido, os primeiros teóricos do

modelo social eram homens, cadeirantes e que faziam parte de uma elite dentre os deficientes. Segundo Diniz (2003), mesmo eles tendo se baseado no materialismo histórico para fazer sua crítica frente ao modo que a sociedade reconhecia as pessoas com deficiência, sua principal discussão partia do princípio da inclusão dessas pessoas no mercado de trabalho. Uma crítica apontada pela autora ao modelo social é o princípio de que a igualdade parte da independência.

Como o discurso fazia crer que a autonomia levaria as pessoas com deficiência a entrarem no mercado produtivo, as autoras feministas acreditam que apenas uma parcela dos deficientes eram contemplados nesta perspectiva. A grande valorização da independência poderia vir a ser uma ideia perversa para muitas pessoas com deficiência que talvez nunca pudessem vir a serem independentes. O exemplo que a autora utiliza é de que não importa o tamanho dos ajustes que fossem realizados, algumas pessoas nunca viriam a ser produtivos no contexto social em que vivemos. A crítica feminista faz uso do conceito de interdependência como oposição ao conceito de independência. Esse argumento parte do ponto que todos em algum momento da vida somos dependentes de outro e isso que nos torna iguais.

Dessa forma, para a geração feminista, os primeiros teóricos do modelo social da deficiência desconsideraram o corpo, pois ao reforçar o ideal de independência ignoraram-se questões como dor, sofrimento e os limites corporais. Para Diniz (2007), reconhecer a dor e o sofrimento de um corpo lesado iria de encontro à deficiência como fator social. Ao mesmo tempo, teóricas feministas admitiam medo ao falar sobre a lesão e o corpo lesado, o receio dizia respeito às pessoas não deficientes imaginarem que o modelo médico estaria correto e que então a vida das pessoas com deficiência seria carregada apenas de sofrimento.

O ideal de independência isolou os debates de lesão e deficiência, pois se supunha a possibilidade de controle do corpo.

O deficiente produtivo seria aquele que controlaria seu próprio corpo e, portanto, seria capaz de exibir suas capacidades e habilidades. Lesão, dessa forma, restringiu-se aos debates biomédicos, sendo por isso um objeto de controle médico. Há uma forte convergência entre a biomedicina e o modelo social da deficiência no que se refere ao corpo. Ambos o tratam como se fosse pré-social, inerte, um objeto físico, palpável e separado do self (HUGHES; PATERSON, 2007 p. 66, apud DINIZ, 2007).

Outras importantes bandeiras que as autoras dessa corrente levantaram foram as que dizem respeito ao cuidado, à dor, à lesão, à dependência e à interdependência, bandeiras que, segundo Diniz (2007), não foram utilizadas pela primeira geração de teóricos do modelo

social, algumas por estes não viverem estas realidades e outras por serem uma estratégia política.

A partir do que foi exposto, já é possível delimitar que, nesta pesquisa, utilizo a ideia de que a deficiência é mais um modo de estar no mundo; que, sim, a deficiência é um fator ocasionado pelas diversas barreiras às quais deficientes são expostos todos os dias, mas nunca desvinculando isso do corpo, pois, como disse, o corpo nesta pesquisa é movimento, é aprender a ser corpo. Então uma pessoa com deficiência aprende e apreende o mundo e as paisagens com o seu corpo, que pode ser lesado ou não. A experiência de ser deficiente, portanto, é definida pelo corpo e pela paisagem, pois como também já apontei, a paisagem e o corpo são constituídos como um processo.

A ideia de que a cegueira, a surdez ou a lesão medular nada mais são do que diferentes modos de vida é algo absolutamente revolucionário para a literatura acadêmica sobre deficiência. A concepção de deficiência como uma variação do normal da espécie humana foi uma criação discursiva do século XVIII, e desde então ser deficiente é experimentar um corpo fora da norma.<sup>3</sup> O corpo com deficiência somente se delinea quando contrastado com uma representação de o que seria o corpo sem deficiência. Ao contrário do que se imagina, não há como descrever um corpo com deficiência como anormal. A anormalidade é um julgamento estético e, portanto, um valor moral sobre os estilos de vida. Há quem considere que um corpo cego é algo trágico, mas há também quem considere que essa é uma entre várias possibilidades para a existência humana (DINIZ, 2007, p. 8).

Neste trabalho, mostro uma área da academia que esquece da importância de diferentes formas de sentir o mundo. A construção conceitual vem a partir da forma que as pessoas reconhecem o mundo: se essas pessoas que têm a hegemonia acadêmica veem, elas construirão conceitos a partir da sua visão, e, assim, pessoas que não veem são excluídas das diferentes discussões acadêmicas que poderiam vir a ser mais diversificadas e constituídas de outros pontos de vista que não só o hegemônico. Isso vale para outras diversidades como deficiências variadas e outros grupos de pessoas que são oprimidas socialmente, como mulheres, negros, entre outros.

Para trazer essa diversidade conceitual e perspectiva, busco construir uma investigação emancipatória em que seja deixada de lado a pretensa neutralidade da ciência e busque-se a libertação das pessoas pelo reconhecimento de suas necessidades. Martins *et al.* (2012) define investigação emancipatória como “[...] a capacitação das pessoas com deficiência através da transformação das condições materiais e sociais de produção da investigação” (BARNES, 2012, p. 48, apud MARTINS *et al.*, 2012). O autor ainda indica a

necessidade da politização dos trabalhos científicos para que haja um maior compromisso com as pessoas e, como dito anteriormente, com suas necessidades.

É necessário, pois, que eu faça uso do modelo biopsicossocial da deficiência, de forma a compreender as diferenças e respeitá-las, para que então este trabalho parta do pressuposto que todos somos dependentes uns dos outros e que em algum momento todos podemos vir a ser deficientes. Já que constantemente a sociedade reproduz e evidencia a exclusão, seja nas suas formas, impedimentos físicos, ou em ações que geram barreiras de conteúdo, este trabalho, reforço, utiliza o modelo biopsicossocial de deficiência, principalmente para discutir a deficiência como um modo de estar no mundo.

Admito, neste trabalho, a cegueira como um modo de ser e estar no mundo, partindo da ideia de que deficiência é sim ocasionada pela sociedade e as barreiras impostas pela organização social, mas também é corpo. Dessa forma, um cego, mesmo em um ambiente onde ele não está deficiente, continua com um corpo cego e fazendo as coisas como cego, pois o resultado de toda a aprendizagem do corpo ao longo dos anos não enxergando trouxeram essa forma de se relacionar para esse corpo. Em outros termos, não basta não ver para ser cego, muitas mais relações fazem parte da vida de um cego do que somente “não ver”.

Diniz se utiliza de Borges para mostrar o que este autor cego pensava sobre a cegueira "a cegueira deve ser vista como um modo de vida: é um dos estilos de vida dos homens".<sup>2</sup> (BORGES, 2007, p. 8, apud DINIZ, 2007). Pensar a cegueira como modo de vida, segundo a autora, é importante para compreendermos que a cegueira é apenas mais uma das maneiras que o corpo se faz presente no mundo. A pessoa cega precisa, antes de tudo, de meios para estar no mundo, sejam esses meios criados pelos próprios cegos, ou sejam eles uma possibilidade de condições criado por outros. “Mas, como qualquer estilo de vida, um cego necessita de condições sociais favoráveis para levar adiante seu modo de viver a vida.” (DINIZ, 2007, p. 8). O que existe são condições sociais não favoráveis para que uma pessoa cega possa se desenvolver plenamente em nossa sociedade e isso se dá por que ainda não se compreende a diversidade corporal como outra maneira de se viver a vida.

### 1.2.2 CORPO-PAISAGEM: RELAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Já que a busca desta pesquisa é por compreender como a paisagem e o corpo das pessoas cegas se relacionam na cidade, é necessário encontrar uma forma de pesquisar essa relação. Nesse percurso, esses dois conceitos precisam ser pensados relacionalmente: a paisagem se dá quando há a percepção do corpo e o corpo ressignifica e é ressignificado pela paisagem.

O corpo como aprendizado, apresentado anteriormente, é o conceito que pretendo utilizar, pois pretendo relacionar as percepções da paisagem às apreensões desse corpo através de seus aprendizados, por isso estudarei os aprendizados do corpo de pessoas cegas junto do seu modo de agir no mundo. Os corpos não podem ser considerados entidades estáticas, principalmente porque os objetos e as paisagens às quais eles se relacionam fazem com que eles se refaçam. Isso é o que Macpherson (2010) chama de performance: em cada contexto diferente, seja se relacionando com objetos ou com a paisagem, essa performance se refaz. Isso posto, apresentarei a proposta de paisagem que adoto neste trabalho, na qual a relação do corpo com o mundo é mais imediata e se reconhece a maneira que as paisagens afetam os corpos e como estes afetam aquelas.

Partindo da ideia de que a paisagem influencia no que os corpos fazem e no que eles são, explico agora como a teoria não representacional compreende o conceito de paisagem. Ao falar da paisagem, Lorimer (2005, p. 84) traz importantes apontamentos da teoria não representacional, pois para o autor a geografia cultural “[...] moldou, fixou e tornou inerte tudo o que deveria ser mais animado”. A percepção da paisagem como um texto limitava a perspectiva do construtivismo social, então a teoria não representacional pensa a paisagem como um processo por estar constantemente em formação. Como escreve Macpherson (2010, p. 7), a paisagem diz respeito à prática e à ação: “[...] um insight importante da TNR é que paisagem e corpo não são conceitos delimitáveis fixos que podemos simplesmente aplicar, mas nossas ideias a respeito deles devem mudar à medida que entram em contato com circunstâncias empíricas.”

A paisagem, na teoria não representacional, não é só um acúmulo de histórias escritas como texto no presente, mas, sim, a relação do corpo no presente. Macpherson (2010) traz que corpos e paisagens podem se construir constantemente entre si e não são estacionários, assim, corpo e paisagem são conceitos complementares.

As abordagens não representacionais das relações corpo-paisagem nos ajudam a reconhecer que não somos simplesmente atores racionais em uma paisagem inerte, mas que estamos sempre em processo de formação com a paisagem. O que é interessante sobre essa compreensão da paisagem corporal é que ela exige que o pesquisador "social" reconheça a agência da paisagem material e reconheça que nem sempre estamos realizando ações conscientes ou fundamentadas nessa paisagem. (MACPHERSON 2010, p. 8))

Assim sendo, a compreensão da paisagem como relação e em constante transformação é o que pauta a forma de conceber esse conceito neste trabalho. Pessoas cegas durante suas caminhadas, o tempo todo, precisam se adaptar e aprender a ser corpo, pois essas paisagens por onde elas se deslocam também está em constante transformação, afetando e sendo afetada.

## 2.4 CONSEQUÊNCIAS DAS TEORIAS NÃO REPRESENTACIONAIS PARA AS METODOLOGIAS

Com essas diferentes maneiras de analisar as ações sociais e a nova compreensão do corpo e a relação do corpo com o mundo, se fizeram necessárias novas maneiras de estudo dos fenômenos. Para isso, novos métodos foram pensados e outros não tão novos foram reorganizados. Agora aponto as maneiras que essa forma de estudar a realidade escolheu para fazer isso e também busco indicar os limites dessas metodologias para esta pesquisa.

A primeira importante mudança apontada por Paiva (2018) é a do pensamento em ação, em que o conhecimento não é divisível da realidade de onde ele surge, ou seja, não se analisam apenas as representações construídas por uma mente distante do corpo e da realidade. Lorimer (2005) nos diz também que cada um vive o corpo de maneira diferente:

[...] neste sentido, a produção de conhecimento passa a preocupar-se não apenas com as representações mentais da realidade (e.g. significados, sentimentos, discursos, estruturas), mas também com o modo como essas representações são produzidas corporeamente no decorrer das ações e interações de que o mundo é constituído (incluindo práticas, hábitos, afetos) (PAIVA, 2018, P. 160).

Outro apontamento importante de Paiva (2018) é o de que estando no mundo com seu corpo é que o sujeito pensa o mundo, e essa ideia colabora com o pensamento de que o sujeito faz parte do ambiente, pois o mundo, o tempo todo, se relaciona com esse corpo e o contrário também é verdadeiro.

Outra mudança para a teoria não representacional é na ideia de pesquisa de campo, pois se acredita que a tradicional divisão entre momento de busca de teoria e leituras, momento do campo e por fim momento de análise de dados, reforça a noção de divisão entre

representação e realidade. Passa-se a entender que as teorias são concebidas a partir de onde o pesquisador está como sujeito e não de um lugar abstrato. Então o campo para os teóricos não representacionais tem uma noção expandida, onde todos os espaços em que o pesquisador produz conhecimento estão incluídos. Dessa forma, metodologias como etnografia e observação participante são muito utilizadas por pesquisadores não representacionais, principalmente por trazerem o pesquisador para dentro da ação, a partir do que ele corre risco de ser “afetado pela experiência e a prática geográfica” (PAIVA, p. 161). Tudo isso para que haja uma aproximação entre o conhecimento prático do mundo e os conhecimentos acadêmicos, esses buscando explicar aqueles, sem que se construam representações estáticas distanciadas da realidade.

Os métodos de pesquisa também são repensados a partir dessa teoria, pois segundo Paiva (2018, p. 162-163), a busca é por “[...] apontar para o estudo das formações sociais, preocupando-se menos com estabelecer fatos e mais com descrever realidades”. Assim, a ideia de se isolar categorias para depois recortar elementos do mundo social, para apontar fatos, não serve mais. O autor se utiliza de Latour para mostrar que esse tipo de recorte nos mostra apenas uma parte do mundo social, por isso, para Latour, é necessário não só compreendermos o que torna possível tais recortes, mas também a sua emergência.

Paiva (2018) traz duas importantes observações referentes ao impacto das teorias não representacionais na metodologia das pesquisas em Geografia. O pesquisador foi trazido para o centro da ação social com o objetivo de permitir uma compreensão dos fenômenos na prática. Para isso, foi necessária a utilização de variados métodos e metodologias não usuais à disciplina, o que levou ao estudo de aspectos antes não estudados como as práticas espaciais e suas experiências. Para além disso, os novos caminhos metodológicos permitiram à Geografia Cultural estudar qualitativamente diversas áreas antes não estudadas. Conforme afirmam Anderson e Harrison,

Se uma única coisa pode caracterizar o trabalho não representativo na geografia humana nos últimos 15 anos, é a tentativa de inventar novas formas de abordar questões científicas sociais fundamentais e, ao mesmo tempo, deslocar muitas dessas questões para novas áreas e problemas (ANDERSON; HARRISON, 2010, p. 2).

Existem críticas que são direcionadas a essa teoria quando aplicada à Geografia. Como Paiva (2018) aponta, não é sempre que os pesquisadores conseguem teorizar partindo das experiências e dos eventos do mundo e, por isso, surgem estudos que pouco colaboram com a compreensão dos eventos. Outra crítica é o tom universalista que, por vezes, exclui debates de



gênero, etnia e classe social que estão na origem e influenciam fenômenos. Por fim, outra crítica, que se relaciona à anterior, afirma que o foco na relação entre corpo e espaço impede generalizações referente aos processos que são estudados.

Por termos de reconhecer que nem sempre realizamos ações conscientes é que a entrevista não é a forma mais adequada de se compreender a paisagem e o corpo na perspectiva não representacional. A autora aponta ainda que a entrevista pode ser utilizada, mas não como única possibilidade. Por isso, buscarei realizar caminhadas junto aos participantes da pesquisa para perceber as diferenças entre a representação construída nos relatos e o que ocorre na prática. O mais difícil dessa proposta é narrar o dinamismo da relação corpo-paisagem.

Macpherson (2010) traz diversas formas que autores relacionados à teoria não representacional pesquisaram as paisagens, entre elas estão a etnografia, ensaios fotográficos, vídeos, entre outros. Um importante limite, entretanto, da abordagem não representacional diz respeito ao modelo social da deficiência, pois, como aponta Macpherson (2010), a teoria não representacional critica narrativas individuais e pesquisas relacionadas à busca de direitos e reconhecimento de pessoas com deficiência, que muitas vezes se utilizam desse expediente. Para a autora, a princípio, essa tensão não pode ser resolvida, então, é necessária a busca pelo equilíbrio entre o relato concreto das relações do corpo-paisagem e a apresentação das reivindicações apresentadas por grupos subrepresentados, entre eles o das pessoas com deficiência.

## 2.5 OS MÉTODOS DE CAMINHADA

Caminhada é a escolha metodológica que fiz para compreender a maneira que as paisagens urbanas e as pessoas cegas se relacionam, por isso acredito ser importante trazer a base teórica desse método. Segundo Macpherson (2016) e Lorimer (2011), os métodos de caminhada vem sendo muito utilizados para os estudos de percepção e de paisagens, o que se acredita é que esses métodos possibilitam novas formas de se obter informações referentes à pesquisa, pois a paisagem durante a caminhada estimula o debate, sem que o participante precise buscar em suas memórias ou se utilize de imagens, movimentos que retomariam representações.

Contudo, Macpherson nos chama a atenção para o fato que um método de caminhada não deve ser simplesmente um aprimoramento de uma investigação participativa. Esses

métodos não revelam as percepções dos participantes da pesquisa, pois cada participante é um corpo e esse corpo tem suas próprias histórias e marcas de suas experiências que devem ser levadas em conta.

Como Macpherson (2007) escreve, o pesquisador também é um corpo que participa da pesquisa, então, suas percepções sobre o mundo estão envolvidas no processo e isso é percebido na escolha dos métodos e na compreensão dos conceitos. A autora aponta ainda, em outro trabalho (MACPHERSON, 2016), que mesmo vários pesquisadores tendo utilizado os métodos de caminhada para estudar a paisagem, muitas diferentes formas de se compreender esse conceito estavam presentes nesses trabalhos:

As abordagens móveis para a pesquisa da paisagem revelam as maneiras múltiplas e dinâmicas pelas quais as paisagens se realizam, são experimentadas, valorizadas, imaginadas e remontadas por pessoas diferentes em momentos diferentes, de maneiras diferentes, através de hábitos, práticas e tecnologias variadas (MACPHERSON, 2016, p. 426).

Essa dinamicidade pode ser melhor compreendida utilizando métodos móveis e também inovações nas formas de registrar as informações. “[...] demonstrou-se que os métodos móveis usados em conjunto com as formas de documentação baseadas em vídeo, fotografia e artes adicionam textura às representações de lugar e paisagem” (MACPHERSON, 2016, p. 426). Por isso utilizarei registro de áudio nas caminhadas com as pessoas cegas, com objetivo de, a partir do som do ambiente e da fala da pessoa, compreender as maneiras como corpos cegos e paisagens se relacionam e se constroem mutuamente. A compreensão da paisagem como relacional colabora, portanto, para a utilização de métodos de caminhada, porque valoriza a paisagem como ideia e como experiência.

Outro ponto que Macpherson (2016) defende é que a caminhada não é um método para estudar a paisagem, mas, quando se pensa corpo e paisagem como um conceito relacional, a paisagem influencia na caminhada e, por isso, também influencia na metodologia: “[...] a caminhada não é apenas um método para obter conhecimento da paisagem, mas sim a paisagem (como uma ideia, um espaço e uma experiência) afeta a caminhada e, portanto, a metodologia” (MACPHERSON, 2016, p. 429).

Então quando pensamos a paisagem como relação e entendemos a caminhada como metodologia, os significados não são ligados à paisagem como um texto, mas são reunidos no caminhar. A autora também chama a atenção para o fato de que não existe uma percepção puramente relacional da paisagem, pois, como já apontado, o corpo é carregado de construções sociais que não permitem esse purismo no perceber.

### 2.5.1 Observações sobre o método da caminhada

Existem alguns pontos que precisam ser trazidos à tona sobre o funcionamento do método de caminhada. O primeiro é sobre o que valoriza essa forma de fazer pesquisa: “[...] seu valor refere-se ao reconhecimento do que realmente acontece entre A e B” (MIDDLETON, 2011, p. 98), pois, muitas vezes, como indicaram Cresswell e Merriman (2011), as pesquisas geográficas buscaram estudar pontos fixos do espaço; mesmo quando se passou a utilizar o movimento, se fez isso de uma maneira quantitativa, que excluía o caminho entre um lugar e outro e como era esse caminho. A Geografia Cultural buscou romper com essa ideia e atualmente os métodos móveis e de caminhada valorizam o que há entre um ponto e outro e como cada corpo se relaciona com esse caminho. “Caminhos e rotas não são simplesmente rotas funcionais que conectam um lugar a outro, mas são lugares sensoriais e imaginativos significativos, que interagem e são contextualizados pelas fugas sensoriais das quais fazem parte” (PINK 2008, p. 247).

Como dito anteriormente, essas percepções que Pink menciona são diferentes em cada pessoa, por isso é necessário lembrar Macpherson (2016), que escreve que a motivação e a condição social de quem anda é muito significativa na sua percepção da paisagem e, junto a isso, o gênero, a idade, a formação etc. são fatores importantes a serem considerados.

Esses elementos também influenciam na forma que um indivíduo vive a paisagem. Junto a isso existem diferentes tipos de caminhada e diferentes possibilidades para cada pessoa caminhar. A autora aponta que existem indivíduos para os quais a caminhada não é uma possibilidade, como exemplo algumas pessoas com deficiência. Isso deve ser levado em conta quando se deseja utilizar a caminhada como método.

Outros pontos a serem considerados são: (i) o objetivo de cada caminhada, seja ela para ir ao trabalho ou apenas um passeio; (ii) a rota a ser percorrida; (iii) a distância; e (iv) o terreno por onde será a caminhada. Sobre o terreno, Macpherson (2016) chama atenção para a seguinte situação: em uma caminhada por montanhas, durante as partes mais fáceis da rota a conversa ocorria de maneira mais fácil, enquanto nas partes onde eram exigidas habilidade e concentração, o silêncio era o mais comum.

A autora ainda aponta que, em caminhadas longas, o participante pode não pensar mais na paisagem de maneira crítica e reflexiva, mas ela discute como as outras incorporações

como bolhas nos pés podem ser representadas por nós pesquisadores ao buscar a paisagem como relacional.

Cabe notar que a mesma caminhada pode ter significados diferentes para cada pessoa, pois, como aponta Lorimer (2011), existem muitas subdivisões para a categoria caminhante, por exemplo: os aventureiros, os viajantes maravilhados e os maratonistas de longas distâncias.

Mesmo com todos esses apontamentos sobre como a caminhada qualifica a pesquisa, os métodos de caminhada não prometem “a” forma autêntica de se perceber a paisagem. Macpherson (2016) escreve que é necessário tomar cuidado com as avaliações sobre autenticidade da experiência do corpo como fundamento para a relação com a paisagem. Isso porque não existe uma maior legitimidade relacional com a paisagem por parte de quem está caminhando em relação a outras formas. Estas também seriam legítimas, apenas diferentes. Também é necessário ter atenção para o fato de que mesmo cada pessoa tendo uma forma de caminhar e uma maneira diferente de se relacionar com isso, as reações biológicas do corpo são muito importantes, pois, segundo Macpherson (2016), após vinte minutos de caminhada, as endorfinas começam a ser liberadas, junto a várias outras reações biológicas que podem trazer um excesso de positividade nas conversas e nas relações que são construídas.

Ainda sobre as possíveis armadilhas dessa forma de pesquisa, Middleton (2011) chama a atenção para a existência de uma grande gama de estudos que romantizam a caminhada, generalizando-a como uma prática urbana positiva ao tomá-la necessariamente como um ato de resistência política. Um exemplo que mostra a contradição dessa perspectiva é a dos pedestres que andam com medo na cidade, um de seus objetivos é ir de um ponto a outro o mais rápido possível.

Segundo a autora, as pesquisas que romantizam as caminhadas são aquelas que não se relacionam com o cotidiano, mas sim com eventos específicos. Ela cita as performances artísticas que registram e participam de caminhadas urbanas, essas caminhadas são importantes e colaboram na compreensão de como as pessoas caminham na cidade, mas, conforme pontua Middleton (2011), elas estudam situações excepcionais e, enquanto isso, a maioria das caminhadas são comuns e triviais.

### 3 METODOLOGIA

Descrevo nesta seção a metodologia que utilizei para realizar a pesquisa com os colaboradores cegos; apresento, aqui, os colaboradores, a cidade de Florianópolis e as rotas efetuadas com eles pela cidade.

#### 3.1 O MÉTODO DE CAMINHADAS

Utilizei o “método de caminhada” para compreender qual o papel da paisagem urbana no deslocamento de pessoas cegas. A base teórica dessa metodologia foi explicada no referencial teórico, cabendo agora explicar como o utilizei nas caminhadas com os colaboradores desta pesquisa.

Considero muito importante lembrar a quem esteja lendo esta dissertação que sou cego, e, sendo pesquisador cego, as considerações serão carregadas de incorporações e percepções que uma pessoa cega há quase vinte anos carrega consigo. Isso pode ser positivo, pois acredito que compreendo melhor as formas de relação com a paisagem de uma pessoa cega, mas, ao mesmo tempo, posso ocultar ações e reações que para mim já são comuns e que possivelmente pessoas não cegas julgassem importantes de serem relatadas. Essa situação, entretanto, faz parte da pesquisa e, como Macpherson (2007) lembra, cada pesquisador carrega uma infinidade de características que transformam sua forma de perceber a paisagem e os outros, e não é sempre possível localizar pesquisador e pesquisado nos lugares que tradicionalmente se destinam a esses atores. Arrisco dizer que não seja sequer necessário e, por isso, busco me colocar nesta pesquisa de maneira que seja perceptível meu lugar de pesquisador.

Uma vez feita essa colocação, descrevo como se deu a caminhada e seu registro. Acompanhei três pessoas cegas, cada uma na rota escolhida pela pessoa. Um dos requisitos para a escolha do percurso foi ser um caminho que a pessoa está acostumada a fazer, isto com a pretensão de perceber como essas pessoas se relacionam com a paisagem em um lugar que, para elas, seja seguro. A relação entre “conhecer o caminho” e “sentir-se seguro” pode ser pensada a partir de Macpherson (2007), que mostra que a maior parte das pessoas cegas costuma realizar caminhos já conhecidos, justamente pela segurança de que as barreiras e lugares que favorecem a caminhada são os mesmos quase sempre.

As caminhadas foram gravadas com um microfone ligado a um celular com programa de gravação. Eu acompanhei as caminhadas para buscar compreender experiências e práticas no momento em que elas ocorriam, como sugere também Macpherson (2007).

As caminhadas foram feitas com cada colaborador individualmente, e é necessário dizer que já conhecia essas pessoas, tendo relacionamento de coleguismo. Essa proximidade, segundo Macpherson (2007), pode colaborar com a possibilidade de as perguntas e intervenções que farei serem mais adequadas a cada uma delas.

A cada pessoa, informei do que se tratava a pesquisa e como ela seria realizada. Comuniquei o uso da gravação e da posterior transcrição para poder utilizar em meu trabalho. Também expliquei sobre o anonimato dos participantes, que será preservado para que não haja constrangimentos ou mau uso de suas informações. Outra forma de captar informações foram as anotações de campo, que realizei antes e depois de cada percurso.

A análise foi realizada da seguinte forma: escutando o áudio, transcrevi o que foi conversado em cada caminhada, juntando minhas observações anotadas antes, durante e depois dela.

Depois, agrupei questões comuns das caminhadas considerando as categorias Barreiras, Corpo e Ajudas. Destaco que, uma vez que realizei os percursos, considero minhas percepções relevantes nas análises.

Após os agrupamentos nas categorias, elaborei um texto de análise das caminhadas considerando separadamente as Barreiras, a Ajuda e o Corpo, relacionando-os com os conceitos discutidos no referencial teórico. Essas considerações estarão na parte 3.

### **3.1.1 Explicando escolhas**

Julgo importante, nesse momento, explicar algumas escolhas de formato que fiz para o texto deste trabalho. Como indicado nos caminhos metodológicos, o anonimato das pessoas cegas que participaram das caminhadas foi preservado e, por isso, elas foram identificadas apenas por uma letra. Foram três participantes B, G e S, e suas falas estão precedidas por essas letras. As falas de pessoas que nos encontraram no percurso foram identificadas com X, as minhas falas estão identificadas com a letra T e comentários que dizem respeito à minha percepção das caminhadas estão entre parênteses.

As falas dos caminhantes, das pessoas de fora, as minhas e meus comentários estão ordenadas de acordo com os conceitos que elas representam, isso significa que, por vezes,

para falar de um mesmo conceito ou tópico, utilizarei diferentes falas de diferentes personagens sem me prender à ordem cronológica em que cada fala ocorreu. As transcrições completas das caminhadas estão nos Apêndices da pesquisa.

Outra escolha diz respeito ao modo como essas falas estão presentes no texto. A norma padrão indica que transcrições estejam em itálico, mas, para pessoas cegas que utilizam leitores de tela, o programa não consegue fazer uma diferenciação na leitura corrente desses diferentes caracteres. Então estes trechos estão também entre aspas, pois há uma configuração nesses programas de leitura de tela que permite o usuário escolher ouvir as aspas.

Apresento, agora, os colaboradores com quem caminhei.

### 3.2 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Começo esta seção por B. B é uma mulher de 23 anos, com ensino superior completo, é estudante e vive em Florianópolis desde quando começou a cursar faculdade. Eu e B somos amigos há alguns anos, nos conhecemos por meio de amigos em comum na UFSC e, hoje, realizamos muitas coisas juntos.

Durante a caminhada, ela demonstrou muita segurança, mas, no seu discurso, ela constantemente parecia estar insegura, pois em vários momentos afirmava estar andando aleatoriamente. Para mim, isso não parecia verdade, pois ela sempre conseguia realizar o que era necessário nesses trechos.

A transcrição da caminhada com B, que está presente nos apêndices deste trabalho, demonstra o quão nós somos íntimos, e essa caminhada que realizamos serviu para que eu identificasse inseguranças nela e em mim quanto a sermos cegos na cidade.

Sigo as apresentações com S, também minha amiga. Nos conhecemos na UFSC; ela também tem ensino superior completo, realiza pós-graduação e é natural de Florianópolis. S é muito segura na caminhada e no seu discurso; durante todo percurso, ela demonstrou conhecer os obstáculos que traziam algum risco para nós e suas localizações quase exatas.

Como é possível ler na transcrição, seu conhecimento da paisagem é incrível, com referências, obstáculos e facilidades.

O terceiro participante, G, é um homem de 32 anos, reabilitando do INSS, com ensino técnico completo e vive em Florianópolis há três anos. G foi a pessoa que caminhou comigo com quem eu tenho menos intimidade, e fiquei com a impressão de que, por isso, essa

foi a caminhada em que mais aprendi. Em muitos momentos as informações que ele trazia me surpreenderam, pois ele mostrou ter um conhecimento incrível da rota e suas referências, e, mesmo ele dizendo que tem percepção de luz, as referências dele eram de tato e de audição.

### 3.3 CARACTERIZANDO FLORIANÓPOLIS

Aqui trago uma breve descrição da cidade de Florianópolis para que as pessoas que não conhecem a cidade, ao lerem esta dissertação, compreendam um pouco do lugar de onde e sobre o qual escrevo.

Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, está localizada no litoral do Atlântico Sul, no Brasil entre os paralelos 27°27' S e 27°50' de latitude Sul e entre os meridianos 47°59' O e 48° 35' de longitude Oeste. A maior parte do município de Florianópolis fica na Ilha de Santa Catarina e uma parte menor no continente, como mostra a figura 1 mais adiante. Ao Leste, ficam o Oceano Atlântico e algumas pequenas ilhas; ao Oeste, a ilha é circundada pela Baía Norte e a Baía Sul. Os limites da parte continental são igualmente as duas baías e a Oeste o município de São José. (Nascimento, 2002). O município tem uma população estimada pelo IBGE para o ano de 2020 de 508. 826 habitantes, que na sua maioria reside no continente, na área central e norte da ilha. A metade sul da ilha é menos habitada. Em 2018, o salário médio mensal era de 4.8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 63.9%, o PIB de R\$ 40.162 e a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade de 98,4% (IBGE, 2020).

A ilha de Santa Catarina é afastada da parte continental por uma distância que varia de 500 metros a até 5 km. Apresenta uma forma alongada, orientada na direção Norte/Sul, que se estende paralelamente ao litoral por 54 km, sendo que sua maior largura é de 18 km no sentido Leste/Oeste apresentando no total uma área de 424,4 km<sup>2</sup>. A parte continental do município apresenta forma levemente retangular com 11,9 km<sup>2</sup> de área. As duas porções do município são ligadas por três pontes, cujo canal ou estreito sob elas divide as Baías Norte e Sul. (REGIS, 2016). Essas pontes estão todas localizadas na área central da cidade, aproximadamente na metade da ilha.

Diversos núcleos mais densamente povoados caracterizam as praias, lagoas e lagunas, muitos dos quais são confundidos com bairros, porém, somente o Distrito sede na ilha tem bairros definidos (17 bairros na ilha e 15 bairros no continente). Todavia são 12 distritos e quatro subdistritos (Sede, Trindade, Saco dos Limões e Estreito) que geram os diferentes



bairros ou localidades. Segundo Nascimento (2002) são 40 praias na ilha e sete praias no continente, locais de moradia e lazer assim como de atrativos turísticos de Florianópolis.

Por estar localizada no litoral e numa zona de influências climáticas tropicais e polares, a ilha expressa uma grande diversidade de ambientes naturais, exibindo um cenário belíssimo, recortando seu território em baías, enseadas, pontas, promontórios, costões, lagunas, lagoas, dunas, restingas, praias e mangues. Ainda há resquícios da Mata Atlântica nas encostas e topos de morro (NASCIMENTO, 2002).

As caminhadas, descritas na seção a seguir, ocorreram na região continental, central e leste da cidade de Florianópolis.

### 3.4 AS ROTAS EFETUADAS NAS CAMINHADAS

Apresento, aqui, com detalhes, as rotas que realizei junto com os participantes da pesquisa. Isso é importante para que pessoas que não conhecem Florianópolis compreendam um pouco das referências da cidade que aparecem nas entrevistas e nas análises. Na Figura 1, posta a seguir, está a imagem de um mapa tátil de Florianópolis, no qual aparecem os locais onde aconteceram as caminhadas. Eu e a professora Ruth consideramos, com o mapa e com essas descrições, tornar as rotas acessíveis tanto para pessoas cegas quanto para as que enxergam, fazendo desta dissertação um espaço completo para pessoas cegas, de forma que possam ler e conseguir informações na mesma qualidade de alguém que enxerga.

Talvez, durante a leitura do mapa tátil, as pessoas que enxergam percebam que pessoas cegas compreendem de maneira diferente as rotas urbanas.

Depois da imagem, detalho como os caminhantes explicam as rotas realizadas para demonstrar como a rota é compreendida e explicada por cada um deles.



Figura 1 - Mapa da cidade de Florianópolis indicando em quais partes as rotas ocorreram

### 3.4.1 ROTA de caminhada com B

Essa foi a primeira rota que realizei; aconteceu no dia 31 de Janeiro de 2020. O percurso escolhido por B partia de sua casa e ia até o Centro de Comunicação e Expressão, prédio na UFSC. A gravação sem interrupções de nossa caminhada dura 1 hora e 7 minutos.

B vive na região continental de Florianópolis, no bairro chamado Abraão (veja no mapa da Figura 1). Para chegarmos à UFSC, precisamos pegar um ônibus até o centro da cidade, que está a 6,7 km de distância de onde ela vive, e outro que nos leva até a universidade, que está a 6,9 km do centro.

A região continental está a oeste da ilha de Santa Catarina, e o centro da cidade de Florianópolis, que se localiza na ilha, está ao oeste da ilha, existindo três pontes que ligam a região continental da cidade ao centro. Descrevo agora a rota passo a passo.

B mora no terceiro andar de um prédio que tem o térreo como espaço comercial. Por isso, a saída dos moradores se dá em uma pequena rua lateral.

Ao sairmos do prédio, viramos à direita para tomarmos a direção que chega à rua. Ao chegarmos na calçada, em frente ao prédio, encontramos um piso tátil. Viramos à direita e andamos em torno de 30 metros.

Após andarmos até a faixa de segurança, cruzamos a rua e viramos à esquerda para encontrar o ponto de ônibus.

Existe, aí, uma situação interessante de ser relatada. Ao pegarmos o ônibus, perguntamos ao motorista se ele iria até o centro; recebermos a resposta afirmativa, embarcamos e não falamos mais em rotas até chegarmos próximos ao terminal, ponto de referência em que B desce.

O ônibus tem sua própria rota, que faz parte da nossa. Entretanto, a dinâmica de pergunta-resposta que deixa o motorista ciente do destino de B e ela está segura de que irá chegar gera outra percepção sobre esse percurso. Como não tem responsabilidade sobre o percurso, B entende que precisa conhecer apenas a referência da chegada.

É importante pontuar que o centro de Florianópolis fica na parte insular da cidade, próximo das pontes que ligam a ilha ao continente. Então, para chegar no terminal central, foi necessário o ônibus cruzar uma das pontes.

O ônibus, ao entrar na ilha, necessita fazer uma conversão à esquerda para entrar no terminal, o que é uma importante referência para a chegada. O formato do terminal também possibilita boas referências. São quatro plataformas (A, B, C/D e E) dispostas paralelamente uma a outra (vide planta tátil na Figura 2), onde os ônibus estacionam dos dois lados. Todas as plataformas são ligadas por uma calçada na extremidade voltada para o centro da cidade, então todos os ônibus entram do lado oposto a essa calçada. Então como no caso do ônibus que B e eu estávamos, ele é de uma linha que tem local de partida na plataforma B, no lado esquerdo para quem entra no terminal a pé.

Podemos pensar o terminal como uma mão de quatro dedos, todos de mesmo tamanho, e dispostos paralelamente. Cada um dos dedos é uma das plataformas, e a palma da mão é a calçada que liga essas plataformas. Outra referência importante nesse terminal é o piso tátil. Dentro das plataformas, o piso tátil está próximo às bordas, e é todo constituído de piso alerta. Esse piso é muito utilizado por pessoas cegas, pois é o único lugar livre de obstáculos fixos dentro do terminal, mas, como esse piso está próximo à borda do terminal, muitas vezes, as filas se formam sobre esses pisos, gerando um conflito entre os usuários. Já na parte externa, “na palma da mão”, existem caminhos de piso tátil ligando as plataformas e levando até a faixa de segurança em frente ao terminal.

O retorno que o ônibus faz, próximo à junção dos dedos com a mão, é muito “forte” pois não é uma curva comum de se encontrar em outros lugares da cidade; por isso, é um ponto importante de referência. Importante relatar que, por ser exclusivo para ônibus, esse terminal tem o som constante de motores de ônibus, som de alerta de ré e, de modo geral, é necessário que os motoristas realizem uma baliza para posicionarem o ônibus no box correto, sendo essas também importantes referências.

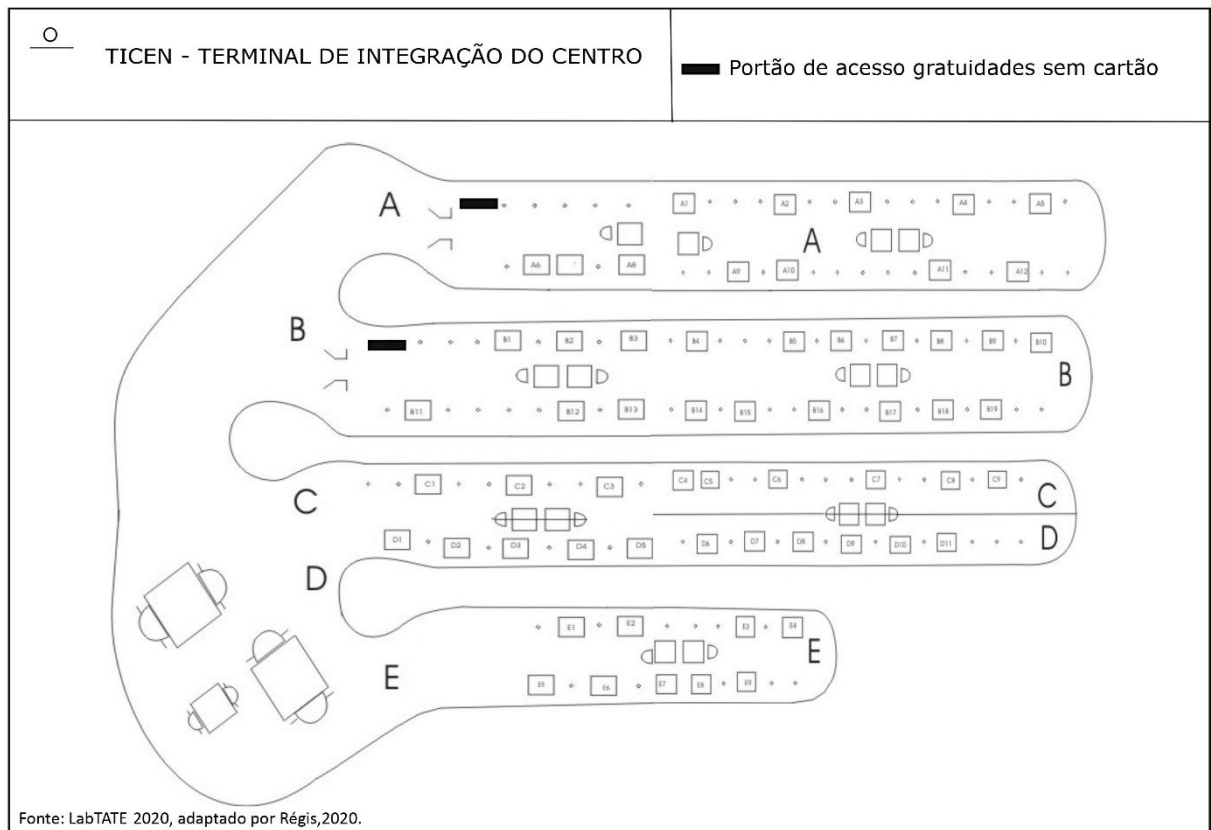


Figura 2 - planta baixa do Terminal de Integração do Centro (TICICEN)

Nós descemos do ônibus no lado esquerdo da plataforma B e precisávamos ir para a A. Para isso, foi necessário sairmos da plataforma B em direção à palma da mão. Para fazer isso, cruzamos para o outro lado da plataforma B, pois o portão de saída se localiza do lado oposto de onde estávamos. Esse trecho de travessia foi relatado por B como momento crítico, pois ela relatou que sempre erra esse caminho, que se choca contra bancos e banheiros que ficam no centro da plataforma. Entretanto, B conseguiu cruzar no lugar certo e saímos com segurança na frente do portão.

Ao sairmos na calçada que liga as plataformas, foi necessário que virássemos à direita para encontrar o corrimão em forma de arco que une as plataformas. A plataforma A, nosso objetivo, fica no final desse corrimão.

As pessoas com deficiência acessam essas plataformas por um portão diferente das outras pessoas, que entram pelas catracas. Esse portão fica no centro da entrada da plataforma e é um lugar difícil de encontrar. Ao terminarmos de contornar o corrimão, ficamos procurando a referência do portão. Na plataforma A, tomamos um ônibus que vai em direção

à UFSC, que fica do lado direito bem próximo ao fim da plataforma, por isso, ao entrarmos, nos direcionamos para o lado direito e seguimos o piso tátil até onde se localiza o ônibus.

Mais uma vez, a rota do ônibus não pareceu algo importante para B, pois ela sabe a referência de chegada, mas não comentou em nenhum momento o caminho. Apesar disso, durante esse trecho, conversamos sobre uma ocasião em que um motorista de Uber errou o caminho e ela percebeu. Tal acontecimento demonstra que, de alguma forma, ela reconhece o caminho mais usual que o ônibus segue.

A chegada à UFSC também tem algumas particularidades que servem como referência para B. Os ônibus entram somente umas centenas de metros no campus, fazem o retorno em uma rótula e saem pela mesma rua na qual entraram. Então, mais uma vez, o retorno é importante, pois ele marca o momento em que o ônibus está dentro da UFSC e que, por consequência, o próximo ponto é o que B precisa saltar.

Ao descer no ponto, viramos à direita e seguimos o piso guia por uns 10 metros até chegarmos na faixa de segurança, onde cruzamos a rua e encontramos outro piso tátil no qual viramos para a esquerda e seguimos por alguns metros. Então o piso tátil vira levemente para direita duas vezes, segue mais um pouco e termina no nada. É preciso que B busque outra referência, que, no caso, é um canteiro à sua direita, o qual ela contorna seguindo em frente até um momento que ela percebe o prédio de seu interesse e segue em frente até a porta.

### **3.4.2 ROTA de caminhada com S**

A caminhada com S ocorreu no dia 13 de fevereiro de 2020. Ela sempre se mostrava muito disposta a colaborar com a pesquisa e, mesmo havendo dificuldade para combinarmos um dia que nós dois estivéssemos disponíveis, não houve problemas para marcarmos. S, assim como A, é minha amiga pessoal, então ela e eu já havíamos andado juntos e, por ela conhecer mais a cidade, até me ensinou algumas rotas que pratico até hoje.

O caminho realizado com S foi o mais curto em distância e em tempo. Durou em torno de 35 minutos, mas foi o único realizado na sua totalidade a pé. Isso se deu devido à rota escolhida por S, que nos levaria até uma padaria para almoçarmos. A rota iniciou no Ticen e terminou na padaria, que fica na rua Álvaro de Carvalho, localizada no centro de Florianópolis.

S me esperou no terminal em frente ao box de meu ônibus. Os box dos ônibus também servem como ponto de encontro para pessoas cegas, pois é uma referência fácil para

encontrar e também para indicar para outra pessoa que esteja ajudando. Percebo essa situação em Florianópolis, e também lembro de ter utilizado o ponto de ônibus como referência para encontrar outras pessoas cegas em outra cidade que morei.

Nosso encontro foi na plataforma A do terminal central e, em seguida, sentamos em um banco que fica no centro da plataforma para organizarmos os equipamentos de gravação.

Para sairmos do terminal, andamos pelo lado direito no piso tátil até o portão de saída. Ao sairmos da plataforma, S buscou a grade de proteção que estava à nossa direita para se orientar. Essa referência eu não conhecia, portanto, nunca a havia utilizado, mas, com S, aprendi que esse é um caminho mais fácil até a faixa de segurança para atravessar a Avenida Paulo Fontes, uma larga avenida perpendicular à saída do Ticen. Essa grade de proteção contorna a calçada, fazendo uma curva para a esquerda.

Cruzamos a avenida, onde S relembrou que já houve uma sinaleira sonora, mas, quando realizamos a caminhada, essa sinaleira já não existia. Essa avenida tem um grande movimento tanto de carros quanto de pessoas, por isso, existem também muitos vendedores ambulantes e artistas de rua com som alto, que, para S, dificultam muito sua travessia.

Após cruzarmos as duas pistas da avenida, nos encontramos em frente ao Camelódromo Floripa Center; direcionamo-nos então para esquerda para passarmos na lateral do prédio. Seguimos até cruzarmos a rua Francisco Tolentino, que fica atrás do prédio. Nesse trecho da rua, não é permitida a circulação de automóveis, então tivemos facilidade de cruzá-la. Após a travessia, viramos à esquerda até chegarmos na primeira esquina, cruzamento com a rua Álvaro de Carvalho, onde viramos à direita e começamos a subir, pois essa rua sobe a encosta de um dos morros que compõem o centro de Florianópolis.

Seguimos por quatro quadras nessa rua, cruzamos a rua Conselheiro Mafra, mais uma rua que não é permitida a circulação de automóveis no trecho em que passamos. Essa rua é bastante próxima da Francisco Tolentino e não muda o padrão da calçada, então eu não percebi que havíamos passado por ela, S quem me avisou que já havíamos passado.

Também cruzamos as ruas Felipe Schmidt, Tenente Silveira e a Vidal Ramos. Depois disso, a rua Álvaro de Carvalho, pela qual íamos caminhando, passa a se chamar Esteves Junior, por onde seguimos por mais uma quadra até a rua Antônio Dib Mussi, a última que precisamos cruzar.

S demonstrou um grande conhecimento da rota, às vezes indicando o nome das ruas que cruzávamos e outras apenas registrando a passagem. Como é possível ler na entrevista, S

tem a rota tão definida que até mesmo os principais obstáculos presentes no caminho ela indicava e me mostrava utilizando a bengala.

S estive do meu lado esquerdo durante todo o percurso. Ao chegarmos na quadra onde a padaria se localiza, ela pediu para ir para a direita para conseguir utilizar a referência da parede. Encontramos uma parede que avança sobre a calçada, desviamos para a esquerda e encontramos, à direita, a entrada da padaria.

### **3.4.3 ROTA de caminhada com G**

A rota realizada com G era a que eu mais conhecia, pois parte da sede da associação Surf Sem Fronteiras, no restaurante Veredas Tropical, no bairro Barra da Lagoa, até a entrada do prédio onde ele mora, Trindade. Por eu também fazer parte dessa associação e morar em um bairro próximo de G, o caminho para sair da associação e irmos até em casa é bem parecido. Por isso, conheço melhor essa rota e suas referências. G, durante a caminhada, demonstrou um grande conhecimento das paisagens com que se relaciona e deu muitas referências das barreiras que enfrenta no seu dia a dia.

O bairro Barra da Lagoa se localiza na região leste da ilha de Santa Catarina, a 8 km do terminal (Tilag) e a 22 km do centro de Florianópolis e, por isso, essa foi a rota mais longa que realizei, durou uma hora e 36 minutos e ocorreu no dia 20 de Fevereiro de 2020.

Para cumprir o percurso de ônibus, seria necessário pegar 3 carros diferentes, um que saísse da Barra e fosse até a Lagoa, posto que essa praia fica na microrregião da Lagoa da Conceição. De lá, ir de um terminal a outro (do Tilag ao Titri) e, por fim, um último ônibus até sua casa.

A nossa caminhada teve início nos fundos do restaurante, que se localiza na beira da praia, de frente para o mar da Barra da Lagoa. Saímos pelo estacionamento, que fica atrás do comércio, andamos alguns metros no sentido oposto da praia e viramos à esquerda, em direção à saída do estacionamento. G comentou que nesse trecho suas referências são o som do mar e a luz do sol.

Ao sair do estacionamento, seguimos em frente por cerca de 300 metros em uma servidão que é paralela à beira da praia. Nessa servidão é que andamos sobre a rua, pois as calçadas são inacessíveis. Andamos pelo lado direito dessa rua até chegarmos à primeira esquina, onde há uma padaria que serve como ponto de referência. Então, viramos à direita e andamos por volta de 5 metros sobre a calçada até chegarmos ao ponto de ônibus.



Tomamos a linha de ônibus Barra da Lagoa para irmos até o Terminal de Integração Lagoa (Tilag). G também não comentou sobre o percurso que o ônibus realizou, então chamo a atenção para a mesma situação que percebi com B: quando o destino do ônibus é conhecido, o percurso não desperta tanto interesse.

Ao chegarmos no Tilag, cruzamos para o outro lado da plataforma para pegarmos algum ônibus que se direcionasse até o Terminal de Integração Trindade (Titri). A distância entre esses dois terminais é de aproximadamente 9 km.

Esses terminais são importantes pontos de articulação nessa rota, pois sempre se configuram em um lugar seguro para saltar do ônibus e ter a certeza de que haverá ajuda de alguma pessoa. Sem contar que são pouquíssimos horários de ônibus que fazem linhas mais diretas entre eles.

Os terminais de bairro em Florianópolis seguem o padrão do terminal central, pois eles são retângulos compridos com bancos, banheiros e lanchonetes no centro, e, nas “margens”, há um piso tátil de alerta.

Tomamos um ônibus que nos levasse até o Titri e, mais uma vez, G não demonstrou que reconhece ou percebe importância de reconhecer essa rota, ou se apenas se importa com o ponto de chegada. Ao chegarmos no Titri, é necessário cruzar para o outro lado do terminal até encontrar o piso guia e irmos para a esquerda, onde se localizam os ônibus que G pode tomar para ir até sua casa.

A distância entre o Titri e o ponto próximo à casa de G é em torno de 4 km. O ônibus que passa em frente à casa de G é pouco frequente, então, comumente, ele pega alguma linha que o deixa mais longe e caminha por vários lugares com muitas barreiras, relato esse que pode ser lido nas entrevistas.

Pegamos a linha de ônibus Saco Grande HU, linha essa que não é nem a ideal nem a mais distante da casa de G, e que também tem poucos horários. Há uma diferença na relação dele com o percurso do ônibus: como G iria precisar descer logo, fez várias referências sobre o caminho do ônibus, principalmente próximo ao ponto de descida. Ele começou a comentar as referências já próximo à casa dele, no ponto que o ônibus mais distante o teria deixado. Comentou que é o ponto da pracinha da UFSC, lugar onde o ônibus faz uma “jogadinha” para a direita. Depois, o ônibus seguiu reto, chegou em uma rotatória, virou à esquerda, passou por um quebra mola onde, segundo G, logo em seguida tem um ponto e, então, o seu é o próximo. Esse relato também está bem perceptível na entrevista.

Mesmo havendo mais reconhecimento desse caminho, as referências mais importantes estão próximas do ponto de descida, que acredito ser o momento mais significativo dessa rota para ele.

Descemos no ponto de ônibus e viramos à direita. Seguimos pela calçada, utilizando o meio fio como referência para não batermos nos carros estacionados em frente aos prédios comerciais. Andamos entorno de 20 metros e encontramos um piso tátil, que acompanhamos até virarmos na primeira esquina à esquerda em uma rua.

Essa rua conduz até a entrada do prédio onde G mora; sempre seguindo pela esquerda, caminhamos subindo um aclive. Passamos algumas entradas de condomínios, um degrau no meio da calçada, mas a referência que G utiliza para saber que está chegando no seu prédio é a sombra de uma grande árvore e mais perto ainda o piso tátil que tem em frente ao seu condomínio. Seguimos esse piso tátil por alguns metros e viramos à esquerda até a porta do prédio onde G reside.

## 4 ANÁLISES E RESULTADOS

### 4.1 REFLEXÕES SOBRE A PAISAGEM E O CORPO CEGO NA CIDADE

A partir das percepções durante as caminhadas e os diálogos transcritos, busco aqui traçar a relação com os conceitos que são significativos para esta pesquisa e que tornam possível perceber como a paisagem e o corpo se relacionam nos caminhos escolhidos pelas pessoas com quem caminhei junto.

Os conceitos centrais em minha análise foram: Barreiras, Corpo e Ajuda. Por isso, procuro relacionar os fragmentos das falas com as ideias de alguns autores, objetivando explicar esses conceitos e permitir compreender a relação do corpo/paisagem dessas pessoas na cidade.

Nos apêndices desta dissertação, estão os textos transcritos das caminhadas efetuadas com cada um dos colaboradores. Portanto, havendo dúvidas sobre os trechos que comentei nas análises, é só recorrer a eles.

#### 4.1.1 Barreiras

Como já apontado no referencial teórico, a deficiência só existe quando o corpo com deficiência encontra uma sociedade que não consegue suprir suas necessidades. Isso fica muito perceptível quando as pessoas cegas encontram barreiras que dificultam o seu deslocamento pela cidade. Essas barreiras são muito importantes para a escolha de uma rota urbana, pois elas transformam a experiência e a relação com a paisagem do indivíduo.

A compreensão do conceito de barreiras parte da compreensão do que é acessibilidade. A NBR 9050/2004 define o termo como a possibilidade de alcance, percepção e entendimento para a utilização com autonomia de espaços, edificações, equipamentos urbanos, entre outros. Esses devem permitir o alcance acionamento, uso e vivência de qualquer pessoa.

Lembro aqui que essa acessibilidade não trata apenas de uma perspectiva física, o acesso a comunicação e a informação também são necessários para a utilização dos lugares e serviços. Sasaki (2006; 2009) mostra que, ao longo do tempo, o conceito de acessibilidade se transformou, a princípio sendo pensado como principalmente acesso arquitetônico aos ambientes, mas, a partir da década de 1990, o desenho universal passou a ser o conceito

máximo de acessibilidade, pois pretende trazer acesso a todas as pessoas em todos os ambientes.

Portanto, a acessibilidade é uma qualidade, uma facilidade que desejamos ver e ter em todos os contextos e aspectos da atividade humana. Se a acessibilidade for (ou tiver sido) projetada sob os princípios do desenho universal, ela beneficia todas as pessoas, tenham ou não qualquer tipo de deficiência (SASSAKI, 2009, p. 2).

Já as barreiras são o que impedem o acesso de uma pessoa; a lei brasileira de inclusão Lei nº 13.146/15) define barreiras como:

[...] qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros (BRASIL, 2015, s/p).

A lei também discrimina seis diferentes tipos de barreiras, são elas: urbanísticas, arquitetônicas, nos transportes, nas comunicações e na informação, atitudinais e tecnológicas. Já Sasaki (2003) as classifica como: arquitetônicas, atitudinais, comunicacionais, metodológicas, instrumentais e programáticas.

Este trabalho não tem como objetivo realizar uma classificação e identificação de tipos de barreiras. Mas se faz necessário compreender que elas existem e se dão de variadas formas. Classificar barreira por barreira seria o trabalho de outra pesquisa, pois o importante aqui é perceber como que essas barreiras interferiram nas rotas das pessoas cegas durante seu deslocamento. Isto posto, reitero que, para a teoria não representacional o relacional, é muito importante compreender o “como” ocorrem as práticas da sociedade no mundo.

Anderson e Harrison (2010) apontam que a sociedade é constituída por animais, máquinas e objetos, e esses não existem quando separados uns dos outros, mas, sim, ao mesmo tempo na realidade material, e essa materialidade se dá de muitas formas. Os atores e actantes participam o tempo todo dessas relações. Como dito anteriormente, actantes, que são objetos, também agem e se relacionam com os atores. Por isso pensei aqui actantes como barreiras, porque as barreiras participam do social, já que elas agem transformando-o.

Corpo e paisagem se constituem como relação; as barreiras são parte das paisagens e participam desse processo, pois o corpo afeta e é afetado no seu movimento. A TNR defende que tudo participa da construção social. Para seus adeptos, tudo age e toma parte, inclusive palavras, imagens e textos. Os atores e actantes participam o tempo todo dessas relações de muitas formas, e busco demonstrar a seguir um pouco de como isso acontece.

Nas caminhadas, em muitos momentos, as barreiras definiram o como deveríamos andar e também por onde. A seguir, trago trechos das caminhadas em que nos encontramos com barreiras, algumas já esperadas e outras nem tanto. Um bom exemplo ocorreu na caminhada que fiz com B, logo nos primeiros metros na rua. B mora em um prédio em que, no térreo, tem um comércio e, por isso, muitos carros estacionam em frente ao edifício.

*“(Som de porta de carro batendo)”*

*B: Inclusive aqui tem um carro, no lugar errado...*

*B: Piso guia aqui, então à direita. Cuidado com o carro. (Som de bengalas batendo no carro).*

*B: Tem que desviar do carro que não era para estar estacionado aqui.”*

No próximo fragmento transcrito, mostro que, em um pequeno trecho da caminhada, encontramos muitos carros, inclusive sobre o piso guia, o qual deveria ser um caminho seguro e livre de obstáculos.

*“(Som de bengala em um carro)”*

*B: Outro carro. (Manifestação de desagrado.) Outro carro que está no lugar errado.*

*T: Normalmente dá para seguir, só os carros que atrapalham?*

*B: Ó, tem outro, hoje tá especial.”*

Como comentei anteriormente, existem barreiras que já esperamos, como carros em frente a um comércio, mas, ao mesmo tempo, pela dinamicidade das paisagens, as barreiras inesperadas existem e são as que mais trazem problemas nas rotas de pessoas cegas. B comentou que estava especial naquele dia de forma irônica, porque haviam mais barreiras do que o normal para um percurso de 20 a 30 metros em frente do prédio de apartamentos onde vive.

O último carro que encontramos não estava em frente ao comércio e era o que mais estava bloqueando a calçada por onde passávamos. A pessoa que estacionou o carro nesse lugar estava próxima e tentou nos ajudar no nosso caminho que já havia sido interrompido, tendo ocorrido o seguinte diálogo:

*x. Desculpa, só um minuto, deixa eu ajudar vocês.*

*B: Obrigada*

*x. Desculpa, eu coloquei o carro aqui, perdão. Aqui, agora vocês estão na linha reta. (Falou isso nos colocando no piso tátil.)”*

Cabe, a partir desse trecho, lembrar que afeto, na TNR, é um conceito para falar sobre a experiência dos corpos no mundo. Também é importante fazer referência à noção de atmosfera urbana, onde estão mergulhados os actantes e os atores; assumo, com Anderson e Harrison (2010), que o sujeito não pode ser resumido ao seu corpo, deixando de lado o ambiente onde ele vive, isto é, é preciso considerar a atmosfera afetiva, aquele ambiente que afeta no deslocamento no espaço, na paisagem.

Os carros que encontramos nesse pequeno trecho trouxeram vários problemas em nossa caminhada. Foi necessário que andássemos mais devagar. Não pudemos utilizar o piso guia durante todo o tempo; no último carro, foi necessário até que pisássemos fora da calçada para conseguirmos passar. Assim é possível perceber que a paisagem urbana, que se modifica constantemente, nessa relação com corpos de pessoas cegas, implica uma atmosfera afetiva que afetou a caminhada e modificou a rota.

Para discorrer mais sobre o ambiente/paisagem onde nos deslocávamos, volto à questão dos carros sobre a calçada. Utilizo aqui um fragmento da transcrição que se deu na caminhada com G, próximo a o prédio em que ele mora, também em frente a um comércio. Isso para mostrar que, quando essas barreiras são persistentes, elas obrigam a pessoa a escolher as suas referências a partir do obstáculo encontrado, não só do caminho que precisa seguir.

*“G. Aqui eu acho a referência do meio fio, pois nessa parte não tem piso guia.*

*Tem um lixo no meio do caminho aqui. (Em cima da calçada havia sacos de lixo.)*

*t. aqui então tu prefere o meio fio?*

*G. sim, porque aqui tem o mercado daí fica carro parado e eu fico com medo de dar uma pancada no carro. O barulho dos carros na rua também me ajuda na referência de onde estou.*

*[...] (Batemos em um carro.)*

*G. tem um fdp de um carro aí estacionado. Tá bem no meio da calçada e a gente foi pro meio da rua.”*

Mesmo com o conhecimento de G naquele percurso, não ficamos livres de encontrarmos um carro fora de lugar. Por causa desse carro, foi necessário que abandonássemos a calçada e caminhássemos pela rua, apesar do grande movimento de veículos. Estávamos no bairro Trindade.

Uma outra barreira que apareceu nas caminhadas e que define o movimento das pessoas cegas pela cidade é o corrimão existente no terminal de ônibus central de Florianópolis (TICEN). Esse corrimão teve como principal objetivo evitar que as pessoas invadam a pista dos ônibus, mas seu uso se transformou e ele serve como ponto de referência para as pessoas se encontrarem e também como referência para as pessoas cegas se deslocarem de uma plataforma a outra. Esses dois usos são incompatíveis, pois sempre existem muitas pessoas aglomeradas onde as pessoas cegas passam.

Como é possível perceber no próximo trecho de transcrição de B, existe “aquele momento corrimão”, esse momento é quando as pessoas cegas, para seguir o corrimão, se chocam com outras pessoas e ninguém sai da frente.

*“B: Aquele momento corrimão...todo mundo na frente!*

*Aquele momento corrimão em que ninguém sai da frente!*

*(B bateu em alguém e pediu desculpa.)*

*[...]*

*B: já bati em umas quatro pessoas.”*

S, que em sua rota também precisou passar perto do corrimão, demonstra seu desagrado.

*“S. eu cansei, eu vou pelo meio. Outra coisa, é que o meu resíduo visual permite ver a parte de cima, a cobertura, daí eu vou contornando a cobertura.*

*[...]*

*S. eu uso às vezes a luzinha e o barulho também... mas aquele corrimão, as pessoas são folgadas! Tem um monte de placa dizendo não encoste não fume, não sei lá o que. A última vez que eu fui tentar atropeliei um casal.”*

*A alternativa ao corrimão é um piso guia que também apresenta problemas, como podemos perceber nos relatos a baixo.*

*“T: tu não usa o piso guia aqui?*

*B: não, é muito ruim.*

*T. eu às vezes uso, mas acho que ele dá umas quebradas muito bruscas.*

*B: eu às vezes uso pra vir da A para a B, mas, ao contrário, é meio ruim. Agora esse corrimão está surpreendentemente vazio.”*

A e B são duas das plataformas do TICEN onde existe esse corrimão. O terminal, como explicado no capítulo passado, é composto por quatro plataformas paralelas interligadas; nessa ligação, há esse caminho com corrimão. Neste caminho foi construído um piso guia que não segue o contorno do corrimão, ele segue um caminho com ângulos mais retos que estão expostos à chuva e ao sol e os seus finais não encontram as entradas das plataformas em todos os casos.

As calçadas já apareceram anteriormente, por causa dos carros, como obstáculos, mas agora demonstro que, por vezes, elas já são as barreiras como um todo. No início da rota que fizemos eu e G no bairro Barra da Lagoa, uma calçada possui tantos obstáculos que faz com que seja mais seguro o deslocamento pela rua.

*“G. Eu odeio andar na calçada aqui, eu não sei como você faz. Essa calçada é muito ruim.”*

Nesse caminho, eu já havia acompanhado outros cegos, e todos preferem andar pela rua por causa dos obstáculos presentes na calçada. Mais uma vez, a escolha da rota se deu a partir da barreira presente na paisagem e essa escolha consciente leva em conta os riscos de andar sobre a rua.

*“G. eu prefiro andar aqui no chão, perto do meio fio, e eu uso o meio fio como minha referência.*

*T. eu também. A maioria dos lugares de Florianópolis eu prefiro andar na rua.*

*G. aqui só tem um problema, pois tem uns buracos aqui perto de uns bueiros. Mas eu prefiro correr o risco do bueiro do que andar na calçada.*

*T. a calçada tem muito mais risco e a gente anda bem mais devagar.”*

G inclusive fez o teste para conhecer e identificar o melhor caminho a seguir.



*“G: botam umas placas, tem uns postes. Sei lá, acho que tem muito mais obstáculo na calçada, como ela é pequena, tem calçada que é mais larga que você tem espaço, aqui eu não gosto da calçada nessa rua.*

*T. sem contar que daí anda bem mais devagar, porque fica mais inseguro.*

*G. exatamente, eu tentei andar na calçada aqui mas não gostei. Aí, como tem um fluxo menor de carro aqui, eu prefiro ficar na rua.*

*[...]*

*G. mas daí eu uso sempre o meio fio como meu guia, que daí eu não fico muito no meio da rua.”*

Paiva (2017) diz que os indivíduos precisam se adaptar à atmosfera do lugar onde estão, pois esta tem impacto em seu corpo. A atmosfera urbana comporta as calçadas, importante maneira de circulação de pedestres, e foi lá que foram encontrados os maiores conflitos, devido à especificidade no caminhar das pessoas cegas. Paiva (2017) escreve que os espaços envolvidos por afetos também os transmitem e, assim sendo, modificam os corpos.

G comentou sobre uma obra não concluída próximo à sua casa que interfere muito no seu dia a dia. Também é possível perceber, no fragmento a seguir, mais uma vez, a necessidade de se fazer escolhas mais ou menos arriscadas para sua segurança.

*“G: tem um lugar que pra mim é muito ruim, pois quando eu vou pra minha casa tem um ônibus que para em frente à minha casa, que é o Serrinha, ou eu posso pegar um ônibus e descer ali na pracinha da Trindade. E, na frente do hotel Slaviero, eles cortaram a calçada pra fazer um piso guia, mas não botaram o piso guia.*

*T: ah, só ficou o buraco.*

*G: só o buraco. Então é horrível. O que eu faço: eu prefiro pegar pertinho do meio fio, ficar batendo a bengala no meio fio e às vezes passar entre o meio fio e o poste, que é quase nada porque é mais seguro do que eu ficar tropeçando e torcer o tornozelo. E não tem uma referência de muro do lado esquerdo, é um barranquinho. Se você vacilar, você cai no barranco. Então ali é mais seguro você ficar perto da pista.”*

Existem muitos outros exemplos de barreiras na paisagem urbana que afetam o corpo das pessoas cegas. Como é possível perceber, essas atmosferas ressignificam os corpos com deficiência e modificam as rotas das pessoas cegas na cidade. Nas caminhadas, apareceu o

quanto isso é importante, pois, quando G e S encontravam obstáculos com a bengala, sempre chamavam a atenção para o que estavam sentindo, como exemplificam os trechos a seguir.

*“(Som de bengala encontrando alguma coisa.)*

*G. cuidado aí. Aqui de vez em quando tem umas placas.”*

Esses obstáculos também são encontrados muitas vezes sobre o piso guia com S.

*“S. Tem um poste no piso guia. Outro poste.”*

Também é importante a referência criada sobre barreiras na calçada, pois, nesse momento transcrito a seguir, S e eu ainda não havíamos encontrado os obstáculos mencionados. Como ela conhecia a rota que estávamos fazendo, julgou importante me avisar sobre as referências existentes naquela esquina, inclusive comentando que não havia mais o orelhão que aumentava a dificuldade do percurso.

*“S. agora aqui a gente tem que tomar cuidado que tem geralmente um poste, e tem que ir um pouquinho mais pra frente. Antes tinha um orelhão e um poste, era um desafio passar aqui e tinha também uma saída de ar de restaurante. Agora essa rua é um pouco mais estreita.”*

Assim como na fala de G, a necessidade de se fazer uma escolha menos arriscada fica perceptível na fala de S.

*“S. aqui não tem subida, mas tem bastante obstáculo. Eu geralmente me oriento mais pela beira. Opa, mas aqui não tem desnível, melhor se orientar pelo piso guia.”*

Por termos atravessado a avenida Paulo Fontes, a que fica em frente ao terminal central, S comentou a retirada da sinaleira sonora daquele local, a qual ela utilizava como referência no seu deslocamento. Para além disso, atualmente, existem muitos artistas de rua que trabalham no canteiro central dessa avenida, alguns com o som alto o que atrapalha muito a travessia.

*“S. Agora... esses carros de som me atrapalham a vida.”*

*(S falou isso de um artista de rua que cantava no canteiro central da avenida do terminal, o qual é possível ouvir na gravação desde quando estávamos na grade do terminal e agora está muito alto.)*

*T. esse cara aí é muito empolgado.*

*(Depois dessa fala o som fica mais alto que as vozes na gravação.)*

*S. então, é uma m.”*

Como pode ser percebido nos fragmentos apresentados, as barreiras são presença constante no deslocamento das pessoas cegas e definem muito o como e o por onde andar. O *como* andar percebemos na fala de S, que escolhe andar devagar porque pode haver algum obstáculo novo; o *por onde*, na fala de G, que anda na extremidade da calçada para não torcer o tornozelo ou cair em um barranco, sendo necessário, assim, que essas pessoas façam escolhas que são determinadas quando se relacionam com a paisagem. O fragmento em que B encontra muitos carros, por exemplo, nos mostra o quanto essa paisagem é dinâmica e exige mudanças de rotas.

A relação corpo/paisagem se dá no deslocamento. Já a percepção e interação do corpo com as barreiras torna mais complexo o processo de aprender a ser corpo. Por isso, o corpo cego, dentro de suas especificidades, precisa aprender diferentes formas de se deslocar na paisagem, como mencionado anteriormente e como demonstraremos na próxima seção.

#### **4.1.2 Corpo**

Cada corpo tem uma forma de se relacionar com a paisagem, de modo que o corpo de pessoas cegas tem o seu próprio jeito, e por isso, faço esse recorte das caminhadas que trazem à tona a relação entre o corpo e a paisagem urbana. Como apontei anteriormente, esta pesquisa parte do princípio do aprender a ser afetado, ou seja, enquanto aprendemos o mundo à nossa volta por meio de nossos sentidos estamos sendo corpo, conforme nos ensina Latour (1999).

Cabe ainda lembrar de Macpherson (2010) quando chama a atenção para a importante mudança da compreensão do conceito de corpo, pois o que se torna necessário compreender é o que um corpo é capaz de fazer e os processos de incorporação. O corpo define a experiência da pessoa no mundo, seja por adaptações que são necessárias, como uma bengala, ou pela percepção das outras pessoas sobre o corpo em algum espaço. Por isso,

compreender esse conceito junto aos caminhantes se faz importante para entender como a paisagem, aqui entendida como percepção e relação, define os movimentos de cada um.

Pensar o corpo desta maneira possibilita relacioná-lo com o modelo social da deficiência e com a maneira que a paisagem influencia na vida das pessoas, pois, se o corpo é um processo, cada barreira na paisagem faz com que esse corpo com deficiência emerja, assim retirando do corpo médico a responsabilidade da deficiência.

Sendo, pois, elementos imbricados, faz-se necessário pontuar que a teoria não representacional na Geografia propõe pensar o corpo e a paisagem como processo, pois o corpo só é corpo a partir de seu contato com o mundo, e esse só é significado e ressignificado através dos afetos.

A teoria não representacional pensa a paisagem como um processo por estar constantemente em formação. A paisagem diz respeito à prática e à ação, como escreve Macpherson (2010, p. 7).

Um insight importante da TNR é que paisagem e corpo não são conceitos delimitáveis fixos que podemos simplesmente aplicar, mas nossas ideias a respeito deles devem mudar à medida que entram em contato com circunstâncias empíricas.

Desta maneira, nas análises efetuadas a partir das caminhadas com os colaboradores desta pesquisa, busco destacar os processos de constituição do corpo cego a partir de seus aprendizados na relação com a paisagem. Ou seja, busco perceber os aprendizados do corpo de pessoas cegas junto do seu modo de agir no mundo.

As pessoas cegas, na sua maioria, quando começam a andar na rua, precisam de aulas de como utilizar a bengala, de postura corporal, de que fazer em diferentes situações que afetam seu caminhar, dentre várias outras coisas. Essa aula é conhecida como orientação e mobilidade. Como o exemplo do treino de narizes mencionado por Latour, se começa em um nível básico, como segurar a bengala e, pouco a pouco, o cego vai aprendendo a ser afetado, aprende a andar em ambientes internos, até chegar ao ponto de andar em qualquer lugar, como comenta G no fragmento a seguir.

*“G: Mas quando eu fui pra rua foi o Igor que me ajudou. Ele foi muito bom. Tanto é, que eu fui fazer uma pesquisa e poucas escolas dão aula de mobilidade externa. A maioria dá uma técnica dentro da instituição, às vezes um pouquinho no quarteirão da instituição, e a ACIC anda na rua. Daí você se vira pra andar na rua onde você quer.”*

As pessoas que não são cegas podem não saber o que vem a ser o treinamento de orientação e mobilidade, contudo, não tenho objetivo de explicar de forma detalhada sobre essas técnicas. Para isso, recomendo a leitura de Assis (2018). O que pretendo é indicar que existe um processo do aprender a ser corpo cego no espaço e que, para isso, são necessárias várias técnicas que tornam o deslocamento de cegos mais seguro. Conforme explica Assis (2018, p. 47):

Orientação e Mobilidade é um termo que se refere a técnicas e habilidades necessárias para o deslocamento a pé, com segurança e independência, de pessoas com deficiência visual. A orientação é a habilidade de estabelecer e manter conscientemente a posição do corpo no espaço. Já a mobilidade é o ato de se deslocar no espaço de forma segura e eficiente. Quando as duas são integradas, tem-se como resultado o movimento consciente e direcionado.

Mais uma vez, na caminhada com G, a orientação e a mobilidade apareceram como o corpo aprendendo a ser corpo cego, aprendendo a perceber o mundo de várias formas, seja com o resquício de visão, ou com o tato:

*“G: Querendo ou não, se eu fechar o olho eu vou ter mais dificuldade de locomoção. Porque, por exemplo, tem uma árvore aqui perto da gente aí eu consigo ter noção... viu que tá mais fresco agora?”*

*(Ele falou quando chegamos na sombra da árvore.)*

*G: A sombra que ela faz aqui. Eu pego essas referências de luz assim.*

*T: Mas pelo que eu tô percebendo é relacionado, porque tu falou tá mais fresco.*

*G: Sim, sim. Porque foi assim que o professor Igor me ensinou também, de escutar barulho, se tá calor, frio ou venta.”*

Em outro momento, em que G falou sobre o seu aprender a ser corpo, ele mencionou a importância do conhecer diferentes espaços e que o seu professor de orientação e mobilidade contribuiu com esse aprendizado:

*“G: O Igor tem um cuidado de te levar nos terminais, no centro e se você precisar na sua casa. Então ele mais ou menos toma esse cuidado de fazer o caminho que você normalmente vai usar.”*

*T: É, isso é bem importante.*

*G: Por exemplo: me mudei, não estou conseguindo encontrar referências e tal. Daí ele fala se você precisar eu marco uma aula especial e vou lá, te encontro lá e tento junto com você identificar essas referências.*

*T: Que legal!*

*G: Então acaba que ele dá uma assistência nesse aprendizado de aula externa. Por exemplo, eu fazia o caminho e conversava muito com ele. Às vezes encontrava ele no corredor e dizia: oh professor lá na minha casa, (pois desde que eu entrei na ACIC eu me mudei duas vezes) daí professor... meu caminho é esse, esse e esse... será que eu posso usar isso como referência? Daí comecei a conversar com ele porque eu tinha muito pouco conhecimento sobre mobilidade. Ele falou, isso aqui é legal, isso aqui não é. Então eu passava pra ele o que eu ia sentindo na rua. Ele dizia é mais seguro fazer isso.”*

Weid (2014, p. 238-239) sistematiza o que G nos explicou sobre os objetivos da orientação e mobilidade:

O objetivo último, nem sempre atingido, é alcançar a "mobilidade independente e segura", por meio da incorporação de uma série de técnicas, mas também por uma educação da atenção aos sentidos e aos sinais significativos do mundo. Uma espécie de (re)classificação ou (re)organização do mundo a partir de materialidades ou referenciais não visuais. A profissional de TO que acompanhei considera que a OM é o atendimento que vai ensinar a pessoa cega a ser cega. É pegar um ser humano que chega de um jeito e colocá-lo de outro.

A profissional que Weid entrevistou indica que a orientação e a mobilidade são partes do aprender a ser cego, pois as pessoas se modificam também pelo uso da bengala, que contribui para transformação desse corpo.

A paisagem é o contato principal no corpo, a relação de um com o outro é o corpo-paisagem. Assim sendo, uma parte importante da orientação e mobilidade está no método de a pessoa se deslocar na rua. Como mostra Assis (2018), a maior parte das pessoas cegas utilizam a bengala longa para sua mobilidade e nesse trabalho os três caminantes utilizaram esse método. Assis (2018, p. 57) define:

A bengala longa é uma extensão do dedo indicador da pessoa com deficiência visual que, por intermédio das sensações de toque produzidas pelo corpo da bengala em sua mão, indicará, previamente, os objetos existentes no percurso, bem como as mudanças de nível e textura na superfície que ela pisará.

Weid (2014, p. 163-164) mostra também a importância do aprender a utilizar a bengala, de incorporar esse instrumento.

A bengala, em uma metáfora perceptiva, é comparada ao prolongamento do braço e das mãos, ao sentido do tato – as oscilações, interrupções e variações do caminho são transmitidas pela ponta e pelo cabo às mãos do cego e, através dela, é como se o seu tato se estendesse ao chão. Mas a bengala também recebe, nessa articulação antropomórfica, habilidades “visuais” privadas ao indivíduo que a manipula – ela “vê” o obstáculo, “vê” a altura do degrau. Para que se chegue até lá, para que esse híbrido corpo-bengala adquira tais capacidades, é preciso passar por um processo de treinamento físico, de incorporação, no qual é fundamental aprender técnicas e segui-las, desenvolver uma habilidade. Mas é necessário, ainda, desenvolver uma relação de confiança corpo-dispositivo: descobrir, pela prática e pela experiência pessoal, que essa hibridização pode ser útil.

A bengala, nesse processo, se torna uma parte do corpo da pessoa cega. Para Latour, quando aprendem a utilizar esse instrumento para se relacionar com o mundo a sua volta, os cegos estão aprendendo a ser corpo, pois a bengala é o que possibilita esse contato tátil com a paisagem. Como demonstrado por S, o tipo de sua bengala permite que ela consiga andar rápido e também detectar poças de água, isso acontece devido à maneira que ela a utiliza.

*S: mas sabe que eu gostei dessa bengala de roller?*

*T: Tu consegue dar velocidade com ela?*

*S: Sim, consigo sim.*

*[...]*

*S: Eu consigo, e o legal é que detecta possa, ela faz um barulhinho.*

*T: mesmo com o piso ruim tu consegue dar velocidade?*

*S: sim porque eu não coloco peso nela, tiro todo o peso do roller, então ela fica leve. Ela meio que só desliza no chão.”*

Lembro aqui de Macpherson (2010), que aponta que os corpos não podem ser considerados entidades estáticas porque, ao se relacionarem com a paisagem, atores e actantes, ele se refaz. A esse movimento a autora chama de performance, e esta se refaz a partir das relações com os objetos e as paisagens.

S, para utilizar sua bengala, precisa colocar o mínimo de peso na ponta, para que o *roller* funcione corretamente em pisos ruins, assim modificando sua performance durante a caminhada.

Em vários momentos G se referia a quem havia ensinado os caminhos que ele sabia realizar. Neste caso, ele conta que um amigo ensinou esse caminho e isso modificou completamente a forma de ele chegar até a associação de surf. Ressalto aqui o conceito de interdependência, que coloca que em algum momento da vida as pessoas precisarão da ajuda de um outro.

No fragmento a seguir, G comenta que aprendeu com uma pessoa com deficiência essa rota e já me ensinou uma importante referência para chegar no restaurante onde a associação está localizada. Também é possível perceber o corpo sendo afetado por diferentes referências nesse caminho, como o som do frizer do mercado que se localiza nessa rua. Também são perceptíveis as mudanças na maneira que ele agia nesse trecho, pois sua performance foi se transformando.

*“T: Esse caminho da associação como foi que tu aprendeu?”*

*G: Quem foi que me ensinou? (Em tom de pensamento.)*

*Acho que foi o Adriano da Mari. Ele é B3, ele enxerga um pouco mais.*

*(B3 classificação esportiva para alguns esportes praticados por cegos e deficientes visuais, onde B1 não enxerga nada e o B3 é o que mais enxerga.)*

*T: então foi o Adriano que te ensinou o caminho?*

*G: As duas vezes que eu vim, eu vim errado, errado, não, eu vim pela praia. Cheguei lá pedindo ajuda. Na terceira vez eu vim com ele e daí ele me ensinou o caminho.*

*[...]*

*G: Mas na quarta vez que eu fui. Eu fui sozinho, parei na padaria ali, comecei a andar, daí pensei, será que eu estou certo? Daí anda, anda, anda, caraca! será que eu tô certo? Daí eu pensei, acho que eu não tô certo não, eu não tava lembrado daquele barulho que tem no mercadinho. Não sei que é aquilo ali se é o ar condicionado.”*

Em cada contexto diferente, ao se relacionar com a paisagem, essa performance se refaz. Continuemos a entender a performance do corpo no diálogo que mantivemos:

*“T: Eu acho que é frizer.*

*G: Daí eu pensei, esse barulho eu não tô lembrado será que eu tô certo? Até quando eu cheguei naquele trevo da entrada e pensei, acho que é aqui mesmo. Daí eu meti a bengala no muro ali, até eu achar a entradinha de areia.*



*T: Muito tempo eu não tinha a “manha” daquela entrada e a minha referência era é que bem na frente forma uma poça de água gigante eu tinha que meter o pé na poça pra saber onde era a entrada. Risos...*

*G: Como que eu peguei? Quando a gente voltou, voltamos pelo lado direito, mas quando eu vinha era pelo lado esquerdo só que ela não bate certinho, então quando eu chego perto do barulho eu atravesso a rua pro outro lado, daí eu saio em frente da saída. Essa que é a “manha” que eu vi. Eu escuto o barulho daí eu já atravesso pro lado direito e, daí eu vou sair reto, senão eu bato no poste ali.”*

Podemos perceber, nesse diálogo, que os corpos estão em constante interação com os objetos e as paisagens as quais eles se relacionam, elas fazem com que eles se refaçam. Isso é o que Macpherson (2010) denomina performance. Nesse processo da pesquisa, meu corpo também se transformou, pois eu havia percebido o som e as referências que ele indicou, mas não sabia utilizá-las. Depois da caminhada, com a explicação detalhada de G, a minha performance buscará as referências dadas por ele nesse trecho.

Inúmeros fatores estão presentes nas caminhadas diárias das pessoas cegas. Essa levantada por B é mais uma delas. Percebi que B comentou muitas vezes durante a caminhada de sua insegurança por ser cega e mulher andando sozinha na rua. Nosso corpo define como somos percebidos pelas outras pessoas e também como nós mesmos nos percebemos em relação ao mundo.

*“B: Geralmente eu acho que qualquer pessoa que passe por mim na rua vai me atacar, é muito real isso. Essa pessoa as vezes só quer te ajudar, mas é muito assustador as vezes a pessoa chega assim com uma abordagem meio... eu já tomo um susto.*

*T: Sim, a galera às vezes tem uma abordagem meio ruim com a gente.”*

O corpo precisa de diferentes aprendizados em diferentes situações. Como o exemplo que B trouxe, falando que o professor de orientação e mobilidade orientou que nessas situações tomasse atitudes para se proteger.

*“B: É muito bizarro porque tipo as pessoas ajudam a gente mais por ser mulher, mas também acham que têm mais liberdade. Tipo... isso é muito visível, o professor de orientação e*

*mobilidade da ACIC, ele sempre diz que com esses anos de OM ele percebe claramente como as pessoas ajudam mais as mulheres. O que nem sempre é bom né?*

*T: É o que é louco, porque ajuda de um modo geral é boa, mas a chance de ser problemática é grande.*

*B: Eu lembro uma vez que eu estava em aula com esse professor e uma pessoa estranha me abordou e ele chegou em mim e falou: “quando for assim entra numa loja, procura outras pessoas”. Olha o nível de conselho que tem que dar na aula de OM. Ele disse se o cara for meio estranho, se tu estiver incomodada tenta entrar em algum lugar e fala: “estou indo aqui, estou indo encontrar um amigo.”*

S Também falou de como uma ajuda pode ser problemática e como ela percebe que a ajuda para atravessar a rua lhe coloca em risco algumas vezes.

*“(Chegando na faixa de segurança na frente do terminal.)*

*T: Aqui tu espera ajuda?*

*S: não, eu agora sei que os carros estão passando. Na hora que parar de passar eu atravesso, ou, se aparecer alguém pra ajudar eu aceito também. Mas eu tô ligada na “manha” das pessoas.*

*(Alguém disse que podíamos ir.)*

*S: Obrigada! Porque muitas vezes eles falam: não vem carro, pode atravessar, e o sinal não está fechado.”*

Muitas mulheres passam pela invasão de seus corpos diariamente e as mulheres cegas não estão livres disso por serem pessoas com deficiência. Por as pessoas sempre julgarem necessário ajudar, mesmo quando não solicitadas, o contato com o corpo é constante, como demonstra B ao falar de seu desagrado em pessoas tocarem nela sem autorização:

*“B: Sim e é aquela coisa que a gente sempre fala... que o nosso corpo é público, que pode chegar encostando que pode chegar pegando... O que mais me irrita, tudo me irrita, mas, gente que chega assim pegando na mão.*

*T: Sim, a mão dá uma assustada!*

*B: É, segurar na mão é um negócio íntimo. Calma ai! Tipo, não é assim...*

*Eu sempre falei muito com a minha psicóloga sobre isso, o quanto que eu não gosto que me toquem. Falando com uma outra amiga cega, a gente tava chegando à conclusão que o problema é esse: a gente não... essa sensação de impotência do tipo não poder reagir se de fato acontecer. Como a gente não vê a pessoa se aproximando, a mão se aproximando, é tipo invasivo por que não tem direito a reação.*

*T: Sim e a gente se sente culpado por reagir né?*

*B: É, e a pessoa te tira o direito de tirar a mão, de sair de perto, de tu se preservar, porque ela já chega enfiando a mão. Acho que isso é o que dá mais raiva. E tipo assim, pessoas já encostaram no meu rosto, pessoas aleatórias na rua é muito bizarro.”*

Nessa fala de B, muitas inseguranças que definem seu modo de andar na rua se apresentam, principalmente a impossibilidade de perceber quando alguém encosta no seu corpo sem ter autorização, o que traz uma sensação de impotência e insegurança para a pessoa cega.

Um outro aspecto a ser mencionado sobre o corpo com deficiência está na forma de as pessoas buscarem testar as capacidades dele. Como se houvesse a necessidade de a pessoa com deficiência precisar provar que é capaz, o tempo todo, de fazer o que diz saber fazer. Vejamos o que nos diz esse fragmento do diálogo estabelecido entre B e eu.

*“B: É muito bizarro porque a gente sabe que nem sempre quando a gente não aceita ajuda significa que a pessoa vai sair dali, é horrível a gente dizer não e a pessoa continuar lá.*

*T: Que nem o senhorzinho ali no terminal hoje, ficou nos perseguindo. Tem uma categoria que eu chamo que é o guia narrador, que vai atrás de ti: “pra direita, pra esquerda” e não larga do pé até onde ele pode ir.*

*B: Teve uma vez que eu fiquei muito mal, quando eu tava começando a andar sozinha na UFSC, que eu tava lá no CCE subindo a escada, uma coisa super de boa, que eu já tinha feito mil vezes e eu tinha dito que não queria ajuda e foi isso, a menina continuou indo atrás e não só continuou indo atrás, mas quando eu cheguei onde eu queria ir daí ela falou: “nossa, não é que você conseguiu?”. Eu lembro que na época eu fiquei muito mal eu fiquei tipo: hug (Expressão de irritação.)*

*[...]*

*T - É um teste sobre nossos corpos, pra ver se nossos corpos funcionam.*

*B: – Nossa! É muito isso, e fica entranhado na gente a sensação que a gente tem que provar as coisas para as outras pessoas o tempo todo. Se a gente, sei lá, se perder, se a gente não souber onde tá, isso vai ser usado contra a gente.”*

Vale destacar também que as barreiras definem a maneira que o corpo se porta em determinada situação. O caso a seguir aconteceu com S, que por não se sentir segura no trecho que estávamos realizando, escolheu caminhar mais devagar para evitar qualquer problema.

Percebi que desde o início de nossa caminhada estávamos em um ritmo bem lento, então questionei.

*“T: O teu ritmo de caminhada é esse?*

*S: Não, eu tô andando mais devagar. Geralmente é assim.*

*(Ela falou acelerando bastante o ritmo.)*

*S: Eu sempre andei muito rápido lá em casa. Minha mãe sempre andou muito rápido, então meu ritmo de caminhada foi sempre muito rápido. Eu tô andando devagar porque faz tempo que eu não faço esse caminho então eu tô indo com mais cautela por causa dos obstáculos que pode ter novo. Eu sei que essa rua, por exemplo, tem algumas árvores e também por causa do desnível na rua que surgiram depois, então eu tô indo com mais cautela.*

*T: E andando junto normalmente é mais difícil andar rápido.*

*S: Tem que ter um pouquinho de domínio do caminho. Se eu fizesse com mais frequência nos últimos meses eu andaria com mais rapidez. Mas eu detesto andar devagar”.*

Existem necessidades específicas das pessoas cegas que são demonstradas nos diálogos ao longo das caminhadas. A especificidade de um corpo é importante até mesmo para definir um local de moradia, pois estar no mundo se torna mais fácil quando a pessoa cega tem a possibilidade de fazer o maior número de coisas sozinha. Como B demonstra, sua moradia estar perto de um ponto de ônibus é indispensável para ela.

*“(Questionei onde ela descia do ônibus ao retornar para casa.)*

*B: É do outro lado da rua, bem na frente. Daí é mais tranquilo ainda, é só voltar aquele caminho “maravilhoso” cheio de carros... Critério para morar em um lugar, ser perto do ponto.*

*T: É, isso é um critério. Eu até estava conversando com a amiga que mora contigo... tem que morar perto do ponto e precisa conseguir ir sozinha no mercado.*

*B: Ir no mercado aqui não rola.”*

Também com G foi possível perceber uma necessidade de seu corpo. No fragmento a seguir ele comenta o calçado que ele utiliza em dias de chuva, para não molhar os pés.

*“G - Dia de chuva eu uso uma bota que eu tenho por que daí pode pisar na poça que não tem problema.”*

O corpo é nosso destino comum, como Latour apontou em seus estudos. Nossa relação com o mundo é com o nosso corpo e cada diferente interação necessita de um “diferente corpo” para que seja possível nos relacionarmos com as paisagens. Como o exemplo da bengala como prolongamento do corpo cego, o sapato para proteger da chuva e poças de água também se torna um prolongamento, pois nem todas as bengalas detectam poças como a utilizada por S. Com isso, os aprendizados são diferentes para cada corpo em diferentes situações, como B, que precisou aprender a se proteger de um possível mal que alguém poderia fazer a ela na rua, ou S, que aprendeu a “manha” das pessoas para atravessar a rua com segurança.

Esses exemplos demonstram que mesmo sendo cegas, a interação dessas pessoas com a paisagem e seus corpos são diferentes. Por mais que encontremos situações comuns como as relatadas nos ônibus e nos terminais, a vivência de um corpo com a paisagem urbana sempre é definida pelo corpo em questão. Afirmo isso pois como é possível ler nas entrevistas durante as caminhadas e nos trechos selecionados, cada um dos caminhantes tem uma forma de se expressar sobre o caminho que faz e uma forma de lidar com as barreiras que encontra, até mesmo no que diz respeito ao uso dos diferentes sentidos. Por óbvio, não podemos deslocar um sentido do outro desmembrando o corpo, mas G, em seus relatos, faz bastante referência de quente e frio, utilizando o tato, S faz referência a sons e cheiros e B utiliza muito seu tato com o uso da bengala.

Ou seja, universalizar a compreensão da paisagem por pessoas cegas não é algo possível. Ainda assim, acredito ser possível perceber que a paisagem é completamente vinculada ao corpo que a vive, porque existe o evento, os actantes e atores, e existem as diferentes formas que cada corpo vive esse evento. Então, não considero ser possível pensar

em uma paisagem distante de quem percebe, pois existem vários aprendizados e relações que levaram àquela percepção de paisagem. Mais importante ainda, não creio ser possível pensar em uma paisagem visuocêntrica, pois, se o corpo é um todo, ninguém percebe só com a visão o que está vivendo. Excluir os outros sentidos da relação corpo-paisagem a torna vazia de significados, pois, como podemos perceber nas caminhadas a paisagem urbana, atores e actantes influenciam muito na maneira que as pessoas cegas se deslocam na rua.

### 4.1.3 Ajuda

Ao se deslocarem na cidade, as pessoas cegas precisam constantemente de ajuda de pessoas que enxergam. Isso se dá em várias situações, por exemplo, quando é necessário atravessar uma avenida que não possui sinaleira sonora, para procurar o número de um prédio que a pessoa nunca foi, para saber se o ônibus que está vindo é o que ela pretende pegar, dentre várias outras coisas não tão comuns.

Aqui, analiso os momentos em que a ajuda de alguém que cruzou conosco nas caminhadas foi necessária, imposta ou solicitada. Por estarmos andando na rua, fomos constantemente abordados por pessoas querendo nos ajudar. De modo geral, a ajuda aparenta ser algo positivo, mas foi possível perceber que, às vezes, a ajuda é um problema e algumas delas realmente atrapalharam e/ou foram invasivas.

Para falar de ajuda, julgo importante retomar o conceito de interdependência trazido por Diniz (2003), pois como escreve a autora, as teorias feministas da deficiência apontaram o quão é violento para algumas pessoas o ideal da independência, porque algumas pessoas com deficiência, mesmo com a remoção das barreiras, nunca serão independentes.

Então, pensar que, em algum momento da vida, todas as pessoas serão dependentes de alguém é o que define a interdependência. Essa importante contribuição dos estudos feministas também diz respeito a ajudas, pois todas as pessoas, em algum momento da vida, solicitaram ou irão solicitar ajuda para alguém na rua, seja para uma informação sobre um endereço ou para se localizarem quando estão perdidas.

Para pessoas cegas, isso tem uma outra proporção porque, na maior parte dos deslocamentos, mesmo que sejam os mais conhecidos, a ajuda será indispensável. Como mostra Weid (2014), a ajuda é uma interação social corriqueira na vida das pessoas cegas, pois, para se deslocarem, os cegos muitas vezes precisam pedir e receber ajuda. Inclusive, em

seu trabalho, a autora mostra que isso é parte importante do aprendizado da orientação e mobilidade, pois é necessário saber pedir ajuda, para evitar confusões.

Outro aprendizado necessário é o de como ser ajudado. Weid (2014) aponta que a maior parte das pessoas que oferecem ajuda ao cego na rua não sabem como proceder e isso pode atrapalhar o deslocamento da pessoa cega. Segundo a professora de orientação e mobilidade entrevistada por Weid, o momento de pedir ajuda é um dos mais críticos no aprendizado. Ela aponta que:

Se locomover com segurança e independência é saber pedir e contar com a ajuda de outras pessoas nos momentos necessários. É saber comunicar a melhor forma de ser ajudado para quem oferece ajuda. Dizer para a pessoa que está ajudando que ela deve falar se precisarem atravessar uma passagem estreita, porque aí a pessoa cega já se posiciona por trás do guia. E é também não descuidar em momento algum da bengala, utilizando-a para resguardar o lado externo que fica desprotegido (WEID, 2014, p. 278)

A independência mencionada pela profissional entrevistada por Weid (2014) só existe através da interdependência, pois, para ela, as pessoas cegas precisam saber pedir ajuda e serem ajudadas por outras pessoas para se tornarem independentes. Mais uma vez aponto que não é meu objetivo tratar de técnicas de orientação e mobilidade e de como uma pessoa cega deve ser ajudada na rua. Para isso, recomendo leitura de Weid (2014).

A ajuda para as pessoas cegas se dá em vários momentos do nosso dia a dia e, portanto, é um evento que ocorre no cotidiano. Como a teoria não representacional busca estudar os eventos que ocorrem no cotidiano, conforme afirmam Lorimer (2005) e Paiva (2017), apontamos a ajuda como uma forma de se estudar essa teoria. Porém, é preciso dizer que mesmo sendo comum na vida das pessoas cegas, a ajuda pode atrapalhar ou tirar a segurança de algo conhecido. Muitas vezes, a ajuda é dada por alguém desconhecido, que enxerga e percebe a paisagem de outra forma. Weid (2014) traz o que para ela seriam as ajudas no deslocamento das pessoas cegas:

Podemos encarar a ajuda no deslocamento como pontos ou paradas provocadas pelo trajeto, nesse ir e vir nômade de pessoas cegas. Mais do que linhas que conectam um ponto ao outro, a ajuda é vetor de re-territorialização. Uma direção, outras vezes uma mudança de direção. O espaço vai sendo costurado, o território vai sendo vencido, graças a essas operações locais, a esses acontecimentos ou afetos (WEID 2014, p. 284).

A ajuda de modo geral colabora para a ampliação de territórios, mas, por vezes, segundo Weid (2014), ela pode restringir a circulação, como momentos em que não é bem-vinda ou que direciona para um lugar errado ou simplesmente não ajuda.

Neste trabalho, a ajuda é tratada como parte da interação corpo/paisagem, que colabora com a relação do corpo cego com o mundo. Esse processo se dá de muitas formas, como é possível ver nos trechos recortados dos trajetos efetuados com os colaboradores dessa pesquisa. Relembro que quando houver um X como identificação da fala de uma pessoa, essa fala pertence a alguém de fora que interagiu conosco durante a caminhada.

Começo agora a refletir sobre as ajudas falando do transporte público, pois a maior parte das pessoas cegas precisam dele para se deslocar no dia a dia. Por isso, trabalhadores dos terminais e dos ônibus em Florianópolis, de um modo geral, estão acostumados a encontrar e ajudar pessoas cegas. Nesses lugares, a ajuda é oferecida e solicitada para que haja um deslocamento mais seguro, como aconteceu na caminhada com B:

*“(O vigilante do terminal nos deu bom dia e perguntou onde iríamos.)*

*X: Qual ônibus, querem ajuda?*

*B: Não, aqui tá tranquilo.”*

Constantemente em Florianópolis esses trabalhadores são elogiados pela sua solicitude, pela sua colaboração e disposição em auxiliar as pessoas cegas a chegarem onde elas querem, como pode ser lido nesta fala de G:

*“G.: o que eu gostei muito foi que os motoristas ajudam muito, têm muito respeito da galera, o que é bem bom, não tive praticamente nenhum problema, sempre me respeitaram muito. Então isso aí não tem treta. Eu sei que lá na minha terra natal, Vitória do ES, neguinho não tá nem aí pra você.*

*Cara, aconteceu uma parada comigo no Rio Vermelho bizarra. Eu fui treinar jiu-jítsu na casa do professor Fernando que é de lá. Na hora da volta, estava chovendo e ele me deixou no ponto de ônibus e foi trabalhar. Daí ele perguntou se estava de boa. Eu falei que sim. Eu tô lá no ponto de ônibus e escutei o barulho do ônibus e pensei, esse ônibus vai parar, eu tô de bengala aqui.*

*Aí eu ouvi o barulho do ônibus e daqui a pouco fez assim, vuum, passou. Falei, perdi beleza, ou esperar o próximo. Daqui a pouco vem um cara, “pô desculpa eu sou o motorista, passei*



*direto”. Que que aconteceu, vieram dois ônibus ao mesmo tempo, um de cada lado daí ele buzinou pra cumprimentar o outro motorista, quando ele voltou a olhar pro outro lado ele me viu mas já estava acelerando. Daí ele parou lá na frente, desceu do ônibus, foi lá, me buscou e tinha umas possas que tinha chovido, me desviou das possas e me colocou dentro do ônibus.*

*Rodou pra caramba lá no Rio Vermelho até chegar em Canasvieiras e quando chegou em Canasvieiras ele pediu mil desculpas. Daí eu falei pra ele que tava de boa, pois ele que tinha ido me buscar. Daí ele perguntou tu quer ir pra onde? Daí eu falei que queria ir pra Trindade, daí ele me colocou no ônibus da trindade pediu desculpa de novo... pô, veio, foi bizarro. Se fosse em Vitória, se “f” cego, fica aí.”*

Até realizar esta pesquisa, pensava que só eu era inseguro com as referências quando estou dentro do ônibus, pois sempre peço para que o motorista ou o cobrador avisem o meu ponto de descida, mesmo que eu saiba reconhecê-lo. Nas nossas rotas, B e G comentaram que pedem ajuda também, mesmo com o conhecimento da referência para descer.

*“T: Esse aqui tu sabe onde desce, ou tu pede?”*

*B: Geralmente eu sei, mas geralmente eu peço também. Mas é de boa, por causa da rótula.”*

Até sabendo indicar a referência da rótula da UFSC, que é bem marcante no percurso, B pede a ajuda. G faz um comentário parecido, diz que sempre tenta estar localizado, mas pede ajuda para não “vacilar” e descer no lugar errado.

*“T: Normalmente tu não pede ajuda?”*

*G: É, eu consigo. Eu sempre comunico ao motorista, pra se eu vacilar aqui ele sabe onde é. Mas eu sempre tento perceber sozinho.”*

Acredito que esse tipo de insegurança se deve à dificuldade que é para uma pessoa cega passar do seu ponto de descida. Se isso acontecer, as opções são ir até o fim da linha e retornar ou descer em um ponto logo em seguida, sem saber exatamente onde se encontra. A primeira opção, de modo geral, leva a um tempo muito maior de deslocamento, e a segunda opção traz a insegurança do desconhecido, pois descer em um lugar que você não conhece e ter que se relacionar em uma paisagem completamente desconhecida causa muita

insegurança. Weid (2014), em sua pesquisa, mostra que é necessário um estado de espírito diferente para esse tipo de situação, e que as pessoas cegas, no seu dia a dia, de modo geral, vão até um lugar já pré-determinado, pois, para realizarem novas rotas, é necessário que se organizem e que tenham muitas informações sobre onde ir.

Todavia, é preciso considerar que nem sempre as ajudas são positivas, pois, de muitas formas, elas podem interferir no deslocamento, na escolha de rotas e atitudes.

Weid (2014) comenta que não é fácil negar ajuda, até porque algumas pessoas podem se ofender. Seus entrevistados também comentam sobre a preocupação com ser gentil e a de que, quando essas pessoas forem ajudar outros cegos, saibam ajudar. Vejamos como S se reporta à questão de aceitar ajuda.

*“T: Tu atravessa sozinha aqui?”*

*S: Ou sozinho ou com ajuda, se oferecerem ajuda eu evito negar. Eu aceito normalmente ajuda porque às vezes as pessoas deixam de ajudar outras pessoas por causa disso.”*

O negar ajuda é difícil até mesmo por que as pessoas que estão oferecendo não acreditam que a pessoa cega não precisa. Isso se dá pela crença de que pessoas com deficiência não são capazes de se deslocarem na rua sabendo o que estão fazendo. Esse fato nos remete ao capacitismo. Mello (2016) define capacitismo como:

[...] uma postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corponormatividade. É uma categoria que define a forma como as pessoas com deficiência são tratadas de modo generalizado como incapazes (incapazes de produzir, de trabalhar, de aprender, de amar, de cuidar, de sentir desejo e ser desejada, de ter relações sexuais etc. (MELLO, 2016, p. 3272).

O capacitismo é perceptível na transcrição do fato ocorrido com B e comigo no Ticen, pois mesmo quando afirmamos que sabíamos para onde estávamos indo, a pessoa não acreditou que éramos capazes e procurou a ajuda de outra pessoa para nos auxiliar.

*“(Um senhor perguntou onde iríamos. Respondemos e seguimos.)*

*B: Vou seguindo aleatoriamente o piso de um jeito bem errado.*

*(O mesmo senhor que havia nos questionado anteriormente foi chamar alguém para ver que ônibus nós queríamos. Tivemos que falar que já sabíamos ir.)*

*T: Sempre importante registrar as intervenções inconvenientes.*

*B: Sim, pois quando a gente quer realmente ajuda aí não tem.”*

Situação análoga também ocorreu na minha caminhada com S:

*“(Pessoa de fora.)*

*X: Vai pegar a guia Moça? Dá licença.*

*S: Eu vou subir a Álvares de Carvalho*

*X: Álvares de Carvalho... péra aí. Só um pouquinho. (Tom de dívida)*

*S: Não, tá tranquilo.*

*X: Eles estão arrumando aqui o chão.*

*S: Jura?*

*(A pessoa ajudante pergunta pra alguém de fora.)*

*X: a Álvares de Carvalho é aonde? É que aqui eu não conheço.*

*S: Não, tá tudo bem. Tá tranquilo eu vou seguir aqui.*

*X: Tá aqui a guia*

*S: Tá bom, obrigada.*

*(A pessoa se afastou comentando para ter cuidado na rua.)*

*X: Cuidado o poste lá.*

*S: Tá bom.”*

Em um primeiro momento, S aceitou a ajuda, mas, ao perceber que a pessoa não sabia onde era a rua em questão, optou por falar que conhecia e sabia ir para onde gostaria de ir. Mesmo assim, a capacidade dela foi testada, pois a pessoa ajudante questionou outra pessoa que não estava envolvida na situação sobre a referência que S já tinha afirmado conhecer.

O capacitismo se apresenta de muitas formas e, no fragmento a seguir, que já utilizei para falar sobre corpo, é possível perceber o quanto o não acreditar na capacidade da pessoa de realizar o que ela diz saber fazer leva as pessoas a imporem a sua ajuda ao ponto de persistirem mesmo quando têm a sua oferta negada.

*“T: E tu pega muita ajuda na rua? Tu aceita bastante ajuda?”*

*B: Em geral sim, mas como eu faço caminhos mais tranquilos, eu não vou pra muitos lugares aleatórios é mais tranquilo. Por exemplo na UFSC geralmente não vai ter pessoas muito estranhas...*

*B: É muito bizarro por que a gente sabe que nem sempre quando a gente não aceita ajuda significa que a pessoa vai sair dali. É horrível a gente dizer não, e a pessoa continuar lá.*

*[...]*

*B: Teve uma vez que eu fiquei muito mal, quando eu tava começando a andar sozinha na UFSC, que eu tava lá no CCE subindo a escada, uma coisa super de boa, que eu já tinha feito mil vezes. Eu tinha dito que não queria ajuda para uma menina. Ela continuou indo atrás, e não só continuou indo atrás, como quando eu cheguei onde eu queria ir, ela falou: Nossa! E não é que você conseguiu?*

*Eu lembro que na época eu fiquei muito mal eu fiquei tipo: urgh! (Expressão de irritação).”*

Cito mais uma vez Mello (2016, p. 3272), que explica a origem do capacitismo e como ele age normatizando os corpos:

[...] Essa postura advém de um julgamento moral que associa a capacidade unicamente à funcionalidade de estruturas corporais e se mobiliza para avaliar o que as pessoas com deficiência são capazes de ser e fazer para serem consideradas plenamente humanas.

Então, quando B relata que uma pessoa a seguiu para ver se ela era capaz de chegar onde ela já havia dito que não precisava de ajuda, o capacitismo, relacionado à imposição da ajuda sobre as pessoas cegas se torna perceptível. E, no relato, é possível perceber que foi muito ofensivo para ela aquela testagem de seu corpo.

Neste próximo fragmento, eu e S passamos durante nossa caminhada pelo que A já havia relatado em nossa conversa: a descrença de que estamos falando a verdade quando dizemos que não queremos ajuda, por mais que sejamos delicados e respeitosos.

*“(Uma mulher nos orientou)*

*X: pode atravessar.*

*(Enquanto atravessávamos um homem veio e falou)*

*X: querem atravessar, podem vir que eu ajudo.*

*S: pode deixar, brigada.*

*X: pega aqui no meu braço.*

*S: não, tá tranquilo, brigada.*

*X - aqui tá a calçada ó.”*

Mais do que a inconveniência de pessoas querendo ajudar sem serem solicitadas, sem terem o mínimo respeito conosco e não acreditando em nossas capacidades, tem aquelas ajudas que podem nos colocar em risco. S explica o que precisa fazer para atravessar a rua.

*“(Chegando na faixa de segurança na frente do terminal TICEN.)*

*T: aqui tu espera ajuda?*

*S: Não. Agora eu sei que os carros estão passando. Na hora que pararem de passar eu atravesso. Ou, se aparecer alguém pra ajudar, eu aceito também. Mas eu tô ligada na “manha” das pessoas.*

*(Alguém disse que podíamos ir.)*

*S: Obrigada. Porque muitas vezes eles falam que não vem carro, que pode atravessar e o sinal não está fechado.”*

Para se manter segura, S teve que compreender como as pessoas agiam naquele momento de ajudar: a “manha” das pessoas; o jeito de ajudar. Mas esse jeito a coloca em risco, pois os ajudantes, em vez de esperarem o sinal fechar e avisarem que o sinal fechou, apenas avisam que é possível atravessar sem levar em conta se a pessoa quer correr aquele risco de passar com o sinal aberto para os carros. Aqui, é possível perceber que a decisão que S precisa tomar em instantes está pautada por uma experiência de seu corpo nessa situação, o que reforça o que Lorimer (2005) fala sobre as teorias mais que representacionais, pois, ao ter essa informação da “manha” das pessoas, ela utiliza a sua audição para ter certeza de que poderá atravessar em segurança a rua.

Outro risco que principalmente as mulheres correm diz respeito ao assédio. Weid (2014) mostra que, por vezes, ocorrem contatos corporais impostos. Se valendo de um relato de uma mulher cega, ela demonstra que as mulheres cegas têm mais riscos de sofrerem assédio na rua, primeiro por serem mulheres, mas também por serem deficientes. No fragmento a seguir, que também já tinha aparecido, B comenta sua percepção sobre essa situação e quais os métodos para se proteger que aprendeu nas aulas de orientação e mobilidade.

*“B: É muito bizarro porque, tipo, as pessoas ajudam a gente mais por ser mulher, mas também acham que têm mais liberdade. Isso é muito visível. O professor de orientação e mobilidade da ACIC sempre diz que com esses anos de OM, ele percebe claramente como as pessoas ajudam mais mulheres. O que nem sempre é bom, né?.*

*T: É o que é loco, porque ajuda de um modo geral é bom, mas a chance de ser problemático é grande.*

*B: Lembro uma vez que eu estava em aula com esse professor e uma pessoa estranha me abordou e ele chegou em mim e falou: “Quando for assim entra numa loja, procura outras pessoas”. Olha o nível de conselho que tem que dar na aula de OM. Ele disse esse cara era meio estranho. E se tu estiver incomodada tenta entrar em algum lugar e fala: “Estou indo aqui, estou indo encontrar um amigo.”*

Weid (2014) também relata um momento em que guiava uma das participantes de sua pesquisa e um homem segurou no braço da pessoa que ela estava guiando sem pedir licença e quis atravessar a rua que elas não pretendiam atravessar. Exemplos assim são relatados por A em nossa caminhada, como a invasão do seu corpo e da interferência no seu caminhar.

As ajudas inconvenientes são constantes e, inclusive, se relacionam com o que falamos anteriormente sobre as pessoas acreditarem que o nosso corpo é passível de controle pelos outros. S teve inclusive sua bengala segurada por uma pessoa que pretendia ajudá-la. Na pesquisa de Weid (2014), alguns participantes também comentaram sobre a situação de alguém segurar sua bengala e o quão isso é incômodo.

*“S: Agora eu vou desse lado aqui.*

*(Seguiu andando e dá para ouvir um homem falando algo incompreensível.)*

*S: Não moço, solta minha bengala!*

*T: Aqui a gente tá chegando?*

*S - É, falta um pouco.*

*(Uma senhora de fora fala)*

*X: Aqui, aqui, eu ajudo.*

*(Ela percebeu que nós estávamos indo certo e disse tudo bem. Outras pessoas ficaram insistindo para nos ajudar.)*

*S: Tudo bem, pode deixar, a gente tá indo.*

*T: A gente vai indo devagarzinho.*

*X: É mesmo?*

*S: Sim, brigado.”*

Neste momento foi necessário que eu afirmasse que estávamos indo devagarzinho, para que as pessoas estivessem convencidas que nós não estaríamos correndo risco. Isso se relaciona com o que falamos anteriormente sobre o controle de nossos corpos, relação em que o tempo todo precisamos dar explicações até sobre a maneira de andarmos na rua. A atmosfera afetiva nessa situação fez com que fosse necessário adaptarmos aos afetos desse lugar. Como Paiva (2017) aponta, os indivíduos precisam se adaptar aos afetos que o seu corpo é envolvido.

Nessa situação, fomos lidos como incapazes porque não enxergamos, então não podemos ver o caminho, e como podíamos continuar caminhando? Foi necessário que reafirmássemos essa incapacidade e que, por causa dela, andaríamos devagar. Isso para ser gentis com aquelas pessoas. Mello (2019, p. 136) nomeia essa situação como a naturalização e hierarquização das capacidades corporais humanas, ou seja, a presença do capacitismo.

O termo capacitismo se refere à naturalização e hierarquização das capacidades corporais humanas. Quando uma pessoa não enxerga com olhos, ela é lida como deficiente e passa a ser percebida culturalmente como “incapaz” e, portanto, “especial”. Por isso, o capacitismo impede a consideração de que é possível andar sem ter pernas, ouvir com os olhos, enxergar com os ouvidos e pensar com cada centímetro de pele que possuímos. O capacitismo também é essa forma hierarquizada e naturalizada de conceber qualquer corpo humano como algo que deve funcionar, agir e se comportar de acordo com a biologia.

Uma fala bem significativa de B foi quando ela relatou o incômodo de, por ser cega, sempre ter de pedir ajuda, pois, como Weid (2014) comenta, as ajudas colaboram com o movimento das pessoas cegas na cidade, mas elas também podem ser limitadoras. Isso fica perceptível no fragmento a seguir, pois B queria ter a opção de não precisar de ajuda, o que, pela sua fala, ela não tem.

*“B: Eu estava tendo uma conversa aleatória com um menino e a gente tava falando sobre isso, eu tava pensando sobre isso, eu até falei pra ele que a coisa que me incomoda muito é que eu queria poder um dia sair de casa e não ser obrigada a interagir com ninguém. Poder*

*apenas caminhar e chegar no lugar, sei lá, me perder se for o caso mas não ter que falar com ninguém. Não pedir ajuda pra ninguém, só ficar de boa. O que é impossível.”*

A ajuda pode ser tão contraditória que B prefere a possibilidade de se perder do que a necessidade de ter que falar com alguém.

Mesmo havendo tantos problemas relacionados a elas, as ajudas, como Weid (2014) citou anteriormente, ampliam territórios. Eu acredito ainda que elas também colaboram com a interação nas paisagens, pois muitas referências visuais importantes para quem vê são transmitidas nesses contatos e, por vezes, com uma ajuda aprendemos um caminho que nem imaginávamos existir.

No fragmento a seguir, enquanto G procurava sua referência, que era um poste, foi interrompido por uma senhora que pretendia ajudar, mas não sabia como intervir naquela situação. Ela inclusive questionou G sobre a cor do ônibus que ele pegaria. Talvez G já soubesse que os ônibus urbanos de Florianópolis têm a cor azul, mas, caso não soubesse, essa interação lhe traria uma informação que na próxima vez poderia usar. Sim, porque as referências visuais como cor não são importantes para o deslocamento de pessoas cegas, mas, quando ela precisar passar a informação para alguém que vê e está ajudando, esse tipo de informação colaborará na explicação.

*“G: Cadê? (Disse ele procurando a placa do ponto de ônibus, que é sua referência. Uma senhora de fora veio nos ajudar.)*

*X: Cuidado meu amor! Cuidado! Tem um poste aqui.*

*G: É o poste que eu quero mesmo.*

*X: É o ponto de ônibus?*

*G: Isso. Brigado.*

*X: Qual é o ônibus que você quer, o grande ou o pequeno?*

*G: Ônibus?*

*X: O amarelinho?*

*G: Não, o normal.*

*X: Ah! O azul.*

*G: Isso!*

*X: Não passou ainda, mas já vai passar.*

*G: Obrigado!”*



Neste outro fragmento retirado da caminhada que fiz com G, uma pessoa ajuda-nos no caminho. Na intersecção, na rota, e também com seus olhos, ela colaborou para que soubéssemos onde estávamos e se o ônibus que era nosso objetivo estava no ponto.

*“(Um homem nos perguntou.)*

*X: Vão pra onde?*

*G: Vamos pegar o Serrinha ou o Córrego Grande.*

*X: Tá, tem que voltar.*

*(Ele nos ajudou até o ponto.)*

*X: Estamos chegando na plaquinha do Córrego Grande. Só aguardar.*

*G: Valeu.*

*X: Não é esse que está parado ai não!*

*G: Não é né?.”*

Na interação com a paisagem, actantes e atores, o aprendizado com outras pessoas cegas é constante, pois, em um momento em que eu e G encontramos um senhor cego conhecido de G, nós demos uma informação para ele utilizando referências do terminal e de como seu corpo deveria interagir para conseguir alcançar seu objetivo.

*“X: O Mauro Ramos é pra lá?*

*T: Sim, vai pra frente.*

*G: Vai pra frente e atravessa pra direita que é do outro lado.*

*X: Ah, do outro lado!*

*G: É, a gente tá do lado do Saco Grande, entendeu? Vai pra frente e vira pra direita que vai dar tudo certo.”*

Saco Grande e Mauro Ramos são nomes de linhas de ônibus que se encontram nessa plataforma. São nomes que se reportam aos bairros que servem.

Outra situação que fala sobre o controle de nossos corpos é a pergunta: “Vocês estão indo para onde?” Esse questionamento ocorreu em vários momentos, com todos os caminhantes e algumas vezes vem antes mesmo do “Vocês precisam de ajuda?”

*“(Uma mulher de fora questiona)*

*X: Vocês tão indo pra onde?*

*S: A gente vai continuar.*

*X: É?*

*S: Sim, obrigada.”*

Mais uma vez, o capacitismo se apresenta, na crença de que as pessoas cegas sempre precisam de ajuda para onde estão indo. Então, a questão impositiva do “Para onde vocês estão indo” coloca a pessoa vidente no controle da situação e do deslocamento.

A ajuda, como é possível perceber, toma formas diversas e é quase sempre necessária. No entanto essa ajuda muitas vezes se torna controle dos corpos das pessoas cegas, principalmente por causa do capacitismo que traz o entendimento de que pessoas com deficiência são incapazes de realizar o que um corpo “normal” poderia realizar.

#### 4.2 MAIS ALGUMAS PALAVRAS

Ao finalizar essa análise irei retomar o conceito de paisagem, pois ao falar dela é preciso dizer quem a percebe e como se relaciona com ela, como afeta e é afetado por ela. No caso se fala da interação corpo cego, caminhando na paisagem urbana de Florianópolis. Lembrando do conceito de afeto, que nada mais é que a capacidade de um organismo afetar outros organismos e, na mesma medida, ser afetado por eles. Esse afeto sob o ponto de vista da teoria não representacional é que vai produzir conhecimento, ou seja, leva em conta aquilo que não pode ser representado, como sensações ou sentidos, sentimentos, pulsões, hábitos, reflexos fisiológicos automáticos, entre outros (PAIVA, 2017, p. 162). Afeto fala sobre a experiência dos corpos no mundo, e é importante retomar Anderson e Harrison (2010), que comentam que o sujeito não pode ser resumido ao seu corpo, deixando de lado o ambiente onde ele vive.

Então, para uma pessoa cega que anda pelas ruas da cidade, percorrendo rotas a pé, a paisagem urbana pode ser percebida sob o ponto de vista da relação e interação com actantes e atores na forma de barreiras e ou ajudas. Dessa interação é possível detectar os seguintes elementos da paisagem percebida pela pessoa cega: ruas e seus nomes, poste, calçada, poça de água, ponto de ônibus, ajudantes, transeuntes, actantes e atores.

As pessoas cegas se deslocam pela paisagem seguindo um determinado trecho na cidade. Mas é importante retomar que as paisagens são processo e são totalidade, mesmo que para realizar análises seja necessário por vezes separar linhas, pontos e referências, as paisagens estão como um todo no seu processo e na percepção das pessoas.

Afeto é um conceito para falar sobre a experiência dos corpos no mundo, sendo estes constantemente afetados, modificados e afetando, modificando o social a partir disso. Quando acontece a interação com pessoas que oferecem ajuda, a paisagem se transforma através do afeto, e assume ares de cortesia, gentileza, ou medo e insegurança. Lembremos que “ter que se relacionar em uma paisagem completamente desconhecida causa muita insegurança” e isso também pode ocorrer na presença de uma voz e de um toque totalmente desconhecido. Além dos ruídos urbanos característicos, são percebidas na paisagem as falas das pessoas ajudantes, as quais tanto podem significar “um vetor de re-territorialização” ou uma “mudança de direção” (WID 2014, p. 284) ou pode se tornar uma invasão e uma violência. Pode ser benéfica ou não.

Sobre o conceito de corpo, Macpherson (2010) chama a atenção para a importante mudança da compreensão do conceito, pois o que se torna necessário compreender é o que um corpo é capaz de fazer e os processos de incorporação. O autor fala que pensar o corpo desta maneira possibilita relacioná-lo com o modelo social da deficiência e a maneira que a paisagem influencia na vida das pessoas, pois, se o corpo é um processo, cada barreira na paisagem faz com que esse corpo com deficiência emergja, retirando assim do modelo biomédico a responsabilidade da deficiência.

A partir da compreensão do corpo como possibilidade e não como limite abrimos uma janela para eliminarmos o capacitismo. Pois como é possível perceber nas falas transcritas anteriormente, muito sobre o corpo de pessoas cegas diz respeito a aprendizado, pois as pessoas cegas aprendem a estar na rua como cegas através da orientação e mobilidade e a segurança nesse aprendizado é o que torna a relação corpo-paisagem dessas pessoas mais fácil ou mais difícil. Porque como fica perceptível na fala de A não existe a possibilidade de sairmos um dia e não necessitarmos de ajuda de alguém e isso faz parte de nossos corpos, faz parte de como nos constituímos como corpos na paisagem na cidade. Assim aprendemos a ser corpos na relação, com outras pessoas e com objetos que encontramos, as ajudas nos ensinam a ser corpo e essa constituição é constante, a todo momento, através da relação corpo-paisagem fazemos e nos tornamos corpo, pois como Latour escreve, o corpo é nosso destino comum.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo esta pesquisa acreditando que respondi a pergunta que a norteou: como se dá a relação corpo-paisagem de pessoas cegas? A teoria não representacional, uma noção de paisagem não visiocentrada e as caminhadas que fiz com os participantes tornaram possível afirmar que o aprender a ser corpo cego na cidade passa por saber reconhecer barreiras e caminhos seguros para se deslocar. O corpo precisa compreender como é possível caminhar por paisagens construídas por e para pessoas que veem de maneira segura.

A primeira observação necessária a partir desse resultado é que, justamente porque estamos falando de relações que são construídas pelos corpos em movimento, há uma impossibilidade de se criar generalizações totalizantes de como isso se dá. Se o corpo de cada um é carregado de diferentes aprendizados ao longo da vida, universalizar uma resposta seria incorreto, por isso, não o faço aqui.

A segunda observação implica desfazer a ideia, que eu mesmo tinha, de que a maior barreira da paisagem é o conceito pensado a partir da visualidade. Isso é um equívoco, pois o problema mais significativo na relação corpo-paisagem de pessoas cegas está em mover-se pelas paisagens construídas por pessoas que enxergam. Situações essas que são perceptíveis nas análises das caminhadas, principalmente quando analisamos barreiras, mas, ao analisar corpo e ajudas, os atores e actantes aparecem o tempo todo transformando a relação corpo-paisagem e impactando no deslocamento.

Para responder ao problema de pesquisa, estabeleci como objetivo geral investigar como acontece a relação corpo-paisagem na realização de caminhadas urbanas por pessoas cegas. Então comecei procurando um método que me possibilitasse a compreensão da paisagem pelo corpo e a relação de um com o outro foi um longo e árduo processo, pois a Geografia distanciou os corpos da relação com a paisagem durante muito tempo. Todavia, encontrei um método que pensava relacionalmente os conceitos em teorias geográficas pós-estruturalistas na chamada teoria não-representacional. Essa teoria, surgida na Inglaterra, parte da ideia que não só as representações podem explicar o mundo, mas sim as representações junto das situações não representativas, por isso, escolhi realizar caminhadas junto dos participantes da pesquisa, pois queria perceber junto a eles a paisagem com a qual eles se relacionam corporeamente. Isso possibilitou o aprendizado do meu corpo durante o processo: meu corpo aprendendo as paisagens que os caminhantes conhecem permitiu que eu percebesse um pouco de como cada um deles constrói essa relação.

Já o objetivo específico de investigar como as caminhadas constituem as paisagens e os corpos com deficiência surgiu principalmente da ideia do corpo-paisagem como relacionais, pois a ideia inicial de compreender como se dá a relação corpo-paisagem de pessoas cegas necessitava de uma metodologia que pudesse demonstrar essa relação ocorrendo na prática. Por isso escolhi a caminhada, que me permitiu perceber esse processo.

O último objetivo específico, explorar as implicações do modelo social na compreensão de deficiência em um estudo prático por e com pessoas cegas, me permitiu, assumindo a deficiência como um processo social, analisar relações que tornam os corpos das pessoas cegas corpos deficientes. Ao tirar a responsabilidade da deficiência do indivíduo, do corpo carne e colocar essa responsabilidade no social, nas paisagens e nos afetos que a compõem, foi possível perceber que a paisagem e seus afetos influenciam muito na maneira que os corpos cegos se deslocam e as dificuldades e facilidades que são encontradas durante a caminhada.

Entendo que os caminhos feitos para responder os objetivos específicos colaboraram para eu alcançar o objetivo geral. Acredito que, com as análises apresentadas na terceira parte deste trabalho, consegui demonstrar como se dá, ou ao menos como se deu em minha pesquisa, a relação corpo-paisagem na realização de caminhadas urbanas por pessoas cegas. Mesmo já tendo afirmado que não é possível fazer generalizações, acredito que apresentei situações comuns que demonstram um pouco de como a relação corpo-paisagem se constrói para pessoas cegas.

Chegar a essas respostas implicou caminhar na direção de um sonho. Afirmando isso porque, sendo geógrafo e cego, sonhava uma ciência geográfica menos capacitista. Como mencionei anteriormente, a Geografia de modo geral é feita e pensada por quem enxerga, o que leva à exclusão de outras formas de percepção e análises. Por isso escolhi pensar de maneira não capacitista o conceito de paisagem, o que parece paradoxal, por esse ser um conceito diretamente vinculado à visualidade ao longo de sua evolução. Por isso, como cego e geógrafo, e por acreditar que eu também posso analisar e compreender as paisagens, é que trouxe esse conceito como central em minha pesquisa.

Chegar a essas respostas e finalizar este trabalho foi uma das coisas mais difíceis de minha vida. Primeiro, por eu ser cego e acreditar no modelo social da deficiência, assumi como minha responsabilidade construir um trabalho que fosse importante para as pessoas cegas e que de alguma maneira falasse de nossa vida real. Além disso, acredito que o ambiente acadêmico não está preparado para receber pessoas com deficiência, principalmente

no que diz respeito ao acesso à bibliografia e a formas de estudo, pois acredito que as metodologias de ensino muitas vezes não dão conta de pessoas cegas. Por isso enquanto pesquisador cego tive muita dificuldade de acesso a alguns livros e artigos e, ao aprender a organizar meu trabalho, não conseguia compreender completamente as imagens mentais que geralmente pessoas que enxergam propõem.

Por outro lado, este trabalho me proporcionou conhecer partes de Florianópolis e a percepção delas por outras pessoas cegas. Meu corpo aprendeu, com os afetos, outras percepções de paisagem que ainda não havia aprendido.

Como disse há alguns parágrafos, um objetivo pessoal que tinha neste trabalho era transformar o “sonho” de uma ciência geográfica mais plural em uma possibilidade, construindo uma dissertação que contemplasse a diversidade humana. Acredito que, de alguma forma, abri um caminho para que outras pessoas, e até eu mesmo, possam refletir mais sobre essas questões e incluí-las em sua trajetória acadêmica. Meu trabalho é um exemplo de pesquisa que desloca perspectivas e, como ele, precisamos de muitos outros.

Para que isso seja possível, entretanto, é necessário que tenhamos mais pesquisas realizadas por pessoas diversas. Penso que apenas assim, diversificando não só os objetos, mas principalmente o perfil do pesquisador, a Geografia pode se tornar mais acessível às pessoas com deficiência e/ou outras minorias constantemente excluídas da produção científica.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Ben. **Encountering affect: Capacities, Apparatuses, Conditions**. UK: Routledge, 2014.

ANDERSON, Ben; HARRISON, Paul. **Taking-Place: non-Representational Theories and geography**. Reino Unido: Taylor & Francis group, 2010.

ASSIS, Diva Carolina de. **O caminhar da pessoa cega: análise da exploração de elementos do espaço urbano por meio da bengala longa**. 2018. Dissertação (Mestrado em arquitetura) – Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo, Universidade Federal do Alagoas, Alagoas, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 2015. Rio de Janeiro, 2015.

BAPTISTA, M. B.; BERNARDI, N. O deficiente visual e o espaço urbano – compreendendo os atributos de apropriação do ambiente.. In: **Anais do VI Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído & VII Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral**, v. 2, n. 7, p. 493-504. São Paulo: Blucher, 2016.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v. 1, n. 23, 2011, p. 24-34.

BARROS, P. M. das; PÁDUA, L. As noções acerca da paisagem para a geografia: o percurso para o fundamento fenomenológico. **3º Congresso Ibero-americano de Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto**. Minas Gerais, 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/77.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2019.

BERQUE, Augustin. **Le Sauvage et l'artifice...** Paris: Dunod, 2015.

BRASIL. **Lei n. 13.146**, de 6 de jul. de 2015. Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência. Disponível em: <http://www.planalto.gov>. Acesso em: 20 mar. 2019.

BRUNET, R. **Le déchiffrement du monde: théorie et pratique de la géographie**. Paris: Belin, 2001.

BRUNET, R. **Le développement des territoires: formes, lois, aménagement**. La Tour D'Aigues, 2004.

CARVALHO, S. M.; CUNHA, F. C. A.; CAVICHIOLI, M. A. **Paisagem: evoluções conceituais, métodos de abordagem e categoria de análise da Geografia**. Formação (Presidente Prudente), **Presidente Prudente**, v. 2, n. 9, 2002, p. 309-348.

CASSIMIRO, E. S.; GALDINO, F. F.; As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da gregia antiga à contemporaneidade. **Μετάνοια**, São João del-Rei/MG, n.14, 2012. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistalable>>. Acesso em: 01 maio 2019.

CASTRO, D. G. **Significados do conceito de paisagem**: um debate através da epistemologia da Geografia, 2005. Disponível em: <[www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm](http://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm)>. Acesso em: 28 ago. 2018.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CLAVAL, P. **A Paisagem dos Geógrafos**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.).

**Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.13-74.

DINIZ, D. **O que é deficiência**. Tatuapé: Editora Brasiliense, 2007.

CUSTÓDIO, G. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2013.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007. 96 p. (Coleção Primeiros Passos).

DINIZ, Debora. Modelo social da deficiência: a crítica feminista. **SérieAnis**, Brasília, v. 28, p. 1-10, 2003.

DUNCAN, J. **A Paisagem Como Sistema de Criação**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 91132.

FERRAZ, M. K. Origem e utilizações do conceito de paisagem na geografia e nas artes. Sistema de bibliotecas da UFBA **Anais...** UFBA, 2013. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_2003\\_00123.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2003_00123.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2019.

FRANÇA, Tiago Henrique de Pinho Marques. **Deficiência e pobreza no Brasil**: a relevância do trabalho das pessoas com deficiência. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

IBGE. Busca panorama Florianópolis. **Site**, s/d. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/panorama>. Acesso em: 28 set. 2020

LATOUR, Bruno. **Pandora's Hope**: Essays on the Reality of Science Studies. London: Harvard University Press, 1999.

LIRA, S. M.; SILVA, M. J E. C.; MEDEIROS, A. K. G. O estudo dos conceitos geográficos para os deficientes visuais do ic/cg. In: **II Conedu**, 2015. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV045\\_MD4\\_SA\\_7\\_ID7858\\_08092015100102.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD4_SA_7_ID7858_08092015100102.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2019.



LORIMER, Hayden. Walking: New forms and spaces for studies of walking. In: Cresswell, T.; Merriman, P. (Orgs.) **Geographies of mobilities: practices, spaces, subjects**. Ashgate: Farnham, 2011. pp.19-34.

LORIMER, Hayden. Cultural geography: the busyness of being 'more-than-representational'. **Progress in Human Geography**, v. 1, n. 29, 2005. pp. 83-94

MACPHERSON, Hannah. Walking methods in landscape research: moving bodies, spaces of disclosure and rapport. **Landscape Research**, v. 41, n. 4, 2016. pp. 425–432.

MACPHERSON, Hannah. Non-Representational Approaches to Body–Landscape Relations. **Geography Compass**, v. 4, n. 1, 2010.

MACPHERSON, Hannah. The intercorporeal emergence of landscape: negotiating sight, blindness and ideas of landscape in British countryside. **Environment and Planning A**, v. 41, 2009. pp. 1042-1054.

MACPHERSON, Hannah Mary. **Landscapes of blindness and visual impairment: sight, touch and laughter in the English countryside**. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Newcastle upon Tyne Newcastle upon Tyne, UK, 2007.

MARTINS, Bruno Sena; FONTES, Fernando; HESPANHA, Pedro; BERG, Aleksandra. A emancipação dos estudos da deficiência. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 98, 2012. pp. 45-64.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo, 1998.

MELO, F.B. **Proposição de medidas favorecedoras à acessibilidade e mobilidade de pedestres em áreas urbanas**. Estudo de Caso: O Centro de Fortaleza. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Programa de Mestrado em Engenharia de Transportes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

MELLO, Anahi Guedes de. Politizar a deficiência, aleijar o queer: algumas notas sobre a produção da hashtag #ÉCapacitismoQuando no Facebook. In: PRATA, N. PESSOA, S. (Orgs.) **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019. p. 125-142.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. v.21, n.10, 2016. pp.3265-3276.

MIDDLETON, Jennie. Walking in the City: The Geographies of Everyday Pedestrian Practices. **Geography Compass**, v. 5, n. 2, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1749-8198.2010.00409.x>. Acesso em: 16 ago. 2020.

MONTEIRO, M. I.; LOPES, E. R. A percepção dos cegos sobre e pela cidade. In: **Anais da Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

NASCIMENTO, Rosemy. **Atlas ambiental de Florianópolis**. Florianópolis: Instituto Larus, 2002.

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra** [online]. 2018, n.107, pp.159-168. ISSN 0430-5027. <http://dx.doi.org/10.18055/Finis10197>.

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia i: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. 52, n. 106, 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/10196>. Acesso em 20 jul. 2019.

PINK, Sarah. Walking with video. **Visual Studies**, n. 3, 2008. pp. 240-252. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14725860701657142>. Acesso em: 10 set. 2020.  
*PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas. (Orgs.) Desigualdades, gêneros e comunicação*. São Paulo: Intercom, 2019.

RÉGIS, T. C. **Um estudo para elaboração de atlas municipal na perspectiva da educação geográfica inclusiva**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 91-132.

SALGUEIRO T. B. Geografia e paisagem. **Revista Finisterra**, v. 36, n. 72, 2001. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1620>>. Acesso em: 01 maio 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação** (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009.

SASSAKI, R. K. Educação Profissional: Desenvolvendo Habilidades e Competências. **Anais do III Seminário Nacional de Formação de Gestores e Educadores**. Brasília, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão no lazer e turismo: em busca da qualidade de vida**. São Paulo: Áurea Editora, 2003.

SAUER, C. O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998. p. 12-74.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 2. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2003. 417 p.

SILVA, T. F.; ALENCAR, F. H. S.; RIBEIRO FILHO, F. G. Percepção da cidade no ensino de geografia para cegos. **Observatório Geográfico da América Latina**, 2013. Disponível em:

<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Ensenanzadelageografia/Metodolोगiaparalaensenanza/11.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2019.

SOUSA, A. M.; ARAÚJO, K. H. A. Práticas educacionais para trabalhar o conceito de paisagem geográfica com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do instituto de cegos do Ceará. In: **XXII Semana de Educação da Universidade Estadual do Ceará**, 2015.

SOUZA, M. L. de. **Paisagem: Os Conhecimentos Fundamentais da Pesquisa Socioespacial**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2013.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Espaço Geográfico Uno e Múltiplo**. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. Barcelona, 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

THRIFT, Nigel. **Non-representational theory: space, politics, affect**. NY: Routledge, 2008.

TOLEDO, M. S. R. **O viver de deficientes visuais no centro de porto alegre: trabalho ambulante e espaços de sociabilidade**. *Revista Iluminuras*, v. 4, n. 7, 2003.

VALENTINI, S. R. **Os sentidos da paisagem**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2012.

VENTORINI, S. E.; SILVA, P. A. Cartografia Tátil: a mediação de conceitos para alunos cegos. **Boletim paulista de geografia**, v. 99, 2018. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1471>>. Acesso em: 15 maio 2019.

VON DER WEID, Olívia. **A Urca é o paraíso dos cegos: mobilidade urbana**, acesso à cidade e territorialização. *Iluminuras*, v. 16, n. 37, 2015, p. 65-96.

VON DER WEID, Olívia. **Visual é só um dos suportes do sonho: práticas e conhecimentos de vidas com cegueira**. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural). Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

## APÊNDICE A – Transcrição de caminhada – B

Fui à casa de B no dia 31 de janeiro pela manhã, cheguei La utilizando um aplicativo de transportes, pois nunca fui aquele bairro. A rota que fizemos foi da casa dela na região continental de Florianópolis até a Universidade Federal de Santa Catarina onde ela estuda, pois era uma rota que ela possuía domínio e fazia constantemente.

Antes de conseguir marcar com ela e com outros participantes estava muito ansioso pois estava me sentindo como aqueles pesquisadores que se utilizam das pessoas cegas para realizar suas pesquisas e não trazem um retorno. Me sentia assim principalmente por o resultado de minha pesquisa não ter uma interferência direta perceptível na vida das pessoas que participam, mas sim um provável retorno científico. Tive bastante dificuldade para marcar as caminhadas e isso foi uma constante, alguns negaram e ela aceitou, mas foi bem difícil.

Quando cheguei onde B mora, o motorista me avisou que eu estava na frente de uma petshop, avisei que estava ali e ela disse que estava descendo. Alguém que trabalhava na petshop veio me avisar que onde eu estava paravam carros, por isso, eu perguntei onde ficava a saída dos apartamentos de cima. Essa pessoa me levou até a lateral do prédio onde fiquei aguardando.

Sáimos de sua casa e notei muita segurança no percurso, pois todas as outras vezes que havíamos andado juntos ela preferiu que eu a guiasse. Mas dessa vez falei que ela deveria assumir o controle. Por várias vezes ela dizia andar aleatoriamente, mas para mim parecia que ela sabia a direção. Início, a seguir, a transcrição.

*B: Vamos a nossa aventura!*

*(E comentou sobre cegos que fazem esse tipo de gravação no Youtube andando na rua. Pedi a ela que fosse me guiando e explicando o caminho.)*

*(Saímos de seu apartamento e descemos as escadas.)*

*B: Aqui os três andares de escadas ótimos...*

*Terminamos de descer a escada e ela abriu a porta e dá para ouvir no áudio eu avisando que havia segurado a porta para podermos sair.*

*B: Aqui vai ter um negócio que provavelmente tu vai bater, o negócio do ar condicionado, pois tu é alto.*

*(Então viramos à direita até a esquina.)*

*Som de bengala batendo em alguma coisa*

*B: Cuidado. Risos. Eu não me responsabilizo. Aqui tem tipo aqueles negócios para separar estacionamento.*

*(Som de porta de carro batendo)*

*B: Inclusive aqui tem um carro, no lugar errado. (ela não havia tocado no carro quando percebeu isso.)*

*B: Piso guia aqui, então à direita. Cuidado com o carro.*

*(Som de bengalas batendo no carro.)*

*B: Tem que desviar do carro que não era para estar estacionado aqui.*

*(Som de bengalas em correntes)*

*B: Aqui tem essa corrente de estacionamento e tem que seguir o piso guia até a faixa.*

*(Som de bengala em um carro)*

*B: Outro carro. Manifestação de desagrado. Outro carro que está no lugar errado.*

*T: normalmente dá para seguir, só os carros que atrapalham?*

*B: Ó, tem outro, hoje está especial.*

*(O som da bengala encontrando o carro só vem depois do início da fala)*

*(Mulher pede desculpa.)*

*X: Desculpa, só um minuto, deixa eu ajudar vocês.*

*B: Obrigada*

*X: Desculpa, eu coloquei o carro aqui, perdão. Aqui agora vocês estão na linha reta.*

*(Falou isso nos colocando no piso tátil.)*

*B: Hoje está especial, geralmente não tem tantos carros assim. Geralmente tem só 1, no máximo 2, mas enfim vai seguindo o piso guia.*

*T: o piso é bom?*

*B: esse é. Demonstrando que o piso é somente regular.*

*B: Tem umas partes meio estranhas*

*B: A facha é quase na esquina, às vezes eu passo ela. Às vezes eu consigo ver ela, dependendo de como está o tempo, mas hoje não. Achei, é aqui. Alguém avisou que podíamos atravessar.*

*B: Aqui uma rampinha, e agora a esquerda para o ponto, aqui não tem piso guia, então eu vou seguindo aleatoriamente até bater no ponto.*

*(Som de bengala no ferro do ponto)*

*(Ela agradece o senhor que nos ajudou a atravessar e nos levou até a o ponto, ele questiona se queremos sentar e dizemos que não.)*

*T: aqui tem bastante ônibus?*

*B: tem. A minha estratégia é ir caminhando até bater no ponto.*

*T: mas aqui é movimentado, geralmente tem bastante gente para ajudar?*

*B: sim geralmente tem.*

*T: e quando você está voltando para casa você desce nesse ponto?*

*B: é do outro lado da rua, bem na frente. Daí é mais tranquilo ainda, é só voltar aquele caminho maravilhoso cheio de carros. Critério para morar em um lugar, ser perto do ponto.*

*T: é isso é um critério, até eu estava conversando com a amiga que mora contigo, tem que morar perto do ponto e precisa conseguir ir sozinha no mercado.*

*B: ir no mercado aqui não rola.*

*T: é longe o mercado? (Som de ônibus chegando)*

*T: chegou o busão.*

*B: é o Abraão? O senhor que estava nos ajudando respondeu que sim. O motorista avisou que o banco atrás dele estava livre e perguntou se iríamos sentar juntos.*

*T: esse para na plataforma C?*

*B: na B. Motorista pergunta se vamos descer no terminal, respondemos que sim.*

*B: Os dois ônibus que passam aqui param na plataforma b. Solzinho básico, eu tenho esperança que até a tarde ele vai sumir.*

*(B participa de corridas de rua, tivemos uma conversa sobre seu treino e sobre a corrida que ela praticaria no dia seguinte a gravação. Comentando sobre uma trilha que havia feito, B falou que havia muitos guias e poucos cegos)*

*B: Porque é sempre assim, se a gente chama ninguém aparece, mas se outra pessoa sem deficiência chama vem um monte.*

*(B na época estava participando da comissão de acessibilidade de um evento de seu curso, então conversamos um pouco sobre isso durante a viagem.)*

*B: Estamos quase chegando.*

*T: deu uma voltinha aqui?*

*B: agora eu já aprendi.*

*(Agradecemos e descemos.)*

*(Nesse momento ela parecia ter muita certeza do que dizia, mesmo falando o contrário.)*

*T: pra que lado a gente vai?*

*B: é para direita, geralmente eu vou bem aleatoriamente, então talvez dê errado, mas a gente vai achar. Eu sempre tenho dúvida de aonde atravessar, por que a saída é do outro lado, mas geralmente eu vou e atravesso aleatoriamente em qualquer lugar, ou vou até o final e daí atravesso, mas ir até o final é pior. Não sei se dá para atravessar aqui, mas vamos.*

*T: para atravessar na a é sempre uma desgraça, sempre dou canelada nos bancos.*

*B: até que tá indo bem. Mas geralmente eu fico tentando encontrar o piso guia desse lado, o que é difícil também. Sair é fácil, o difícil é atravessar.*

*T: esse piso guia é meio ruim de sentir, quando eu tô com os tênis mais altos.*

*B: é esse que eu tô é meio ruim já, ele tem o solado fino até. Olha, não é que a gente atravessou bem no lugar certo. Eu sempre bato na lanchonete, no banheiro. B avisou da catraca antes de encostar.*

*T: tu sai no portão normalmente?*

*(Saímos do terminal.)*

*B: Eu também costumo me perder aqui.*

*T: e agora é pra?*

*B: é pra direita.*

*B: Geralmente eu vou andando reto até um ponto, mas depois começo a procurar o corrimão. Bem aleatoriamente também. Aquele momento corrimão, todo mundo na frente, aquele momento corrimão que ninguém sai da frente.*

*(B bateu em alguém e pediu desculpa.)*

*T: aquele momento corrimão é dos artistas de rua.*

*(É possível ouvir no fundo um artista chamando o público.)*

*B: já bati em umas 4 pessoas*

*T: tu não usa o piso guia aqui?*

*B: não, é muito ruim.*

*T: eu às vezes uso, mas acho que ele dá umas quebradas muito bruscas.*

*B: eu às vezes uso pra vir da A para a B, mas ao contrário é meio ruim.*

*Agora esse corrimão está surpreendentemente vazio*

*T: pra ir da A pra C que tem que pular pela frente de uma ele é bom.*

*B: É, geralmente eu não vou muito pra cá.*

*T: É, a gente aprende umas coisas que a gente nem imagina.*

*(B comenta que é um ótimo dia para praticar corrida a 1h da tarde, de forma irônica, pois estava muito calor.)*

*(B demonstra seu sonho de participar de uma super maratona que é pela beira da praia, e também de uma prova de pista que são várias horas. Depois de algum tempo conversando com o ônibus parado, arrancamos.)*

*T: quanto tempo leva até a UFSC?*

*B: Ah, uns 20 minutos, sem trânsito na beira mar. E esses dias que fui para a psicóloga de Uber, pois estava com medo de vomitar no ônibus e voltei de Uber também.*

*O motorista não era daqui. E adivinha, voltamos para o centro pela serrinha, na chuva, a gente quase não conseguiu subir o morro.*

*T: mas deu certo?*

*B: ele me falou, moça aquele carro não conseguiu subir o morro, mas eu acho que a gente consegue, o pneu é novo. Daí eu falei, ah tá que boa brigada. Risos.*

*T: quem dirige é tu, vai lá.*

*B: e ele assim: É aqui mesmo moça, tem uns lugares meio estranhos. Eu falei, é aqui mesmo é um atalho, daí ele: Ah... Daí pra fugir do trânsito o GPS mandou ele lá pelo sul da ilha, a gente foi, passou pelo túnel voltou, daí pegou a BR. Mas funcionou, a gente chegou bem rápido. Tirando essa parte da serrinha.*

*T: eu uma vez num domingo chamei o Uber ali do centro e o carro já virou pra direita daí eu falei ele tá mandando pela serrinha e perguntei tu confia? Ele falou que sim daí eu disse então vamos. Mas assim, a serrinha é um morro de boa, porque tem um morro que desce ali no meu bairro que é o Caeira...*

*B: sei eu já fui, uma vez eu passei do ponto no ônibus Transcaiera e fui dar um role lá.*

*T: eu brinco é um elevador não é um ônibus.*

*B: já peguei esse ônibus, foi sem querer, mas tudo bem. E ainda me deixaram no meio do nada pra esperar outro ônibus.*

*T: aonde te deixaram?*

*B: nem sei, no meio da Caeira provavelmente. Ainda bem que tinha umas pessoas gentis, umas senhoras. Mas foi bizarro. Mas a gente chegou realmente rápido, porque não tinha ninguém porque as pessoas geralmente não vão lá na chuva, mas eu nem prestei a atenção, quando eu vi a gente tava subindo, eu pensei: eita!*



*T: eu trabalhei lá esse ano também.*

*B: eu só pensei Serrinha.:*

*T: uma das escolas que eu trabalhei era lá, cara seis da tarde tinha muito trânsito ali.*

*B: eu só falei não moço, é só um atalho no meio da comunidade, de boa.*

*B: Quando a gente veio pra floripa a gente morava ali perto e a gente não sabia. Daí a primeira vez que a gente veio a gente já passou por ali, foi um impacto.*

*T: tua mãe já se apavorou?*

*B: imagina. Aquela rua estreitinha, aqueles carros passando.*

*T: eu morro de medo de andar no Transcaeira.*

*B: depois dessa experiência foi só aquela que a gente foi perseguida por um cara. Essas foram as top experiências para aclimatar a ilha. Sorte que nada de mais aconteceu. Literalmente o cara ficou batendo no meu portão por uma hora, até que a polícia veio, o serviço da polícia foi bem eficiente.*

*T: por uma hora?*

*B: é mas funcionou, eles mandaram ele embora e ficaram lá cuidando.*

*T: nunca mais ele apareceu?*

*B: não, graças a deus, esqueceu. Risos. Foi bizarro, ele tava nos seguindo desde o centro isso que foi o mais assustador. Se eu estivesse sozinha teria dado muita merda, esse que é o problema.*

*T: vocês estavam de ônibus e ele pegou o mesmo ônibus?*

*B: Sim e quando eu desci ele desceu. Se eu estivesse sozinha com certeza ele teria chegado em mim. Não sei se ele teria feito algo, mas ele teria conseguido chegar, pois eu não teria conseguido andar rápido suficiente. Uma merda, mas em fim nunca mais aconteceu.*

*T: eu de modo geral acho Floripa bem segura, sei que pra mulher essa relação é diferente, mas eu normalmente me sinto bem seguro.*

*B: Ah não, o último episódio foi um senhor que sentou do meu lado no ônibus e não queria sair, ele estava sentado do meu lado sem nenhum motivo, tinham vários lugares e ele queria ficar lá do lado me olhando.*

*T: em que ônibus isso?*

*B: no Abraão UFSC. Foi bem bizarro, o que aconteceu foi que minha mãe tava junto. Daí minha mãe viu e reclamou com a cobradora, aí como era uma mulher ele mandou ele sair.*

*T: e ele reclamou?*

*B: sim. “ai, que foi?” Mas se não fosse uma mulher aposto que seria ignorado, era uma mulher e ela disse que esses dias tinha acontecido no ônibus que ela tava. Isso tem acontecido cada vez mais em ônibus. Ela falou que até chamaram a polícia. Uma bela bosta.*

*T: uma vez eu fui pegar um ônibus em campinas e quando eu cheguei num ponto tinha um ônibus parado, daí eu fui perguntar e me contaram que tinha um cara se masturbando no dentro do ônibus e daí.*

*B: é então, tem acontecido cada vez mais, é muito assustador e o problema é que a gente não vê o cara encarando e tal, é bizarro. A gente sempre vai precisar da ajuda de alguém.*

*T: com relação à violência né.*

*B: é horrível. Eu lembro de uma vez que eu fui em um bazar que estava rolando uma intervenção teatral, chamando as pessoas pra participar, era sobre isso, a relação da cidade com nossos corpos. Na parte que eu cheguei, a mulher que tava conduzindo tava falando: “agora ande como se você fosse o agressor.”*

*T: que interessante.*

*B: E foi muito pesado, pois era isso aquele andar confiante de eu sou o dono da porra toda. Tipo ande como se você não tivesse medo de nada. Como você andaria na cidade se você não tivesse medo.*

*T: e tu sente muito assédio?*

*B: Então, sim. Acho que de formas diferentes, mas sim. Eu acho que no nosso caso o mais assustador é isso a gente não consegue ver que a pessoa tá te olhando que a pessoa vai descer atrás de você, daí sempre fica essa coisa. Como saber? Mas assim, diretamente mais do que esse troço do ônibus eu acho que não aconteceu. Assim diretamente de um nível mais absurdo.*

*T: tipo encoxada?*

*B: nesse nível não, mas eu também penso que se acontecer eu ficaria sem reação. Tipo sem acreditar. Mas eu acho que no nosso caso é pior porque a gente não consegue ver, tipo essa pessoa tá meio estranha eu vou andar mais rápido.*

*B: Geralmente eu acho que qualquer pessoa que passe por mim na rua vai me atacar, é muito real isso. Essa pessoa às vezes só quer te ajudar, mas é muito assustador às vezes a pessoa chega assim com uma abordagem meio...Eu já tomo um susto.*

*T: Sim a galera às vezes tem uma abordagem meio ruim com a gente.*

*B: Sim e é aquela coisa que a gente sempre fala, que o nosso corpo é público, que pode chegar encostando que pode chegar pegando. O que mais me irrita, tudo me irrita, mas gente que chega assim pegando na mão.*

*T: Sim, a mão dá uma assustada.*

*B: é, segurar na mão é um negócio íntimo, calma aí! Tipo, não é assim. Eu sempre falei muito com a minha psicóloga sobre isso, o quanto que eu não gosto que me toquem, falando com uma outra amiga cega a gente tava chegando à conclusão que o problema é esse, a gente não... essa sensação de impotência do tipo não poder reagir se de fato acontecer, como a gente não vê a pessoa se aproximando a mão se aproximando é tipo invasivo por que não tem direito a reação.*

*T: sim e a gente se sente culpado por reagir né?*

*B: é e a pessoa te tira o direito de tirar a mão, de sair de perto de tu se preservar, porque ela já nega enfiando a mão. Acho que isso é o que dá mais raiva. E tipo assim, pessoas já encostaram no meu rosto, pessoas aleatórias na rua é muito bizarro.*

*T: sim é bem pesado. Comigo acontece, acontece menos, acho que por ser homem também, mas mesmo assim, já passaram a mão no meu cabelo.*

*B: é muito bizarro porque tipo as pessoas ajudam a gente mais por ser mulher, mas também acham que têm mais liberdade. Tipo, isso é muito visível, o professor de orientação e mobilidade da ACIC, que ele sempre diz que com esses anos de OM ele percebe claramente como as pessoas ajudam mais com mulheres. Que nem sempre é bom né.*

*T: é o que é loco, porque ajuda de um modo geral é bom, mas a chance de ser problemático é grande.*

*B: eu lembro uma vez que eu estava em aula com esse professor e uma pessoa estranha me abordou e ele chegou em mim e falou: “quando for assim entra numa loja, procura outras pessoas”. Olha o nível de conselho que tem que dar na aula de OM. Ele disse esse cara era meio estranho, se tu estiver incomodada tenta entrar em algum lugar e B fala: “tô indo aqui, estou indo encontrar um amigo.”*

*T: eu li uma vez um artigo que a mulher contava algumas coisas sobre isso e daí uma mulher cega queria atravessar a rua e o cara ofereceu ajuda e ela aceitou e atravessou, mas tinha outra rua tipo um cruzamento e ela não queria atravessar, daí ele vamos lá que eu vou te atravessar e ela disse que não queria e ele começou a abraçar ela e pelo que ela falou a sorte dela é que ela gritou bastante por que descobriu que aquele cara tinha assaltado outras pessoas e tal.*

*B: é, em fim, carrega pra um beco, vai saber. O que eu mais tenho medo nesse sentido é que eu não sou a pessoa que gritaria, eu tenho medo de chegar em uma situação como essa e não conseguir reagir. É muito bizarro essas coisas.*

*B: teve uma vez que eu fiquei muito mal, quando eu tava começando a andar sozinha na UFSC, que eu tava lá no CCE subindo a escada, uma coisa super de boa, que eu já tinha feito mil vezes e eu tinha dito que não queria ajuda e foi isso a menina continuou indo atrás e não só continuou indo atrás, mas quando eu cheguei onde eu queria ir daí ela falou: “nossa, não é que você conseguiu?”.*

*Eu lembro que na época eu fiquei muito mal eu fiquei tipo: Expressão de irritação.*

*T: eu lembro de uma vez que eu fiquei com muita raiva no ônibus. Eu sou bom de localização, daí eu tava no ônibus indo lá pro ribeirão quando eu morava lá, daí a gente passou num lugar que eu sabia onde era, daí ele perguntou: “daí tu sabe onde a gente tá?” Daí eu tava de saco cheio e falei, a gente tá em tal lugar. Daí ele falou, BA sabe muito. Daí a gente andou 10 metros e ele, e agora? Daí eu falei, agora a gente tá dentro do ônibus, daí ele “tá, não sei o que...” Daí eu falei não fica testando cara, já viu que eu sei onde eu tô, por que tá me testando, coisa chata B: É um teste sobre nossos corpos, pra ver se nossos corpos funcionam.*

*B: Nossa, é muito isso e fica entranhado na gente a sensação que a gente tem que provar as coisas pras outras pessoas o tempo todo. Se a gente, sei lá, se perder se a gente não souber onde tá, isso vai ser usado contra a gente. Eu estava tendo uma conversa aleatória com um menino e a gente tava falando sobre isso, eu tava pensando sobre isso, eu até falei pra ele que a coisa que me incomoda muito é que eu queria poder um dia sair de casa e não ser obrigada a interagir com ninguém. Poder apenas caminhar e chegar no lugar, sei lá, me perder se for o caso mas não ter que falar com ninguém, não pedir ajuda pra ninguém, só ficar de boa. O que é impossível. Conversamos aleatoriedades durante um tempo.*

*B: estamos chegando no nosso ponto.*

*T; aqui é a biblioteca motorista? Ele respondeu que sim*

*B: a rótula não tem erro.*

*T: a rótula não tem erro né, é uma voltinha bem definida.*

*B: mas quando eu tava começando a andar sozinha e passei da rótula, duas vezes no mesmo dia.*

*T: tu me contou essa história, eu fiquei muito triste por ti.*

*B: foi o maior trauma da minha vida. Eu chorei muito naquele dia, eu fui no PET chorar.*

*T: é um bom dia pra chorar.*

*B: Depois felizmente nunca mais aconteceu. Descemos do ônibus no ponto da biblioteca da UFSC.*

*T: e agora pra onde?*

*B: agora pra direita, geralmente eu procuro o piso guia aqui. Piso guia, piso guia... Achei, cuidado que talvez você bata no poste do ponto, mas o piso guia é bem bom aqui.*

*T: vai até teu prédio o piso?*

*B: não, mas quase. Ele acaba em determinado momento. Um pouco quebrado, uma árvore.*

*T: uma árvore invadindo o piso guia*

*B: Eu geralmente não bato nela.*

*T: É porque tu tá no piso eu estou fora.*

*B: É, a UFSC nas férias é uma bad.*

*T: É muito vazio. Eu ultimamente tô achando o CFH sempre vazio.*

*B: aqui tem uma árvore que eu uso como referência, que eu bato nela e aí, ah tá chegando. Aqui a faixa, a rampinha. Casualmente não tem nenhum carro, o que nunca acontece.*

*B: Geralmente eu espero pra atravessar aqui.*

*T: Nas férias é foda, não tem ninguém.*

*B: eu espero por causa dos carros e também porque eu sempre erro essa entradinha, aqui mais pro lado.*

*T: Normalmente tu puxa pra direita mesmo?*

*B: sim.*

*T: É, eu puxo pra esquerda.*

*B: aqui tem um piso guia que eu fico tentando achar também, nem sempre eu acho. Aqui já vira o piso guia.*

*T: A virada é do piso guia mesmo. Alguém pergunta a B:*

*X: Vão pra onde?*

*B: Tá tranquilo, brigada*

*X: Quer botar a mão no meu ombro?*

*B: Não, tá tranquilo*

*X: Então tá.*

*B: Obrigado. Aqui tem um piso guia é só ficar seguindo, que geralmente tá cheio de pessoas e coisas da feirinha.*

*T: Aqui que é a feirinha né?*

*B: Não a feirinha principal, mas tem uma feirinha paralela aqui. Daí geralmente tem o pessoal vendendo várias coisas, já derrubei várias bijuterias, mas em fim. Esse piso é de boa, sempre saio dele, volto. Uma vez que eu tinha saído dele muito errado, daí eu tava rindo disso comigo mesma e daí uma mulher falou: “nossa que lindo seu sorriso tu tá feliz?”*

*T: Não, eu tô perdida. Risos.*

*B: aqui tem outra viradinha do piso, que eu sempre passo.*

*(Som de bengala rastreando o chão.)*

*B: cadê? Ah aqui.*

*T: eu sempre me perco nas viradinhas.*

*B: eu me perco na volta aqui. Daí o piso simplesmente acaba daqui alguns passos.*

*Agora.*

*T: e agora qual é o rolê?*

*B: eu geralmente vou à direita e tento seguir a grama, mas às vezes dá errado, por exemplo agora, passei. Um pouco pro lado, isso. Daí geralmente eu sigo essa grama, daí quando eu passo é um problema porque pra lá tem um bicicletário, daí às vezes eu me perco, mas tudo bem. Mas aqui é só seguir a grama.*

*T: e aqui tem bastante gente geralmente.*

*B: sim. Opa, tem vários canteiros aqui, já me perdi muito nesses canteiros. Aqui já é praticamente a porta, só ir reto, toda a vida. Mas acho que vai tá fechado por que é férias.*

*T: chegamos, que arraso.*

*B: muito bom, não nos perdemos.*

*(B me contou depois que, à tarde, quando ela fez o caminho contrário pelo terminal, se perdeu muito. Mas tive a impressão que o que ela diz ser aleatoriamente é muito calculado e organizado representacionalmente na organização de suas caminhadas.)*

## APÊNDICE B – transcrição de caminhada – S

S sempre se mostrou muito disponível a participar da pesquisa. Ela é geógrafa e pesquisadora, então ela conhece o conceito de paisagem e entende a importância em se debater esse conceito.

Ela preferiu realizar um percurso entre o terminal do centro até uma padaria famosa. Percurso esse, que ela conhecia, mas não realizava há muito tempo. Era um dia bem quente e combinamos de nos encontrar no terminal, onde sentamos em um banco para que eu arrumasse o equipamento de gravação e ficamos conversando sobre o metrado e a vida. Início a transcrição a seguir.

*(S pediu para que eu carregasse a sua mochila para facilitar na caminhada. Arrumamos os equipamentos e a mochila e começamos a caminhada. Avisei ela que ela iria me guiar.*

*Logo no início alguém do terminal questionou onde nós queríamos ir, S respondeu que iríamos sair.)*

*X: quer uma ajuda?*

*S: acho que não vai precisar, tá tranquilo.*

*X: bom dia então.*

*S: quer que eu vá descrevendo, é isso?*

*T: não, só diz onde a gente tá, na plataforma A.*

*S: estamos na plataforma A indo para a saída, das catracas, seguindo o piso guia. Que se não tomar cuidado a gente é atropelado por um ônibus, é sério, eu já fui atropelada por um ônibus uma vez.*

*T: é, o terminal eu vou descrever, acho que vai dar umas três páginas de descrição.*

*S: eu já trocaria, mas esse piso ele não tá errado, o que tá errado é que falta um piso realmente guia, isso aqui é um piso alerta, então ele não tá no lugar errado, alerta, não pise nele. Não é alerta use ele. Daí os caras invés de botar outro piso fizeram uns atalhos, pra “tornar acessível”. Tu vai descrever os pontos então?*

*T: Eu acho que esses principais que quase todo mundo passa eu vou descrever porque são importantes e são referenciais.*

*S: Tu vai colocar a questão que tiraram a sinaleira sonora aqui?*

*T: não sei, posso colocar.*

*S: é importante cara, eu notei uma diferença enorme durante o uso e pós o uso.*

*T: tu é a primeira pessoa que relata essa situação e eu acho que é a única que atravessa a rua direto aqui. Um outro lugar que é muito importante é o corrimão aqui.*

*S: a não, esse corrimão aqui eu nunca usei, nem quando não tinha nada entre as plataformas eu usei, por que eu quase fui queimada algumas vezes, daí eu fiquei com trauma.*

*T: eu vou batendo em todo mundo ali.*

*S: eu cansei, eu vou pelo meio. Outra coisa, é que o meu resíduo visual permite ver a parte de cima, a cobertura, daí eu vou contornando a cobertura.*

*T: eu tem dias que eu acordo bem, tem dias que eu acordo mal, quando eu acordo bem de ouvido eu meio que vou pelo eco do teto, mas a maioria dos dias eu tô mal do ouvido então.*

*S: eu uso às vezes a luzinha e o barulho também. Mas aquele corrimão, as pessoas são folgadas. Tem um monte de placa dizendo não encoste não fume, não sei lá o que. A última vez que eu fui tentar atropelai um casal.*

*T: sempre tem uma pi lazada ali no fim de tarde.*

*S: agora que começou as aulas.*

*T: fumando um gudangzinho.*

*S: na rodinha, daí os caras riem, daí tu não sabe se é de ti ou se é deles mesmos, pois um ri do outro quando tu atropela.*

*T: o atropelado é o que sofre bullying, pelo que eu percebi.*

*(Chegamos à catraca e batemos com a bengala.)*

*S: eu chutei ela com o joelho na verdade.*

*T: normal.*

*S: e eu tô de short, uma blusa by Decatlo, tênis by Decatlo, risos. Eu vou pegar aqui o que vai envolta aqui. (Ela falou indo para a direita para encontrar a grade que separa a calçada do terminal da rua.)*

*T: Como eu não conhecia essa referência? Qual é tua referência aqui?*

*S: é a grade.*

*T: quer trocar de lado? (Questionei porque eu estava do lado da grade.)*

*S: não, eu estou conseguindo. Mas eu sei que tem piso guia também, mas eu, enfim. Vamos sem piso guia.*

*T: agora que eu estou precisando ir para a plataforma, C eu estou usando bastante o piso guia.*



*S: ah sim, só tem que tomar cuidado. Lá no final se tu pegar o lugar errado, ele te manda lá pra lotérica.*

*T: sim, sim. Tem que ir confiante no barulho dos ônibus, não dá pra se perder ali.*

*S: e ali eu achei que pra poder encurtar o trajeto eles pegaram uns atalhos que tu pega muita chuva.*

*T: sim, sim. Os pisos são muito burros, tu anda mais quando vai pelo piso.*

*S: sim, tu anda muito mais. Mas eu acho que a estratégia ali foi fugir um pouco do fluxo de pessoas.*

*T: eu acho que foi preguiça. Risos.*

*S: olha aí, reza a lenda que teve consultoria.*

*A, tem um piso guia que dá aqui ó Tarso, ele vem de algum lugar.*

*Ele vem daqui! (Falou isso indicando a direção da plataforma A).*

*S: pega um atalho na A e ele tem um atalho pra cá, indicando onde nós estávamos.*

*T: sim, esse é o piso mais da beirada da calçada.*

*S: Sim se sair da A e também não tá ligado tu vem parar aqui. Daí se tu for andar reto vai parar lá na rodoviária.*

*T: risos, sim são paralelos.*

*S: eu já quase parei na rodoviária assim.*

*T: eu sou bom de noção de espaço, nunca cheguei a parar na rodoviária, mas um dia, eu falei pra uma mulher eu quero ir na A, e eu tava vindo da rodoviária daí ela me botou num piso e eu fui embora, confiante. Quando eu vi eu tava lá na metade da C, sei lá. Eu tava perdido.*

*S: eu foi um dia que fui da A e dali a pouco me perguntei cadê o terminal B? Risos. Opa deixa eu voltar.*

*T: ele é reto né? Ele não tem marcação.*

*S: não. Por isso que eu falo falta uma maquete do terminal.*

*(Chegando na faixa de segurança na frente do terminal.)*

*T: aqui tu espera ajuda?*

*S: não. Eu agora sei que os carros estão passando na hora que parar de passar eu atravesso. Ou se aparecer alguém pra ajudar eu aceito também. Mas eu tô ligada na manha das pessoas.*

*(Alguém disse que podíamos ir.)*

*S: obrigada. Porque muitas vezes eles falam não vem carro, pode atravessar, o sinal não tá fechado então. Agora esses carros de som me atrapalham a vida.*

*(S falou isso de um artista de rua que cantava no canteiro central da avenida do terminal, o qual é possível ouvir na gravação desde quando estávamos na grade do terminal e agora está muito alto.)*

*T: esse cara aí é muito empolgado.*

*(Depois dessa fala, o som fica mais alto que as vozes na gravação.)*

*S: então, é uma M. Agora aqui, a gente pode passar ou pelo lado do mercado público, ou ir reto do lado do camelódromo.*

*T: tu que escolhe.*

*S: eu particularmente, geralmente passava pelos camelôs, mas eu não sei como está agora.*

*T: por dentro tu diz?*

*S: Não, do ladinho, só deixa eu recordar como é que eu faço.*

*T: aqui a gente tá de frente pro camelódromo.*

*S: tem que passar aqui do lado. (Disse indo para esquerda.) Mais pra esquerda.*

*T: aqui tem um piso guia até uma parte.*

*S: sim até a voltinha, mas é a voltinha que eu quero.*

*T: daí a voltinha e ferrou.*

*S: é, tudo bem.*

*(Pessoa de fora.)*

*X: Vai pegar a guia moça? Dá licença.*

*S: eu vou subir a Álvares de Carvalho (em tom de dúvida)*

*X: Álvares de Carvalho, pera aí só um pouquinho.*

*S: não, tá tranquilo.*

*X: eles estão arrumando aqui o chão.*

*S: Jura?*

*(O ajudante pergunta pra alguém de fora.)*

*X: a Álvares de Carvalho é aonde? É que aqui eu não conheço.*

*S: não, tá tudo bem. Tá tranquilo, eu vou seguir aqui.*

*X: tá aqui a guia*

*S: tá bom, obrigada.*

*(Ele se afastou comentando para ter cuidado na rua.)*

*X: cuidado o poste lá.*

*S: tá bom.*

*T: essa guia dá num poste.*

*S: nossa que calor. Ainda bem que a gente vai pegar uma sombrinha.*

*(Seguimos caminhando. S percebeu que havia algo em nossa frente.)*

*S: pera aí, tem alguma coisa aqui na frente.*

*(Não há som de bengala na gravação encostando no que havia na frente.)*

*(Ela relembrou do caminho.)*

*S: ah tá, é verdade tem que fazer isso pra cá, indo mais para esquerda.*

*(Nesse lugar tem uma banca de sorvetes que ocupa a calçada e é necessário desviar.)*

*S: que ali tem...*

*T: tem essa quebradinha pra esquerda né?*

*S: melhor aqui tu ir bem atrás de mim. Porque é bem estreito.*

*(Uma mulher de fora questiona.)*

*X: vocês tão indo pra onde?*

*S: a gente vai continuar.*

*X: é?*

*S: sim, obrigada. Eu pegava esse caminho direto quando eu trabalhava ali na Unimed. Era lá depois da Rio Branco. Uma vez eu fui atropelada.*

*T: uma vez minha bengala foi atropelada aqui perto. Eu fazia cursinho pra concurso aqui na Francisco Tolentino.*

*S: é essa que a gente tá passando agora.*

*T: sim, era duas quadras pra lá.*

*S: é essa que a gente vai atravessar.*

*T: aqui acho que é a feira só.*

*S: sim, mas tem uma ruazinha.*

*T: acho que aqui não passa carro.*

*S: não. Eu sei que tem uma farmácia por aqui que depois eu tenho que passar.*

*T: precisa ir?*

*S: sim.*

*(Alguém de fora indicou uma direção para nós.)*

*S: eu estava indo certo. Os caras às vezes confundem mais que ajudam.*

(Encontramos com a bengala os ferros que impedem os carros de entrarem nesta rua.)

T: aqui tem os ferros pros carros não subirem.

S: sim e serve como orientação no fim.

T: também é claro. Álvares de Carvalho é essa aqui à direita? Ou não ainda?

S: é, é aqui, que passa carro, então a gente só tem o espaço da calçada. Agora a gente tá indo pra chegar na (rua) Conselheiro Mafra. (Falou isso com ar de incerteza.) Eu acho que é por aqui que é a farmácia.

(Como eu estava perto da parede comentei.)

T: aqui não tem porta, se eu achar porta eu te aviso.

S: cheiro de farmácia!

T: parede, parede, parede, não tem porta aqui.

S: eu não sei se é por aqui ou na próxima.

(Ela encontrou uma porta e tentou descobrir se era a farmácia.)

S: farmácia? Deixa eu ver...

T: quer perguntar?

S: deixa eu ver. Tem uma escada. Não é farmácia.

(Atendente da loja se aproximou.)

X: olá, bom dia tudo bem?

S: aqui é?

Aqui é o que?

X: papelaria.

T: a, erramos.

S: erramos.

X: o que vocês queriam?

S: farmácia, tem uma por aqui não tem?

X: aqui em frente tem a farmácia do trabalhador.

S: tá bom, brigada. Eu tinha que fazer alguma coisa na papelaria, mas eu não lembro, mas tudo bem. Não é aqui, eu lembrei que não tinha escada.

T: lembrou onde é?

S: eu ia falar isso aqui tem cheiro de papel Tarso. Risos.

T: eu fui confiante no ar condicionado. Risos.

*S: mas tem mais pra cá. Agora a gente tá chegando na conselheiro Maфра. Deve ter uma por aqui. Ah, quer saber.*

*(Som da bengala encontrando algo de ferro.)*

*S: brigada lixeira.*

*T: aqui tem umas portas de vidro. Eu nunca fui nessa farmácia.*

*S: mas tem, tem uma por aqui que eu vinha direto.*

*Mas qualquer coisa tem uma ali perto do mercado público também.*

*T: eu tô ruim de cheiro hoje, não vou poder te ajudar. Como percebemos eu tô ruim de cheiro.*

*S: sim. Nossa tinha muita gente naquela papelaria. Oi! O que é aquilo ali?*

*(Nos direcionamos a uma loja.)*

*S: não, não é aqui.*

*(Atendente da loja.)*

*X: oi.*

*S: oi. Aqui é?*

*X: aqui é loja de pijamas.*

*S: tem uma farmácia aqui perto não tem?*

*X: é um pouco mais pra cima.*

*S: eu sabia que tinha.*

*X: é mais pra frente deixa eu ver, tem umas 5 ou 6 lojas antes.*

*S: tá bom, obrigada. É quase na esquina com a Jerônimo?*

*X: não, não faz esquina. Um pouquinho antes da Felipe Schmidt, não chega na esquina.*

*S: tá bom, obrigada. Bom, entramos em uma loja de pijama. É Tarso, isso que dá quando faz tempo que você não vem pra cá.*

*(Ela foi tentando contar as lojas.)*

*S: Três, tem uma fechada.*

*Escutamos uma loja com música alta.*

*S: aqui não é.*

*(Alguém dessa loja nos deu bom dia)*

*S: bom dia. Será que é aqui?*

*T: não sei. A porta é aqui.*

*S: será? Deixa eu ver. Não tem cara.*

*(Alguém da loja.)*

*X: bom dia.*

*S: bom dia. Não é aqui. a farmácia é aqui?*

*X: mais na frente um pouquinho.*

*S: tá bom, obrigada. Que droga! Tem uma porta aqui.*

*T: acho que não né, não parece, muito grande a porta.*

*S: aham. Será? Acho que não, acabei de tropeçar em uns negócios. Com licença.*

*T: risos. A gente pedindo licença pras mochilas penduradas.*

*S: risos. Tá bom hoje eu não tô bem. Risos. Quem nunca?*

*(Som de bengala encontrando algo.)*

*S: ah, péra aí, acho que agora vai. Não. Uma amiga minha pediu licença pro manequim. A mochila tava no alto, achei que era alguém de mochila.*

*T: uma vez eu chutei um cachorro e pedi desculpa. Não que ele não merecesse, mas ele não ia entender.*

*S: às vezes entende viu. Ai, Tarso eu vou primeiro lá...*

*(Som de bengala em porta de vidro.)*

*S: opa achei uma porta aqui, mas tá fechada.*

*T: aqui é uma janela só eu acho.*

*(Som de bengala em ferro.)*

*T: aqui é uma grade.*

*S: a gente tá quase chegando na esquina da rua.*

*(Som de moto reduzindo e acelerando.)*

*S: gente eu tenho certeza que tem.*

*Seguimos procurando a entrada da farmácia.*

*S: aqui já é a esquina, é vamos embora. Vamos prosseguir, passando pela Felipe Schmidt.*

*T: essa aqui não é a conselheiro Mafra?*

*S: não, foi antes.*

*T: a gente passou?*

*S: já. Aquela que eu falei primeiro.*

*T: a sim, a Conselheiro Mafra é bem pertinho.*

*S: isso.*

*Felipe Schmidt. Enfim agora foi, já passou da farmácia.*

*Som de rua movimentada.*

*T: a gente entrou em todas as lojas, menos na farmácia.*

*S: eu acho que é aquela depois que a gente passou das mochilas.*

*T: e aqui tua referência é sempre a parede?*

*S: a parede, ou tem piso guia aqui também. Aqui vai subir, subir, subir. Tem que tomar cuidado só com...*

*(Alguém de fora.)*

*X: pode subir reto.*

*S: cuidado com as lixeiras. É, eu tomo cuidado com a parede por que fica sempre um monte de pessoa aleatória. Outro lugar que tinha sinaleira sonora que tiraram era é naquela rua da Tenente ali também.*

*T: esses tempos tinham posto outro som ali.*

*S: mas um som que não ouve nada, com aquela música ali altíssima, ninguém ouve nada. Agora tem uma subida. Que daqui a pouco a gente vai chegar na esquina da biblioteca pública.*

*T: hmm, cheiro bom.*

*S: calzone?*

*T: acho que é Subway.*

*S: não tenho vontade de comer.*

*T: é que assim, o cheiro do Subway não é o gosto do Subway.*

*S: não, ele parece cheiro de calzone. Nunca mais tive vontade de comer no Subway.*

*T: eu vou muito pouco, e tenho uma amiga que é apaixonada. Ai, que calor.*

*S: podia fazer nublado igual ontem.*

*T: podia.*

*(Som de carros.)*

*S: chegamos.*

*T: aqui é qual?*

*S: aqui é a tenente Silveira, eu acho. Acredito que seja.*

*T: tu atravessa sozinha aqui?*

*S: ou sozinha ou com ajuda, se oferecerem ajuda eu evito negar. Eu aceito normalmente ajuda porque às vezes as pessoas deixam de ajudar outras pessoas por causa disso.*

*(Pessoa de fora.)*

*X: oi, vocês querem ajuda?*

*S: sim.*

*X: tão indo pra onde?*

*S: atravessar.*

*X: então vamos? Vamos esperar o sinal abrir. Só atravessar já tá bom?*

*S: sim.*

*X: podemos ir.*

*S: Obrigada. Eles tiraram o desnível da rua, deixaram plano, isso é horrível pra gente.*

*T: é horrível.*

*X: cuidado que tem um pequeno buraquinho. Aqui tá bom?*

*S: tá ótimo, Obrigada moço.*

*X: bom dia.*

*T: eu tô pisando em um piso guia aqui, é isso que tá procurando?*

*S: pode ser.*

*(Da para ouvir a bengala da S rastreando.)*

*S: mas acho que ele não tem em todo lugar.*

*T: já acabou.*

*S: é não vale apena. Aqui é uma calçada bem ampla, então dá pra gente. Deixa eu ver se eles tiraram o desnível da rua aqui. Não, aqui continua.*

*T: é só na esquina mesmo. Em Porto Alegre isso deu confusão por que fizeram em várias ruas no centro e daí os cegos reclamaram porque não adianta tirar o desnível e não botar um piso guia.*

*S: pelo menos um piso alerta pra indicar.*

*T: ajuda um e atrapalha outro.*

*S: se é pra ser universal tem que contemplar todos né. Como ali no TICEN, tiraram a sinaleira sonora, não tem piso guia direito, não tem desnível.*

*(Alguém de fora.)*

*X: um pouco pra lá.*

*S: é, a gente tem que desviar as pessoas não. Então a gente tá indo em direção à Vidal Ramos agora. Achei um piso alerta mais na beira.*

*T: ar-condicionado, top.*



*S: quando eu subia no verão, eu parava nos lugares com ar condicionado só pra ficar uns minutinhos tomando um ar.*

*(Tem um poste no piso guia. Depois outro poste. E a gente chegou na rua.)*

*S: Agora aqui não tem sinaleira se não estou enganada.*

*T: aqui os carros só vêm de cima né?*

*S: sim, só vem de lá.*

*(Uma mulher nos orientou.)*

*X: podem atravessar.*

*(Enquanto atravessávamos, um homem veio)*

*X: querem atravessar, podem vir que eu ajudo.*

*S: pode deixar, obrigada.*

*X: pega aqui no meu braço.*

*S: não, tá tranquilo, brigada.*

*X: aqui tá a calçada, ó.*

*S: agora aqui a gente tem que tomar cuidado que tem geralmente um poste, e tem que ir um pouquinho mais pra frente. Antes tinha um orelhão e um poste, era um desafio passar aqui e tinha também uma saída de ar de restaurante. Agora essa rua é um pouco mais estreita.*

*T: isso é a saída de ar?*

*S: é, esse cheiro mesmo que eu tô te falando que é a saída de ar do restaurante.*

*Cheiro de coisa queimada.*

*(Conversamos amenidades enquanto andávamos alguns metros.)*

*(Som de bengala encontrando alguma coisa.)*

*S: opa, tem uma lixeira aqui, vou pra cá.*

*(Falou indo para a direita.)*

*S: aqui não tem subida, mas tem bastante obstáculo. Eu geralmente me oriento mais pela beira. Opa, mas aqui não tem desnível, melhor se orientar pelo piso guia.*

*(Uma mulher fala.)*

*X: pro lado, mais pro lado. Quer atravessar?*

*S: sim.*

*X: então é pra cá, mais pra cá.*

*(Falou ela nos virando para a esquerda querendo atravessar na rua em que estávamos andando.)*

*S: não, a gente vai continuar em frente.*

*X: lá na frente? Risos.*

*S: eu achei que tava chegando na rua, mas não. Essa rua é um pouco longa entre uma rua e outra.*

*T: e tu fez muito esse caminho aqui quando trabalhava na xxxxx?*

*S: às vezes quando eu perdia o ônibus eu fazia, às vezes eu tava afim de caminhar daí eu fazia. Mas eu passava, eu atravessava a Rio Branco, que não tinha sinaleira sonora na época, daí eu contava realmente com ajuda, pois é uma avenida grande né e eu subia mais um pouquinho, pra chegar numa ruazinha pra depois chegar na outra rua que é paralela a Rio Branco que é a que eu trabalhava. Não é tão distante de onde a gente vai na verdade. Eu sempre parava nessa padaria, comprava uma coisinha, falia na padaria na verdade.*

*Percebi que desde o início de nossa caminhada estávamos em um ritmo bem lento então questioneei.*

*T: o teu ritmo de caminhada é esse?*

*S: não, eu tô andando mais devagar. Geralmente é assim.*

*(Ela falou acelerando bastante o ritmo.)*

*S: eu sempre andei muito rápido lá em casa. Minha mãe sempre andou muito rápido, então meu ritmo de caminhada foi sempre muito rápido. Eu tô andando devagar porque faz tempo que eu não faço esse caminho então eu tô indo com mais cautela por causa dos obstáculos que pode ter novo. Eu sei que essa rua por exemplo, tem algumas árvores e também por causa do desnível na rua que surgiram depois, então eu tô indo com mais cautela.*

*T: e andando junto normalmente é mais difícil andar rápido.*

*S: tem que ter um pouquinho de domínio do caminho. Se eu fizesse com mais frequência nos últimos meses eu andaria com mais rapidez. Mas eu detesto andar devagar.*

*T: eu também. Eu costumo andar bem rápido. Me bato mesmo, minha companheira fala: B, tu vai te bater. Eu sei que eu vou me bater eu já tô andando rápido sabendo.*

*S: mas sabe que eu gostei dessa bengala de roller?*

*T: tu consegue dar velocidade com ela?*

*S: Sim, consigo sim.*

*T: mesmo nesses pisos mais ruins?*

*S: quer que a gente volte ali só pra dar uma olhada?*

*T: não, não precisa.*

*S: na volta. Eu consigo e o legal é que detecta possa, ela faz um barulhinho.*

*T: mesmo com o piso ruim tu consegue dar velocidade?*

*S: sim porque eu não coloco peso nela, tiro todo o peso do roller, então ela fica leve.*

*Ela meio que só desliza no chão.*

*(Uma senhora de fora disse.)*

*X: vocês querem que eu ajude, porque tem alguma coisa ali na frente.*

*S: a gente aceita.*

*(Outra mulher diz)*

*X: eu atravessei pra ajudar por que eu vi, mas obrigada.*

*(A primeira senhora.)*

*X: pode segurar aqui.*

*S: agora a gente passou essa rua que eu não recordo o nome. Essa rua qual que é? É a Dib Mussi?*

*X: é a Dib Mussi.*

*S: a próxima é a Dom Jaime né?*

*X: não sei. Vocês querem que eu ajude?*

*S: tá tranquilo, brigadão. Agora eu vou desse lado aqui.*

*(Falou indo para o lado da parede. Seguiu andando e dá para ouvir um homem falando algo incompreensível.)*

*S: não moço, solta minha bengala!*

*T: aqui a gente tá chegando?*

*S: é, falta um pouco.*

*(Som de bengala encontrando algo de plástico ou vidro.)*

*S: pera aí, passa esse negócio, que eu não sei o que é.*

*(Uma senhora de fora fala)*

*X: aqui, aqui, eu ajudo.*

*(Ela percebeu que nós estávamos indo certo e disse que tudo bem.)*

*(Outras pessoas ficaram insistindo para nos ajudar.)*

*S: tudo bem, pode deixar, a gente tá indo.*

*T: a gente vai indo devagarzinho.*

*X: é mesmo?*

*S: sim, brigado. Aqui tem uma descida, Tarso, daí mais pra frente vai ter uma parede e é uma entrada aqui próximo.*

*(Procurando na parede)*

*S: uma entradinha, uma entradinha.*

*(Som de bengala encontrando porta de vidro.)*

*S: deixa eu ver. Será que colocaram vidro agora pra fechar? Acho que é aqui. É.*

*Risos de comemoração.*

*T: hmm que cheiro.*

*S: chegamos na padaria. Agora...*

*(Algum atendente falou)*

*X: espera um pouquinho que a moça vem ajudar vocês.*

*S: tá bom. Padaria xxxx né?*

*X: isso.*

*S: isso, daí passa aquela parede vai ter uma outra porta e daí essa vai ser uma pequeninha que vai tá aberta.*

*Chegou uma funcionária para nos ajudar, ela queria nos guiar por trás.*

*S: pode ir na frente por favor? Melhor você vir atrás, Tarso.*

*(Sentamos para desligar os equipamentos de gravação.)*

*S: olha se ficou bom, se não a gente grava na volta. A volta é mais chata.*

*T: é? Por quê?*

*S: por causa daquela parte quando chega no Camelô é ruim.*

*T: é verdade, fica sem referência.*

*S: daí o que eu faço, eu dou toda a volta.*

*(Na volta, nessa parte que ela achava confusa, eu assumi a frente por ser um lugar que andava bastante quando frequentava o centro. Mas, na rua próxima ao camelódromo, havia uma feira que normalmente ficava na praça da alfândega, que no período, estava em reforma. Então essa parte da volta foi bem conturbada, pois haviam muitas barracas no caminho que eu não era acostumado.)*

### APÊNDICE C – transcrição de caminhada – G

G participa de uma associação de surfe para pessoas com deficiência. Nos conhecemos lá. Dos participantes da pesquisa, é o que era menos próximo. Não havia pensado nele para realizar a caminhada, mas, quando o convidei, aceitou imediatamente e combinamos nos encontrar na mesma semana. Fizemos o caminho da praia da Barra da Lagoa, onde surfamos, até a entrada de seu condomínio, caminho que ele domina muito bem.

G mencionou que era baixa visão, mas, segundo ele próprio, só enxerga vultos e luz, o que segundo ele ajuda muito nos deslocamentos. Mas, como leremos nessa transcrição, ele muitas vezes se utiliza de referências visuais para falar de algo, mas também de referências táteis.

Após um dia de surf, nos organizamos e saímos do restaurante onde é a sede da associação. Preparamos os equipamentos de gravação e começamos a caminhada. O caminho realizado foi do restaurante Vereda Tropical no bairro Barra da Lagoa, até a entrada do prédio onde G mora, que fica no início do morro da Serrinha. Esse percurso foi efetuado de ônibus e a pé. Início, a seguir, a transcrição.

*T: consegue sair daqui ou precisa de ajuda?*

*G: eu consigo. Eu tenho baixa visão, então eu tenho algumas referências de luz e tal.*

*Não sei como é tua pesquisa né.*

*T: tranquilo.*

*G: eu enxergo 3%.*

*T: tu não consegue definir as coisas? Só enxerga vulto?*

*G: Não consigo, só enxergo vulto. Então... assim, algumas referências minhas são, por exemplo: eu consigo ter um pouco de noção da claridade e o barulho do mar está atrás, então eu sei que pra cá é a saída.*

*T: e tu te considera baixa visão ou cego?*

*G: baixa visão. Porque eu roubo ainda nessa claridade.*

*(Pessoas da associação se despedem da gente.)*

*T: mas é luz e vulto?*

*G: sim.*

*T: tu não consegue definir que é uma pessoa, se tiver parada pode ser um poste pode ser uma pessoa.*

G: tipo isso. Se eu chegar muito perto eu vou ver que a pessoa tem um tamanho que eu consigo ver que é diferente.

T: é que definição da minha pesquisa é assim: o que a pessoa se considera, se ela se considera cega, ou baixa visão. Mas na ciência médica tu é considerado cego, só luz e vulto é considerado cego. Mas tu considera que faz diferença pra ti andar na rua essa luz e esse vulto que tu vê?

G: querendo ou não, se eu fechar o olho eu vou ter mais dificuldade de locomoção. Porque, por exemplo, tem uma árvore aqui perto da gente aí eu consigo ter noção...

Viu que tá mais fresco agora?

(Ele falou quando chegamos na sombra da árvore. Importante perceber que antes ele comentou do som do mar e agora do frescor da sombra.)

G: a sombra que ela faz aqui. Eu pego essas referências de luz assim.

T: mas pelo que eu tô percebendo é relacionado assim, porque tu falou tá mais fresco.

G: sim, sim. Por que foi assim que o professor Igor me ensinou também, de escutar barulho... se tá calor, frio, vento...

T: é o professor Igor lá da ACIC?

G: isso, então ele foi me ensinando na mobilidade essas coisas.

Na saída do pátio do restaurante tem uma rua chegando lá dá para ouvir o som de uma moto.

T: parou pra nós eu acho.

G: sim. Parece mais um barco essa moto.

T: risos.

T: esse caminho da associação como foi que tu aprendeu?

G: quem foi que me ensinou? Em tom de pensamento. Acho que foi o Adriano da Mari. Ele é b3, ele enxerga um pouco mais.

(B3 classificação esportiva para alguns esportes praticados por cegos e deficientes visuais, onde b1 não enxerga nada e o b3 é o que mais enxerga.)

G: eu vim. (na gravação não dá para ouvir o carro ligado e nem o contato da bengala com a lataria.)

G: tem um carro na nossa frente.

X pode ir.

G: valeu. Eu acho que ele tá na contramão.

*T: então foi o Adriano que te ensinou o caminho?*

*G: as duas vezes que eu vim, eu vim errado. Errado não, eu vim pela praia. Cheguei lá pedindo ajuda. Na terceira vez, eu vim com ele e daí ele me ensinou o caminho. Eu odeio andar na calçada aqui, eu não sei como você faz. Essa calçada é muito ruim. Nesse caminho, todos os cegos que eu já acompanhei andam pela rua.*

*G: eu prefiro andar aqui no chão, perto do meio fio, e eu uso o meio fio como minha referência.*

*T: eu também. A maioria dos lugares de Florianópolis eu prefiro andar na rua.*

*G: aqui só tem um problema, pois tem uns buracos aqui perto de uns bueiros. Mas eu prefiro correr o risco do bueiro do que andar na calçada.*

*T: a calçada tem muito mais risco e a gente anda bem mais devagar.*

*G: botam umas placas, tem uns postes. Sei lá, acho que tem muito mais obstáculo na calçada, como ela é pequena, tem calçada que é mais larga que você tem espaço, aqui eu não gosto da calçada nessa rua.*

*T: sem contar que daí anda bem mais devagar, porque fica mais inseguro.*

*G: exatamente, eu tentei andar na calçada aqui, mas não gostei. Aí como tem um fluxo menor de carro aqui eu prefiro ficar na rua.*

*T: eu também.*

*G: mas daí eu uso sempre o meio fio como meu guia, que daí eu não fico muito no meio da rua. Ó é esse buraco aí ó. (Falou ele encontrando o buraco com a bengala.)*

*T: é pega ratão.*

*G: ainda vou decorar ele certinho.*

*T: se fosse todo dia que tu viesse já tinha decorado, como é uma vez por semana demora mais.*

*G: e às vezes por algum motivo tua bengala não passa, às vezes não acerta ele e aí esquece. Eu sei que ele existe, mas ainda não decorei direito onde ele tá.*

*T: tu usa bengala de roller ou normal?*

*G: normal.*

*T: o professor Igor é uma referência pra galera daqui, né? Pelo que eu sei ele ensinou muita gente.*

*G: é, quando eu entrei na ACIC ele era já o professor de mobilidade efetivo e aí tem mais dois normalmente só que eles são substitutos. Então, por exemplo: os dois do ano*

*passado não pegaram vaga esse ano, daí muda. Então o que ele faz, ele bota os dois novatos dentro da ACIC... (Um carro ligou próximo da gente o que assustou ele.)*

*G: opa! Então ele passa pros novatos como dar aula ali dentro, normalmente a pessoa não tem nenhuma experiência com mobilidade faz só educação física, às vezes alguma especialidade em educação especial e acaba entrando ali e vai dar aula de mobilidade.*

*T: e tu ainda faz aula de mobilidade?*

*(Alguma coisa fez ele ficar mais atento).*

*G: cara tem um caminhão aqui. Tá vendo esse negócio da claridade. Eu vi um negócio estranho na minha frente é um caminhão gigante.*

*T: eu ouvi que o som abafou.*

*G: estamos quase chegando.*

*(Som de bengala encontrando alguma coisa.)*

*G: cuidado aí. Aqui de vez em quando tem umas placas. O ponto de ônibus fica em frente a uma padaria.*

*T: aqui à direita já é o ponto né?*

*G: cadê? (Disse ele procurando a placa de referência.) Uma senhora de fora veio nos ajudar.*

*X: cuidado meu amor, cuidado tem um poste aqui!*

*G: é o poste que eu quero mesmo.*

*X: é o ponto de ônibus?*

*G: isso. Obrigado.*

*X: qual é o ônibus que você quer, o grande ou o pequeno?*

*G: ônibus?*

*X: o amarelinho?*

*G: não o normal.*

*X: a, o azul.*

*G: isso.*

*X: não passou ainda, mas já vai passar.*

*G: Obrigado.*

*T: pois é, é ruim isso de mudar os professores.*

*G: então, daí tem essa dificuldade.*

*T: ó, vai um cego lá eu acho.*

*G: é, tem uma bengala batendo.*



*Mas quando eu fui pra rua foi o Igor que me ajudou, ele foi muito bom. Tanto é, que eu fui fazer uma pesquisa e poucas escolas dão aula de mobilidade externa. A maioria dá uma técnica dentro da instituição, às vezes um pouquinho no quarteirão da instituição e a ACIC anda na rua, daí você se vira pra andar na rua onde você quer.*

*T: nossa! Não sabia.*

*G: o Igor tem um cuidado de te levar nos terminais, no centro se você precisar, na sua casa. Então ele mais ou menos toma esse cuidado de fazer o caminho que você normalmente vai usar.*

*T: é isso é bem importante...*

*G: por exemplo: me mudei, não estou conseguindo encontrar referências e tal. Daí ele fala se você precisar eu marco uma aula especial e vou lá, te encontro lá e tento junto com você identificar essas referências.*

*T: que legal.*

*G: então acaba que ele dá uma assistência nesse aprendizado de aula externa. Por exemplo, eu fazia o caminho e conversava muito com ele. Às vezes encontrava ele no corredor e dizia, oh professor lá na minha casa - pois desde que eu entrei na ACIC eu me mudei duas vezes. Daí professor, meu caminho é esse, esse e esse... será que eu posso usar isso como referência? Daí comecei a conversar com ele porque eu tinha muito pouco conhecimento sobre mobilidade. Daí ele falou, isso aqui é legal, isso aqui não é. Então eu passava pra ele o que eu ia sentindo na rua. Ele dizia é mais seguro fazer isso. Ele sempre usa uma frase que é muito legal que é: tem que ser prático, não, eficiente, não lembro bem qual é a palavra. Mas tipo, na lei tem um monte de regra, o piso guia tem que ser assim, a calçada assim. Na verdade ele fala assim, tem que funcionar, tem que ser eficiente tem que te ajudar.*

*T: e na verdade é isso mesmo o que faz diferença.*

*G: tem um lugar que pra mim é muito ruim, pois quando eu vou pra minha casa tem um ônibus que para em frente à minha casa que é o ônibus serrinha, ou eu posso pegar um ônibus e descer ali na pracinha da Trindade. E na frente do hotel Slaviero eles cortaram a calçada pra fazer um piso guia mas não botaram o piso guia.*

*T: ah, só ficou o buraco.*

*G: só o buraco. Então é horrível. O que eu faço? Eu prefiro pegar pertinho do meio fio ficar batendo a bengala no meio fio e às vezes passar entre o meio fio e o poste que é quase nada porque é, eu acho, mais seguro do que eu ficar tropeçando e torcer o tornozelo. E*

*não tem uma referência de muro do lado esquerdo. É um barranquinho, se você vacilar você cai no barranco. Então ali é mais seguro você ficar perto da pista. Eu até tenho que conversar com o Henrique, porque o Henrique tem um contato do cara da prefeitura pra eu pedir pra minha esposa tirar umas fotos ali pra eu mandar pro Henrique pra ver se a prefeitura toma uma providência.*

*T: é, porque é um absurdo.*

*G: é, se eu for em qualquer lugar eu passo por ali.*

*T: onde na serrinha que tu mora? Bem no começo, ou sobe muito?*

*G: logo no começo, é o primeiro ponto. Subiu parou.*

*Colado no SLAVIERO hotel. Ali considera Trindade ainda, serrinha é um pouco mais pra frente. Tanto que meu prédio é no Jardim Trindade. Mas, por exemplo, pra vir pra cá é bem tranquilo, porque esse pequeno caminho aqui, e quando eu chego em casa praticamente eu só atravesso uma rua.*

*T: daí é uma barbadinha.*

*G: sim, mais tranquilo. Dentro do ônibus os motoristas ajudam bastante.*

*T: é aqui em Floripa os motoristas ajudam muito, às vezes eles se oferecem pra atravessar a rua. São muito gente boa.*

*G: aqui antigamente tava parando o ônibus muito mais pra frente, perto da padaria mesmo. Aí pra atravessar era bem ruim porque dava uma confusão às vezes você não sabia pra que lado ir, me perdi muito aqui.*

*T: é fica sem saber pra onde ir...*

*G: um dia até entrei na rua errada, daí falei, pô, essa rua tá estranha. Daí eu voltei e vi que tinha entrado na rua errada. Mas agora eles estão parando antes da padaria daí você atravessa e sai aqui onde a gente tá. (Falou isso batendo a bengala no chão.)*

*T: na frente do ponto, aqui tá melhor.*

*G: isso, aqui tá melhor.*

*T: aconteceu comigo isso também, de ir de um lado pro outro, até encontrar a rua demora...*

*G: é, então foi melhor ele parar um pouco antes da padaria mesmo.*

*T: que é onde eu acho que é o ponto mesmo.*

*G: exatamente. Porque ali eu não sei direito, mas parece que tem rua pra tudo quanto é lado. É um trevo doido que tem.*

*T: eu acho que tem uma rua um pouco ali pra trás.*

*G: acho que tem uma rua que vai pra direita, que é onde o carro vai, uma que o carro volta, tem a rua que a gente quer entrar. É muita confusão. Então parar um pouco antes é melhor. Então você só atravessa reto, tem aqui o piso guia certinho e vai embora. Daí é de boa.*

*T: pois é, eu morava no Rio Vermelho, morei dois anos lá, era mais perto, chegava em vinte minutos. Daí eu descia lá perto da associação, pois tem um ônibus que vem do Rio Vermelho e vai pra Lagoa que para lá perto. Daí quando eu me mudei eu demorei um pouco pra pegar esse caminho aqui. (Som de motor.)*

*G: opa, acho que é o nosso ônibus. (O motorista deu bom dia e falou...)*

*X: tá tudo liberado aí na frente. (Falou se referindo aos bancos da parte da frente do ônibus.)*

*X: esquerda, esquerda.*

*G: tem dois aqui atrás?*

*X: tem.*

*G: vem cá Tarso.*

*(O cobrador fala)*

*X: pode sentar.*

*T: daí eu demorei um pouco pra pegar a manha desse caminho novo, porque ele tem essa malandragem da padaria.*

*G: quando eu fui a primeira vez, primeiro me falaram pra descer na padaria, eu descia ali. Só que eu não sabia pra onde eu tinha que ir, daí eu falei que queria ir na praia, no veredas. Daí o cara falou pega a praia aí, mandou eu ir reto, eu fui reto, daí cai lá na praia, pedi ajuda. Pra chegar foi uma luta.*

*Daí a segunda vez eu falei pro motorista e ele disse desce no ponto final. Daí peguei a praia de novo. Daí pensei pó tá f. Mas encontrei com o Adriano na ACIC, daí ele falou que eu tinha que descer na padaria mesmo. Mas daí tem que entrar na rua assim assado. Daí eu perguntei que hora você vai? Daí eu combinei de pegar uma carona com ele pra aprender esse caminho. (Carona aqui se refere a ir junto, não de carro.)*

*T: nas primeiras vezes eu também ia até a praia e saía a procurar.*

*G: mas na quarta vez que eu fui, daí eu fui sozinho parei na padaria ali, comecei a andar, daí pensei, será que eu tô certo? Daí anda, anda, anda, caraca, será que eu tô certo? Daí eu pensei, acho que eu não tô certo não, eu não estava lembrado daquele barulho que tem no mercadinho. Não sei que é aquilo ali se é o ar condicionado.*

*T: eu acho que é frizer do mercadinho.*

*G: daí eu pensei, esse barulho eu não tô lembrado será que eu tô certo? Até quando eu cheguei naquele trevo da entrada e pensei, acho que é aqui mesmo. Daí eu meti a bengala no muro ali até eu achar a entradinha de areia.*

*T: muito tempo eu não tinha a manha daquela entrada, e a minha referência era é que bem na frente forma uma poça de água gigante eu tinha que meter o pé na poça pra saber onde era a entrada. Risos.*

*G: como que eu peguei? Quando a gente voltou voltamos pelo lado direito, mas quando eu vinha era pelo lado esquerdo só que ela não bate certinho então quando eu chego perto do barulho eu atravesso a rua pro outro lado daí eu saio em frente da saída. Essa que é a manha que eu vi. Eu escutei o barulho daí eu já atravesso pro lado direito e daí eu vou sair reto se não eu bato no poste ali.*

*T: eu faço isso, mas hoje de manhã eu me perdi. Hoje eu cheguei ali não achei a entrada, daí dei uma andadinha pra frente assim daí encontrei um cara e perguntei se ali era o Veredas? Daí ele falou que eu tinha passado uns metros.*

*G: então essa é a manha que eu uso, quando escutar aquele barulho vai pro outro lado daí saio mais certo ali.*

*(Conversas sobre surfe e sono, sobre a política da ACIC)*

*Ele havia sido convidado para assumir um cargo na associação e comentou que a ACIC lhe ajudou muito então ele tinha que ajudar, pois isso, segundo ele, fazia parte da reabilitação.*

*Ele me contou que luta jiu-jítsu na ACIC e foi participar de um evento e lá no evento questionou se alguém iria passar no terminal da Trindade, para dar carona pra ele. Quem deu carona para ele foi o presidente da associação de para jiu-jítsu.*

*G: tem alguém indo para o TITRI?*

*Daí ele falou que tava indo pro continente, então eu pedi carona. Ele falou que me daria a carona se eu falasse o caminho, então eu disse eu falo. Ele disse tá de sacanagem? Eu falei, eu falo, eu consigo perceber, eu vou de ônibus todo dia pra minha casa, pelo balanço. Eu não vou saber exatamente onde tá, mas quando eu chegar na minha referência eu consigo te orientar. Eu vou te falar mais ou menos o que eu sei, e você vai ver. Daí ele falou: então beleza, então eu te levo até em casa. Daí foi maneiro pra caramba.*

*T: ele é amputado?*

G: *sim, ele não tem o antebraço. Ele fez o primeiro campeonato exclusivo de parajiu-jítisu do Brasil. Foi aqui em Florianópolis lá no hotel em Canasvieiras.*

*(Falamos um pouco das lutas que ele participou no campeonato.)*

T: *tu é peso pesado?*

G: *não, porque categoria é por deficiência, não importa a faixa e o peso. Ainda, pois tem muito pouco para atleta. Se no futuro tiver mais, talvez mude. Eu era faixa branca, ele faixa azul. Ele ganhou de um faixa preta na final. O faixa preta era raquítico, mas era faixa preta. Pô ele pegou o cara cantando né! Ele deu um abraço de urso no cara jogou o cara no chão, subiu em cima e ficou pesando, até acabar a luta. O cara era muito forte.*

T: *é baixa visão e cego, ou só cego?*

G: *não, b1, b2 e b3.*

T: *daí é separado?*

G: *sim, até pela minha pouca baixa visão eu caio no b1, como cego.*

T: *tinha uma galerinha do Brasil todo?*

G: *tinha, estava lotado de cego da nossa classe, eles juntaram b2 e b3, ficaram duas categorias, daí tinham oito de cada categoria.*

*(Falamos um pouco sobre a paixão pelo surf, e onde eu trabalho. Ele questionou onde eu morava.)*

T: *eu moro no saco dos limões.*

G: *tem um ônibus, eu acho que é o 191 que passa na minha casa e passa lá no saco dos limões.*

T: *isso, é como se fosse as costas da Serrinha. Sabe o ônibus Carvoeira, quando ele vai pro centro, ele sobe a Carvoeira? Sabe quando ele dobra a direita? Ali é o Saco dos Limões.*

G: *pode crer. Então se você pegar esse, Volta ao Morro via Carvoeira, ele passa na sua casa?*

T: *passa. O transcaeira também.*

G: *Como você quer fazer o caminho ali agora?*

T: *eu vou contigo até tua casa, daí de lá qualquer coisa eu pego um Uber que vai dar 5 pila.*

G: *então, é que a gente tem algumas opções, essa opção de frente pra minha casa talvez não fique tão interessante pro teu trabalho. É que assim, se eu descer na frente da*

*minha casa talvez não fique tão interessante, a gente possa talvez descer e andar um pouco mais.*

*T: mas daí não vai ser ruim pra ti?*

*G: não, por que daí a gente consegue pegar um dos movimentos que eu faço, se eu pegar o Córrego Grande eu desço na pracinha, que é o caminho que eu conheço que eu ando. Às vezes eu não quero pegar o Serrinha e então eu ando até lá.*

*T: o Serrinha tem pouco horário né?*

*G: tem pouco horário vem muito lotado, uma gurizada.*

*T: sim o Serrinha é f, tem uma escola ali no começo da Serrinha que eu do aula e eu pego o ônibus, e ele é muito cheio. Pra gente descer tem que descer um monte de gente pra eu conseguir descer.*

*G: é meio bizarro.*

*O cobrador questionou se iríamos para o terminal.*

*G: sim, terminal. E logo ali tem um ponto que dá pra pegar o Volta ao Morro via Carvoeira, que ele passa toda hora.*

*T: passa bastante mesmo.*

*G: quando eu vou para o centro eu pego esse. Quando eu desço ali eu ando um pouquinho e já estou na frente do mercado Manratam que é onde fica o ponto.*

*T: onde é o Desembargador?*

*G: sim.*

*T: tu mora bem pertinho da esquina ali então?*

*G: sim, o ônibus sobe já é o ponto. Minha esposa estuda na UFSC e o prédio dela é logo ali, daí para ela é melhor porque vai andando. Às vezes ela sai mais tarde no horário de pico e tá um trânsito danado ali. Dá um nó ali perto da UFSC. Seja pro Córrego, seja pra Trindade, tudo trava, é mais rápido você ir andando.*

*T: vocês têm carro?*

*G: a gente até pensou, mas eu disse não. Eu ando de graça pra tudo que é lado e ela mora pertinho da UFSC. Daí quando precisa sair pega um Uber e tá de boa.*

*T: a gente tem a mesma ideia.*

*G: eu fui botar na ponta do lápis.*

*T: a gente paga mais caro onde mora, mas mora mais perto do trabalho, pra não ter carro.*

*G: ela dá aula também?*

*T: sim. Ela também é professora de Geografia.*

*G: tu conheceu ela na faculdade?*

*T: eu conheci ela no movimento estudantil da Geografia.*

*Conversamos um pouco do porque eu vim morar em Florianópolis e do quanto gostamos da cidade.*

*G: o que eu gostei muito foi que os motoristas ajudam muito, tem muito respeito da galera, o que é bem bom. Não tive praticamente nenhum problema sempre me respeitaram muito. Então isso aí não tem treta. Eu sei que lá na minha terra natal, Vitória ES, neguinho não tá nem aí pra você.*

*Cara aconteceu uma parada comigo no Rio Vermelho bizarra. Eu fui treinar jiu-jítsu na casa do professor Fernando, que é lá, daí na hora que tava voltando tava chovendo e ele foi e me deixou no ponto de ônibus e foi trabalhar. Daí ele perguntou se tava de boa eu falei que tava. Eu tô lá no ponto de ônibus e escutei o barulho do ônibus e pensei, esse ônibus vai parar, eu tô de bengala aqui.*

*(O motorista avisou que chegamos no terminal da lagoa, pois não havíamos percebido.)*

*Descemos do ônibus.*

*G: agora aqui acho que a gente tem que ir pro outro lado, pra pegar pra Trindade.*

*(Atravessamos o terminal e fomos para direita.)*

*G: acho que é por aqui o negócio. Arrastando a bengala no chão ele procura o pilar que determina o ponto de ônibus.*

*G: aí eu tava no Rio Vermelho e ele me largou no ponto, aí eu ouvi o barulho do ônibus.*

*(Uma mulher nos perguntou.)*

*X: posso ajudar?*

*G: aqui é pro terminal da trindade?*

*X: é, é aqui mesmo, ele ainda não chegou, daqui a pouco ele chega.*

*G: tá bom, brigado... (continuando a história) Aí eu ouvi o barulho do ônibus e daqui a pouco fez assim, vuum, passou. Falei, perdi beleza, ou esperar o próximo. Daí há pouco vem um cara, pô desculpa! Eu sou o motorista, passei direto. O que aconteceu é que vieram dois ônibus ao mesmo tempo, um de cada lado daí ele buzinou pra cumprimentar o outro motorista.. quando ele voltou a olhar pro outro lado ele me viu mas já tava acelerando.*

*Daí ele parou lá na frente, desceu do ônibus, foi lá, me buscou e tinha umas poças que tinha chovido, me desviou das poças e me colocou dentro do ônibus.*

*Daí rodou pra caramba lá no Rio Vermelho até chegar em Canasvieiras e quando chegou em Canasvieiras ele pediu mil desculpas. Daí eu falei pra ele que tava de boa, pois ele tinha ido me buscar.*

*Daí ele perguntou tu quer ir pra onde? Daí eu falei que queria ir pra Trindade, daí ele me colocou no ônibus da Trindade pediu desculpa de novo. Pô veio! Foi bizarro! Se fosse em Vitória, se f., cego, fica aí.*

*(O ônibus chegou.)*

*G: esse é o pra Trindade?*

*(O motorista respondeu que sim e entramos. Conversamos um pouco com o motorista que era meu conhecido.)*

*T: é, aqui rola essas ajudas dos motoristas.*

*Eu morava no Rio Vermelho e chegava muito tarde em casa, daí o motorista sempre parava, o cobrador me ajudava a atravessar, era ótimo pois aquela rua é perigosa. Faz toda diferença essa atenção com o cara.*

*Em uma das casas que eu morei no Ribeirão a casa era bem na beira da geral e depois que os motoristas aprenderam onde eu morava, eles me largavam na porta de casa.*

*G: no Ribeirão da Ilha?*

*T: sim, é um bairro encantador. Ali é. Se eu trabalhasse no lado de lá eu moraria lá, é muito bom!*

*G: no meu aniversário eu vou ver se passo lá. Eu fui lá ano passado na encenação da paixão de Cristo e achei sensacional. Lá na igreja da Lapa. Já fui dois anos seguidos, eu cheguei aqui em janeiro de 2018 aí eu nunca tinha ido nessa parada e passou na televisão e minha esposa ficou empolgada. A gente não sabia nem como chegar, daí pegamos um Uber e achamos muito maneiro. Em 2019 fomos de novo, e esse ano ela falou a gente vai lá né? Daí fui ver quando era semana Santa e era no dia do meu aniversário. Daí vamos ver se almoçamos lá.*

*G: eu fui lá no final com um amigo meu, naquela Trilha dos Naufragados.*

*T: quando eu morava nessa casa na beira da rua era bem pertinho da igreja.*

*(Falamos um pouco sobre a dificuldade de ônibus nos finais de semana em Florianópolis.)*

*G: seu mestrado é em que?*



*T: eu estudo como que as paisagens urbanas influenciam no jeito que as pessoas cegas andam na rua.*

*Daí por exemplo, através da percepção o que tu me falou que escuta o mar atrás e o claro na frente e serve como referências. Como o som do ar condicionado que serve pra ti atravessar a rua.*

*G: se um dia não estiver funcionando f! (Risos.)*

*T: são as referências que a cidade nos dá que nos permitem andar na rua.*

*G: é que aquilo ali sempre funciona, a princípio, quero ver quando faltar luz.*

*T: lá na minha rua eu ando bem pelo meio. Tem a calçada que é horrível, daí no cantinho a galera estaciona um monte de carro, então tem que ir mais pelo meio da rua que na calçada.*

*G: e não tem referência no meio, é muito ruim.*

*T: a referência que eu uso é a inclinação mesmo. Que normalmente no meio da rua é mais alto. Daí a galera lá já me conhece.*

*G: quer ver uma coisa, igual? Hoje de manhã fui pegar um ônibus ali, não tem um ponto de ônibus físico. Então eu nem sei onde é o ponto, eu sei que é mais ou menos onde eu paro e aí você para ali e a galera acha que você tá querendo atravessar. Daí as pessoas vão passando e oferecendo ajuda pra atravessar, e eu digo que quero pegar um ônibus. Se tivesse um ponto físico talvez a pessoa entendia, mas como não tem, hoje de manhã eu falei com umas quatro pessoas que não queria atravessar. Mas que bom, pelo menos elas queriam ajudar. Talvez um dia que eu precisar atravessar não vai ter ninguém.*

*T: pior dia pra mim é dia de chuva, parece que as pessoas não olham pro lado.*

*G: dia de chuva eu uso uma bota que eu tenho por que daí pode pisar em poças que não tem problema.*

*T: sim eu tenho uma bota também.*

*G: minha esposa já sabe, quando ela vê que tá chovendo, que assim, lá em casa de forma natural foram sendo divididas as tarefas. Por exemplo, quando a gente acorda, eu vou pra cozinha fazer café e minha esposa fica responsável com a parte da roupa, separar roupa, passar roupa. Que por mim eu não passo porra nenhuma, ela quer passar, então você passa, você escolhe a roupa que eu vou. Daí ela já sabe, quando tá chovendo ela separa o coturno logo.*

*T: a minha companheira também, ela gosta de dobrar roupa, quando eu morava com amigos eu não dobrava. Só tinha um cesto de roupa suja e outro de roupa limpa.*

G: eu prefiro pendurar tudo no cabide que daí é mais fácil pra eu achar, se não eu bagunço tudo. Só deixo dobrado bermuda e tal. Mas blusa é f. pra achar dobrado, se não você não acha as referências que você quer, tipo uma estampa, uma coisa de passar a mão ali. Daí no cabide você consegue não bagunçar e passa a mão e encontra a blusa que você quer.

T: tu quem cozinha mais ou ela?

G: só eu cozinho. Só peço algumas ajudas, tipo quando vou botar alguma coisa no forno pra ver ponto, daí eu prefiro pedir.

A padaria eu não gosto muito dos pães, daí eu faço mais pão caseiro, eu marco o tempo, mas peço pra ela olhar se tá dourado ou se não, daí eu só asso se ela tá em casa.

Falamos um pouco sobre fazer pães em casa. Ele comentou que aprendeu em vídeos no Youtube.

G: eu fui fazer atividade da vida autônoma na ACIC e não aprendi nada. Daí como eu cozinhava antes de ser deficiente eu comecei a adaptar, comprei uns medidor então no medidor eu não erro, boto as medidas lá, um kg de trigo.

(Seguimos falando sobre pão e outras comidas.)

G: daí comecei a fazer um peito de frango cortadinho, que eu prefiro cortar cru, do que cortar no prato que fica mais fácil. Lá na ACIC eles colocam um bife gigante pro cego cortar, isso não existe, eu vou brigar por isso lá. Daí voa arroz pra tudo que é lado.

T: eu aprendi com um amigo cego a cortar carne, e eu uso a mão, eu não uso garfo. Perdi a vergonha, pois com o garfo eu não conseguia.

(Seguimos trocando receita de comida.)

Chegamos no TITRI e descemos do ônibus.

G: paramos aonde agora?

(Um homem nos perguntou.)

X: vão pra onde?

G: vamos pegar o Serrinha ou Córrego Grande.

X: tá, tem que voltar.

(Ele nos ajudou a ir até o ponto.)

X: estamos chegando na plaquinha do Córrego Grande.

X: só aguardar.

G: valeu!

*X: não é esse que tá parado aí não.*

*G: não é né.*

*(Falamos algumas amenidades e G ouviu uma outra pessoa cega com a bengala andando e conversando.)*

*G: seu César?*

*X: não, Claudionor.*

*G: Claudionor, é o Gregori. Tu tá com a voz do seu César.*

*X: parecido com ele né? Quem é que tá aqui contigo.*

*(Eu não havia falado nada ainda.)*

*G: é o Tarso.*

*X: prazer, Claudionor.*

*G: Claudionor é nosso diretor lá na ACIC.*

*X: eu tô na correria do carnaval.*

*G: eu acabei de sair do surf.*

*Conversamos um pouco sobre o carnaval que a ACIC estava organizando na época.*

*G: tu chegou a frequentar a ACIC?*

*T: não.*

*X: perdeu.*

*G: é que ele já veio alimentado de Porto Alegre.*

*(Falamos mais do carnaval.)*

*X: o (clube) Mauro Ramos é pra lá?*

*T: sim vai pra frente.*

*G: vai pra frente e atravessa pra direita que é do outro lado.*

*X: ah, do outro lado?*

*G: é a gente tá do lado do Saco Grande, entendeu? Vai pra frente e vira pra direita que vai dar tudo certo.*

*(Nos despedimos.)*

*(Ouvimos um ônibus chegando.)*

*T: será que é o nosso?*

*G: dá uma ré aí motorista.*

*T: acho que não.*

*G: dependendo o ônibus que for esse pode servir pra nós.*

*T: é, quer ir lá olhar?*

*(Nos direcionamos a entrada do ônibus.)*

*G: porque às vezes é um Saco Grande via HU.*

*T: mas não demora muito?*

*G: ele vai direto pra lá. Ele demora pra chegar no Saco Grande, mas ali em casa é perto.*

*(Chegamos na entrada do ônibus.)*

*G: que ônibus é esse amigo?*

*X: Saco Grande via HU.*

*G: Esse aí mesmo.*

*(Motorista perguntou.)*

*X: vão ficar onde?*

*G: vou ficar na pracinha, não esse aqui dá pra parar no mercado Manhattan?*

*X: dá. Vai ficar lá? Vocês dois?*

*G: isso.*

*Entramos e nos acomodamos no ônibus. Conversamos sobre surf.*

*G: ó, esse ônibus a gente pegou, ele veio pela Beira Mar ali e ele entra aqui no meio da Trindade tá ligado? Eu não manjo direito o que é aqui, mas é no meio da Trindade.*

*Seguimos conversando sobre surf.*

*G: esse ônibus, a gente vai ficar em frente ao Manhattan, que é onde tu vai pegar teu ônibus também. Mas pra fazer parte do teu trabalho a gente vai ali em cima qualquer coisa e desce, só pra ver as referências.*

*T: tranquilo, é pertinho.*

*G: é bom que dá pra saber as referências que eu tenho aqui de saltar. Dá pra trocar ideia em relação a isso.*

*T: normalmente tu não pede ajuda?*

*G: é eu consigo. Eu sempre comunico o motorista, pra se eu vacilar aqui ele sabe onde é. Mas eu sempre tento perceber sozinho. Tem uma parada que eu percebo muito, quer ver aqui a pracinha? O ponto da pracinha tem um recuo, normalmente os ônibus param na pracinha então ele dá uma entrada assim. Ó, quer ver? Vamos ver se a gente consegue perceber. Putz, não parou no ponto da pracinha, mas vamos ver se a gente percebe quando entrar na rotatória, tá ligado? Esse ônibus vai lá dentro da UFSC e volta.*

*T: verdade, ali na biblioteca né?*

*G: isso.*

*T: é nessa pracinha que tu desce?*

*G: sim, aquela que passou. Dá para descer ali e ir andando. Também é tranquilo, pois, eu já peguei as referências ali também, mas é uma andadinha. No caso, quando eu vou andando, eu não faço esse caminho que o ônibus tá fazendo agora né, esse caminho é por dentro.*

*T: sim, vai por fora né?*

*G: isso! Desce na frente da igreja católica que tem ali. Eu desço na pracinha quando eu pego o Córrego Grande. Esse aqui eu sempre desço no Manhattan e o Serrinha eu subo.*

*T: o Córrego Grande não vale muito apena pra ti então?*

*G: é o que eu ando mais, mas é o que tem mais horário. Às vezes minha esposa sai aqui da UFSC a gente se encontra ali, a gente vai pra almoçar e tal.*

*(Falamos um pouco sobre o emprego da esposa dele.)*

*G: aí, ó, agora tá embicando pro nosso destino.*

*(Nesse momento o ônibus entra para a esquerda na rua em que descemos.)*

*G: eu percebo um quebra mola aqui e logo depois tem um ponto e o próximo é o nosso. São as referências que o Igor me ensinou que não mudam, aquela referência que eu escuto do barulho pode um dia não estar mais lá, agora o quebra mola não, sempre vai ficar.*

*Dá para ouvir na gravação o ônibus reduzindo e o som das molas no quebra mola logo depois que ele falou.*

*G: ó, passou, e se ele não parou aqui no ponto, o próximo é o nosso.*

*Dá para ouvir na gravação o motorista avisando que é o próximo ponto. Logo após a fala de Gregori.*

*T: essas referências são boas né? Pois realmente é difícil mudar um quebra mola.*

*G: mudar um quebra mola, uma rotatória...*

*(Descemos do ônibus.)*

*G: segura aí. Daí desceu, tem que voltar um pouquinho. Aqui eu acho a referência do meio fio, pois nessa parte não tem piso guia. Tem um lixo no meio do caminho aqui.*

*(Em cima da calçada havia sacos de lixo.)*

*T: aqui então tu prefere o meio fio?*

*G: sim, porque aqui tem o mercado daí fica carro parado e eu fico com medo de dar uma pancada no carro. O barulho dos carros na rua também me ajudam na referência de*

*onde estamos. Tem um postezinho. Logo aqui na frente vai ter um piso guia, depois que passar o mercado, a gente tá na frente dele aqui, agora não tem muita referência.*

*T: é nesse mercado que tu vem?*

*G: eu venho comprar algumas coisas aí, mas é mais caro.*

*Batemos em um carro.*

*G: tem um fdp de um carro aí estacionado. Tá bem no meio da calçada e a gente foi pro meio da rua.*

*(Batemos em algo com a bengala.)*

*G: acho tinha um cone ali não é?*

*(Som de bengala em poste.)*

*G: poste aqui e tem piso guia agora.*

*T: é confiável esse piso?*

*G: sim, é bem confiável.*

*G: vamos em cima dele pra gente poder ter como referência.*

*T: e qual é o mercado que tu faz compra normalmente?*

*G: é no imperatriz ele fica lá na pracinha.*

*T: tu vai lá sozinho?*

*G: eu consigo ir sozinho.*

*G: você viu que o piso guia passa pertinho do poste ali?*

*T: sim eu achei o poste. Risos.*

*G: mas ele não bate no poste pelo menos.*

*(Viramos à esquerda e começamos a subir o morro da Serrinha.)*

*G: aqui vamos subir um morrinho.*

*Aqui normalmente eu uso a lateral e tem o piso guia também, como desce muita gente eu dou o lado da rua pra eles e fico mais no canto. Faço isso pra definir um lado pra pessoa poder passar.*

*G: cuidado aí que tem uma caixa de internet, telefone. (Falou isso batendo com a bengala no poste.)*

*G: daí o piso guia morre aqui só tem outro lá na frente. Mas essa calçada é tranquila, dá pra andar. Tem essa referência de parede. Aqui é um condomínio eu acho. Sentiu o vazio que bateu na bengala? Aí é a entrada de um condomínio. Aí é uma outra entrada, aí logo quando vem esse vazio tem um degrauzinho, é o único obstáculo que tem o resto é bem de boa.*

*T: aqui é uma entrada de carro né?*

*G: sim, mais planinho.*

*G: aí, sentiu o mais fresco agora?*

*T: sim.*

*G: é um sombrão que tem que é uma referência muito boa pra mim.*

*T: acho que tem um prédio aqui?*

*G: é uma outra entrada de garagem.*

*G: já tá chegando já.*

*Nessa árvore é a única faixa de pedestre, que quando eu desço no ponto de ônibus do lado de lá e atravesso na faixa de pedestre que é a única referência essa árvore gigante, que faz essa sombra. Então é minha referência também. Daí logo depois daqui já acha o piso guia.*

*T: e essas referências foi o Igor que te ensinou?*

*G: aqui eu aprendi sozinho. Eu aprendi a técnica com ele, de descobrir essas sensibilidades e aí eu fui descobrindo sozinho. Aqui tem outro piso guia que vai dar direto no meu apartamento. Aqui a gente vai pelo piso guia e já faz a curva pros apartamentos, tem piso guia até a porta.*

*(Depois de nos despedirmos ele me explicou como chegar no ponto de ônibus, falou da referência que depois do lugar da calçada onde tem areia e umas pedras logo a direita já é o ponto.)*